

# LIGA NACIONAL

DE

## INSTRUÇÃO

### ARQUIVO DOS SEUS TRABALHOS

SÉRIE III = N.º 1, 2, 3 e 4

JANEIRO A DEZEMBRO DE 1917



SEDE PROVISÓRIA DA LIGA — SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

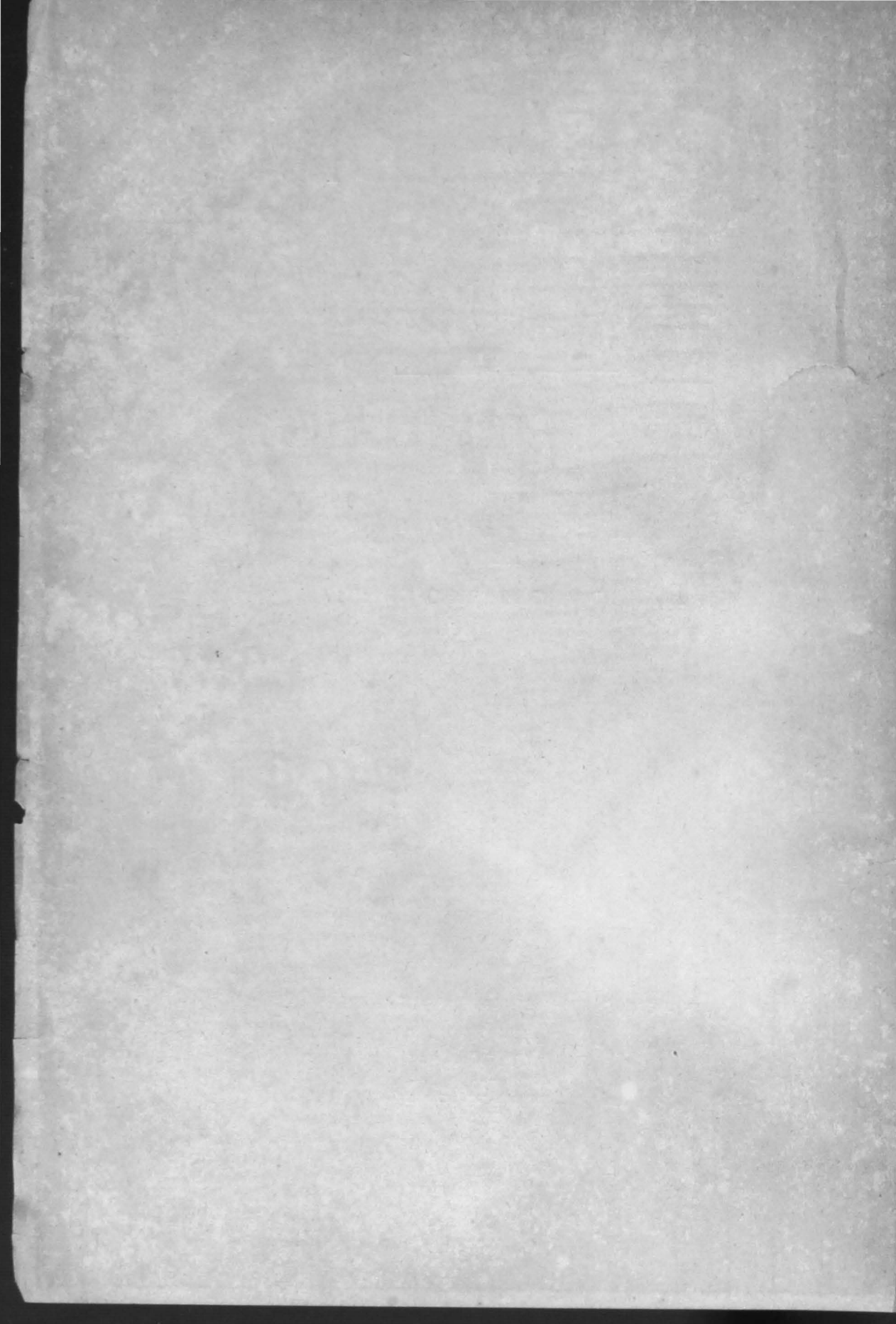
RUA DE EUGÉNIO SANTOS

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1918

Sala	5
Gab.	37
Est.	18
Tab.	16
N.º	







Almeida Garrett

# LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

## ARQUIVO DOS SEUS TRABALHOS

Série III—N.ºs 1, 2, 3 e 4

Janeiro a Dezembro de 1917

### SUMÁRIO

- Almeida Garrett e o Conservatório—P. 1.  
Instrução Primária na Índia Portuguesa—P. 9.  
Extracto das actas das reuniões da Direcção da Liga—P. 25.  
Balancetes mensais da Liga Nacional de Instrução, de Setembro de 1916 a Agosto de 1917—P. 23.  
Balancete geral do ano económico 1916-1917—P. 30.  
Publicações recebidas—P. 31.  
Canções Escolares—P. 32.  
Cursos subsidiados pela Liga—P. 32.  
Mapas estatísticos dos cursos que funcionaram no ano lectivo de 1916-1917—P. 35.  
Mapas estatísticos da matrícula nos cursos que começaram a funcionar no ano lectivo de 1917-1918—P. 75.

### Almeida Garrett e o Conservatório

Em Portugal, assim como Bocage é mais conhecido pela tradição boémia, satírica e obscena, isto é, pela sua feição mais inferior, assim Almeida Garrett vive, entre o vulgo, principalmente pelo cisco anecdótico da sua personalidade mundana. Todos conhecem o chinó, a mania de encurtar a idade, que já manifestava aos vinte e tantos anos, o seu mundanismo de casquilho frívolo, subindo o Chiado e parando a cada montra para disfarçar o cansaço do corpo devastado e para estudar as modas do dia, entretendo depois as damas com a galantaria táful dos trapos femininos. Todos chamam, sorrindo, a sua vaidade incomensurável, que muitas vezes seria apenas um desafio irritante à inveja e à mediocridade contemporâneas. É essa feição inferior, duma das mais poderosas individualidades da nossa literatura, predomina na voga banal da sua celebridade.

Garrett, o galanteador impenitente, peralvilho, adamado, gracioso e irónico, que vemos erguer das suas obras e das confusas e prolixas *Memórias de Amorim*, é ao mesmo tempo o paciente coleccionador do *Romanceiro Nacional*, indo de terra em terra à busca das versões populares mais características e encantadoras; é o evocador de

---

D. Branca e de Camões; o finíssimo ironista das *Viagens na Minha Terra*; o dramaturgo, tocado pelo génio, de *Frei Luís de Sousa*; o cronista do *Arco de Sant'Ana*; o lírico das *Fóllhas Caidas*; o diplomata experimentado; o emigrado pungido pelos tormentos da saúde e da miséria; o soldado do Mindelo; o colaborador liberal das reformas administrativas e políticas; o orador fulgurante do Parlamento e das Academias; e ainda o fundador do Conservatório, o promotor da construção do Teatro Nacional e do renascimento dramático, que reatou, embora efêmeramente, as obliteradas tradições de Gil Vicente.

Estas três últimas tarefas foram uma das mais elevadas preocupações do seu espírito. Almeida Garrett tivera os primeiros triunfos, como actor e como autor, no *Catóo*, tragédia ainda moldada na feição clássica, pelo assunto, pela linguagem, pelas imagens, e em que as novas ideias de liberdade se vazavam na heróica e rígida severidade dos princípios literários tradicionais. Depois, seduzido já pelas auras românticas da Meia-Idade, evocou no *Alfageme* aquela fulgente e cândida era de heroísmo em que a espada do Condestável se desembainhou, imaculada e justiceira, para as formosas vitórias da independência nacional.

No *Auto de Gil Vicente* reconstituiu a côrte faustuosa de D. Manuel. E por fim, na convalescença duma canelada que o redimiu de muitas frivolidades mundanas e literárias, escreveu o *Frei Luís de Sousa*, em que já lampeja genialmente a naturalidade do diálogo, o vago terror duma atmosfera de tragédia, o corte sóbrio e largo das peças mais renovadoras do teatro contemporâneo.

Ele amava profundamente o teatro vicentino e também ensaiou a veia cómica em sainetes ligeiros e improvisos de salão. Amava os autos que encantaram e satirizaram a côrte de D. Manuel e em que, a par dos mistérios religiosos da Idade-Média, se agita e vive o nosso povo, desde o ganhão despeitado de Deus e a Mofina despeitada da sorte, até o frade do Paço e o fidalgo agravado de dívidas insoldáveis.

A tradição vicentina e, de um modo geral, a tradição dramática genuinamente nacional, perderam-se, sendo as obras de António Ferreira, Camões, D. Francisco Manuel de Melo e do *Judeu*, meras balizas remotas num sáfaro terreno abandonado. Garrett prègou, com o mais nobre e convincente exemplo — o das suas obras — a necessidade de fazer ressurgir o teatro nacional; conseguiu, ao cabo dalguns anos de esforços, erguer, nas ruínas do Palácio da Inquisição, um delicado templo de arte; e levou os poderes públicos a fundarem o Conservatório, cuja direcção lhe coube gratuitamente, com o cargo de Cronista-mor do Reino.

\*

Encontramos em Gomes de Amorim, nas suas *Memórias Biográficas*, a documentação dos serviços que Garrett prestou no Conservatório.

Passos Manuel, que lhe chamou o *homem da pena de ouro*, por portaria de 28 de Setembro de 1836 incumbiu-o de propor, sem perda de tempo, um plano para a fundação e organização dum teatro nacional, em Lisboa «o qual, sendo uma escola de bom gosto, contribua para a civilização e aperfeiçoamento moral da nação portuguesa, e satisfaça aos outros fins de tam úteis estabelecimentos, informando ao mesmo tempo acêrca das providências necessárias para levar a efeito os melhoramentos possíveis dos teatros existentes».

A 12 de Novembro do mesmo ano, Garrett apresentava o relatório que acompanhou o projecto para a criação da inspecção geral dos teatros e espectáculos nacionais, construção do Teatro de D. Maria II e criação do Conservatório Geral de Arte Dramática.

Referindo-se aos seus achaques e à impossibilidade de produzir trabalho que o satisfaça e falando das recordações de projectos e estudos da sua primeira e ditosa idade, Almeida Garrett afirma que Passos Manuel é «o Ministro mais sinceramente patriota que Vossa Majestade ainda se dignou chamar a seus conselhos e o primeiro que, de coração e puro zêlo, se tem dado a melhorar radicalmente a sorte da nossa desgraçada terra» e que o desejo de o coadjuvar reavivou suas extintas forças.

Dirigindo-se à rainha, continua: «Senhora, o teatro português nasceu no palácio de nossos reis; ao bafô e amparo dos augustos avós de Vossa Majestade se acendeu e brilhou o facho luminoso que depois foi ilustrar outros países. Logo o perdemos, que nos não iluminou mais; mas a glória de o haver acendido não ficou menos aos senhores reis de Portugal, a quem tanto deve a civilização da espécie humana e o progresso das nações modernas. O mesmo génio poderoso que mandava descobrir a Índia, e que alterava o modo de existir do universo, mandou também abrir a scena moderna da Europa. E o senhor rei D. Manuel tanto achou em Portugal os ânimos e corações de Vasco da Gama e de Pedro Nunes como os talentos dêste e os de Gil Vicente... Esecusado é recordar que, entre as jóias que da coroa portuguesa nos levou a usurpação de Castela, não foi a menos bela esta do nosso teatro. Como o senhor rei D. Manuel deixou pouco vivedoura descendência, também o seu poeta Gil Vicente deixou morredouros sucessores. Outros pendões foram fazer a *conquista, navegação e comércio* dos altos mares, que nós abandonámos; outras musas occuparam o teatro que nós deixámos. E, desta última glória perdida, nem sequer memória ficou nos títulos de nossos reis. Mas tudo nos tem sempre assim ido em Portugal, cujo fado é começar as grandes cousas do mundo, vê-las acabar por outros — acordarmos depois à luz, — distante já do facho que acendêramos, olhar à roda de nós, — e não ver senão trevas!

Com efeito, desde aquella época nunca mais houve teatro português. Todos os povos modernos foram, uns após outros, pelo caminho que nós encetámos, adiantando-se na carreira dramática; nós voltámos para trás, e perdemos o tino da estrada, que nunca mais acertámos com ella.

Alguns esforços, algumas tentativas se têm feito, assim por individuos como pelo Governo; todos infructuosos, porque se não deu

impulso simultâneo aos três elementos, que é preciso criar, porque nenhum deles existe.

Nem temos um teatro nacional, nem um drama, nem um actor. Os *Autos de Gil Vicente* e as óperas do infeliz António José foram nossas únicas produções dramáticas verdadeiramente nacionais. Umás e outros, ainda que por motivos diferentes, são obsoletos e incapazes da scena<sup>4</sup>.

! Mas em Portugal há talentos para tudo, há mais talento e me- nos cultivação que em país nenhum da Europa!

Basta que Vossa Majestade se digne evocar do cáos os elementos que aí lutam, e uma criação bela e grande surgirá à sua voz; tal que Vossa Majestade se comprazerá nas suas obras, e alcançará na opinião do mundo um dos mais illustres títulos com que a história honra os príncipes — o de protector das boas artes».

A 15 do mesmo mês, era assinado um decreto, fundando o Conservatório Geral da Arte Dramática, devendo ter, além da escola dramática, uma escola de música, uma escola de dança, de mímica e de gymnástica especial. Organizava também a inspecção geral dos teatros. Mas o Conservatório não se constituiu logo, como tanto desejava Garrett. Um decreto de 12 de Janeiro de 1837 estabeleceu o novo instituto, onde ainda hoje está, no Convento dos Caetanos. Um ano depois, uma lei (de 7 de Abril de 1838) marcava os ordenados dos professores. Em 24 de Novembro d'este ano, Almeida Garrett, num novo relatório, explicava que muitas e quasi invencíveis difficuldades o tinham impedido de formar o plano de estatutos das escolas do Conservatório, que submetia nesse dia à aprovação régia. Pede a protecção de D. Maria II para o estabelecimento que se fundara há pouco e de que esperava a regeneração do teatro portuguez.

o de 24 de Maio de 1841, e referendado por Rodrigo da Fonseca Magalhães, o decreto aprovando os estatutos do Conservatório Rial de Lisboa, com as escolas que o acampanham e a Sociedade Literária e Artística anexa, de que foram sócios nacionais e estrangeiros distintos. Foi esse o último trabalho com que Garrett procurou vivificar a sua obra. Daí por diante a política, as perseguições, a inércia, a indiferença do meio, desvirtuaram a sua louvável e intelligente iniciativa.

No Parlamento, para que acabava de ser eleito, Garrett collaborou com o Governo na criação das Academias e Escolas de Belas Artes de Lisboa e Pôrto, e na fundação do Pantheon. Nomeado inspector geral dos teatros, a sua preocupação dominante era, além do desenvolvimento do Conservatório, a construção dum teatro nacional e a formação dum reportório de peças portuguezas. Foi sua a idea de se construir o actual Teatro Nacional, cuja realização

---

<sup>4</sup> As adaptações vicentinas de D. João da Câmara e Afonso Lopes Vieira mostraram que Garrett se enganara. O público, ao ouvi-las, sente uma deliciosa, ainda que efémera, impressão de frescura, que o repousa da derrancada cozinha dramática franceza.



êle não dirigiu e cuja responsabilidade, quanto aos defeitos, por isso rejeitou. Protegia com imensa simpatia todos os novos e, mesmo com os primeiros rebates da velhice, que a morte tornou bem curta, comprazia-se no convívio dos rapazes de talento, animando os cenáculos despretensiosos, como o de Gomes de Amorim, na sua modesta casa de estudante pobre.

Cultivar a literatura dramática, dando-lhe um teatro e artistas condignos, era a sua maior aspiração. «Para isso (diz o próprio Garrett, numa autobiografia manuscrita, que Gomes de Amorim transcreve), ao pé das escolas que já existiam na Casa Pia, e que fez transportar para o centro de Lisboa, criou uma espécie de academia, composta dos professores e artistas, de homens de letras, de homens influentes, de tudo que lhe pareceu que mais ou menos podia concorrer para o fim proposto. Ligou esta instituição com a inspecção dos teatros, entregou-lhe a censura dramática que até então andava por mãos leigas, e quando menos iliteratas, instituiu prémios e concursos, e, renunciando a toda a glória e vaidade, pôs-se êle próprio a trabalhar na reputação alheia, revendo, dirigindo e encaminhando os esforços dos que procuravam o seu auxílio».

Fundou se a *Revista do Conservatório de Lisboa*, em que, entre outros artigos, se publicaram elogios históricos de sócios falecidos, pronunciados em sessões solenes, alguns escritos por Herculano, Garrett, Castilho e José Estêvão.

A parvoíce e ignorância ambientes incomodavam-no e irritavam-no, na sua tarefa elevada. Um delegado seu, do Conservatório, no Pôrto, chegou a perguntar-lhe se tinha direito a substituir os bancos por cadeiras, no seu camarote! Apesar das suas occupações e trabalhos de parlamentar, juiz do Tribunal do Comércio e de questões íntimas que o apoquentavam, Garrett, na primavera de 1838, escreveu *Um auto de Gil Vicente*, para prègar com o exemplo o rumo que deviam seguir os dramaturgos incipientes. Cedeu os direitos de autor da representação desta peça para o cofre das escolas do Conservatório. E corrigia ou refazia muitas das peças que lhe passavam pelas mãos.

Herculano e Castilho auxiliaram Garrett e na Academia do Conservatório, em sessões públicas, foram lidas muitas obras, a maior parte mediocres, mas que permitiram o aparecimento dalguns escritores de valor, como o já hoje esquecido Mendes Lial.

Emília das Neves, a *linda Emilia*, como lhe chamaram os contemporâneos, não passou pelo Conservatório, mas deveu a Garrett, que se encantara com a sua beleza, a sua figura e a sua voz, os melhores incitamentos para a estreia.

Dava-lhe versos a ler, ensinava-lhe a recitar os papéis, ofereceu-lhe todos os vestidos para o *Auto de Gil Vicente* e recomendava-lhe que lêsse romances e a história de todos os personagens que desempenhasse. Destinava-lhe o papel de Madalena, no *Frei Luís de Sousa*, mas a illustre actriz não chegou a representá-lo. Tasso, Epifânio, Rosa, muitos outros, foram distinguidos com a protecção e a benéfica influência de Garrett. O teatro da Rua dos Condes reu-

niu, durante muito tempo, o melhor grupo de actores da época. Almeida Garrett recomendava-lhes que não declamassem à francesa, estudassem a nossa língua, não arrastando as palavras, por ser pior que declamar mal.

O grande escritor promoveu a publicação do decreto de 12 de Outubro de 1838, criando prémios do Conservatório para as peças originais. Pouco depois apresentava a lei de propriedade literária, tendo já antes ensaiado formar uma espécie de associação de seguro mútuo entre os autores, para se protegerem contra as tiranias dos empresários.

\*

Folheando os prefácios do *Auto de Gil Vicente* e do *Frei Luís de Sousa*, verificamos que Garrett tinha uma alta concepção do teatro, sobretudo para a sua época. Fazendo notar a decadência absoluta que atingiu a produção dramática depois das esplêndidas obras vicentinas, o ilustre escritor abre a *Introdução* do *Auto* com estas palavras: «Em Portugal nunca chegou a haver teatro; o que se chama teatro nacional, nunca; até nisso se parece a nossa literatura com a latina, que também o não teve. A scena romana viveu sempre de empréstimos gregos, nunca houve renda própria; a nossa andou fazendo «operações mixtas» com a Itália e Castela, até que fatigada duma existência difícil, toda de privações e sem glória, arriou a bandeira nacional, que nunca içara com verdadeiro e bom direito, e entregou-se à invasão francesa». E logo adiante acrescenta: «... E todavia Gil Vicente tinha lançado os fundamentos duma escola nacional. Mas foi como se a pintura moderna acabasse no Perugino.... A causa desta esterilidade dramática, desta como negação para o teatro em um povo de tanto engenho, em que outros ramos de literatura se têm cultivado tanto...<sup>1</sup> não se pode explicar, dizem todos, e eu também o tenho dito. Mas é que nada se acha sem procurar....

O teatro é um grande meio de civilização, mas não prospera onde a não há. Não têm procura os seus produtos enquanto o gosto não forma os hábitos e com eles a necessidade. Para principiar, pois, é mester criar um mercado factício. É o que fez Richelieu em Paris, e a corte de Espanha em Madrid, o que já tinham feito os certames e concursos públicos em Atenas, e o que em Lisboa tinham começado a fazer D. Manuel e D. João III<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> A esterilidade, a que se refere Garrett, contrasta com o ininterrupto florescimento da poesia lírica portuguesa. O próprio romance só no século XIX teve constantes e belos cultores. O teatro vive sobretudo da acção; a poesia lírica é a expressão mais predilecta das naturezas contemplativas. Esta feição contemplativa parece ter sido, em todos os tempos, o refúgio delicado e sonhador em que repousamos das grandes emprêzas de conquista, navegação e descobrimento.

<sup>2</sup> É bem característico o que succedeu em Lisboa, nos últimos anos, com os concertos sinfónicos. Depois de falharem algumas tentativas, o maestro Pedro

Depois de criado o gosto público, o gosto público sustenta o teatro: é o que succedeu em França e em Espanha; é o que teria succedido em Portugal se o misticismo belicoso de el-rei D. Sebastião, que não tratava senão de brigar e rezar,—e logo a dominação estrangeira que nos absorveu,—não tivessem cortado à nascença a planta que ainda precisava muito abrigo e muito amparo.

Num rápido esboço, Garrett mostra como a indiferença ou a má vontade, em todas as épocas, desde o século XVII até o século XIX, contrariaram o renascimento do teatro nacional. Depois, referindo-se ao seu tempo e à sua obra, acrescenta: «Fizeram-se Escolas e Academias, decretou-se o Pantheon... Decretou-se também o Teatro Nacional e o Conservatório Dramático... Ora eu, que sou um pobre homem, gostei do Pantheon e do Teatro Nacional e do Conservatório; mas não cria muito neles — não por elles em si, que são muito possíveis e factíveis — mas porque sei onde vivo e com quem».

Queixa-se dos que inútilmente tentaram ridicularizar os seus esforços a favor do teatro nacional e em seguida lançaram mão da intriga e da calúnia. «Veio a religião, veio a economia, chamou-se tudo para anatematizar um pobre instituto inocente, cuja despesa é insignificante, cujo proveito é tamanho.

— Que proveito?

— O de criar um teatro nacional que não temos.

— Como?

— Dirigindo a censura teatral, como faz; encaminhando os jovens autores na carreira dramática, como fez a tantos; formando actores, como está fazendo — devagar, que isso é o mais difficil de tudo — edificando uma casa digna da capital duma nação culta, como também já principiava a fazer.

Se há defeitos na instituição, emendem-nos, mas não destruam, que é de bárbaros; não caluniem, que é de vilões».

Mais adiante diz: «... Para fazer a casa era preciso muito dinheiro, e eu sou pobre; para formar actores, muito tempo, e eu tenho pouco; para fazer um repertório, a isso posso eu ajudar (em terra de cegos), e, apenas tive um instante de descanso, pus-me a fazer um drama».

Esse drama é *Um Auto de Gil Vicente*, obra interessante, que não se pode comparar à admirável composição do *Irei Luis de Sousa*, mas que, pela evocação da época e da corte de D. Manuel, pelas figuras dos seus fidalgos e cortesãos, sobretudo Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, pelo cunho nacional do assunto e da linguagem contribuiu para o efémero renascimento do teatro português. A sua obra não vingou e a má vontade dos invejosos e dos inimi-

---

Blanchet conseguiu, aproveitando em parte o gosto dos iniciados e em parte o snobismo mundano, criar um auditório seguro, cada vez mais numeroso, para a execução das melhores obras dos grandes compositores antigos e modernos. ¿ O que se conseguiu para a música, porque não se há-de alcaçar para as palestras de literatura e arte e para o teatro?

gos políticos provocou o que Almeida Garrett chamou «a quinta crise do teatro português», sendo a primeira o fanatismo de D. Sebastião e a perda da independência, a segunda o sacrificio do *Judeu* nas fogueiras da Inquisição, a terceira a voga da ópera italiana e o encarceramento de Correia Garção e a quarta a invasão das «macaquices francesas».

\*

Depois de demittido de director do Conservatório, não deixou Garrett de contribuir para o aperfeiçoamento do teatro nacional. Ao escrever a sua obra prima, apresentou-a ao Conservatório, com uma memória, em testemunho de homenagem pela instituição que fundara.

A história de Frei Luís de Sousa, como a de Inês de Castro, diz Garrett, são assuntos «mais talhados para se moldarem e vazarem na solenidade severa e quasi estatuária da tragédia antiga, do que para se pintarem nos quadros, mais animados talvez, porém menos profundamente impressivos, do drama novo—ou para se entrelaçarem nos arabescos do moderno romance... Na história de Frei Luís de Sousa... há toda a simplicidade duma fábula trágica antiga. Casta e severa como as de Eschylo, apaixonada como as de Eurípedes, enérgica e natural como as de Sophocles, tem, demais do que essontras, aquella unção e delicada sensibilidade que o espirito do Cristianismo derrama por toda ella, molhando de lágrimas contritas o que seriam desesperadas ânsias num pagão, acendendo, até nas últimas trevas da morte, a vela da esperança que se não apaga com a vida... Nem amores, nem aventuras, nem paixões, nem caracteres violentos de nenhum género. Com uma acção que se passa entre pai mãe e filha, um frade, um escudeiro velho e um peregrino que apenas entra em duas ou três scenas—tudo gente honesta e temente a Deus—sem um mau para contraste, sem um tirano que se mate ou mate alguem, pelo menos no último acto, como eram as tragédias de antes—sem uma dança macabra de assassínios, de adultérios e de incestos, tripudiados ao som das blasfêmias e das maldições, como hoje se quiere fazer o drama—eu quis ver se era possível excitar fortemente o terror e a piedade...»

Declarou Garrett, ao ler a Memória, que oferecia a sua obra ao Conservatório de Lisboa, não só por honrar e venerar os eminentes literatos e os nobres caracteres cívicos reunidos no seu grémio, mas ainda pela confiança «numa instituição que tam útil tem sido e há-de ser à nossa literatura nascente, que tem estimulado com prémios, animado com exemplos, dirigido com sábios conselhos a cultura dum género que é a mais verdadeira expressão literária e artística da civilização do século, e reciprocamente exerce sobre ella a mais poderosa influencia... Directa ou indirectamente, o Conservatório tem feito nascer em Portugal mais dramas em menos de cinco anos do que até agora se escreviam num século».

Garrett iludia-se, ou procurava iludir-se.

A nobre simplicidade trágica do *Frei Luis de Sousa* não foi imitada. O ultra-romantismo, de faca e alguidar, fez descer o teatro nacional a essa «dança macabra de assassínios, de adultérios e de incestos, tripudiada ao som das blasfêmias e das maldições», a que o grande escritor se referia. A banalidade do drama histórico sem grandeza e sem verdade, a par da importação constante dos figurinos anuais do *vaudeville* e do drama contemporâneo francês, derancaram e desnacionalizaram cada vez mais o gôsto do público.

A herança de Garrett caiu nas piores mãos. Ainda há pouco tempo se viu, com espanto, num teatro de Lisboa, confiado à direcção artística de antigos alunos do Conservatório, representar-se um episódio dramático em que a grande e dolorosa figura de Soror Mariana, idealizada pela lenda e pelo amor, se apoucava sacrilegamente numa exhibição de histerismo e de baixa sensualidade. Essa peça medíocre era escrita por um autor que tem a maior responsabilidade official na formação dos artistas dramáticos portugueses.

A scintilla criadora do autor do *Frei Luis de Sousa* morreu. Alguém a acordará? O espirito português será realmente refractário ao génio dramático, ou bastaria, como disse Almeida Garrett, criar o gôsto público e o gôsto público depois sustentaria o teatro? Essa tarefa difficilissima mais espinhosa ainda se torna hoje, pela concorrência mercantil dos animatógrafos e pela voga odiosa das revistas do ano e das baixas comédias que entretêm e depravam os espectadores. Tal empresa não poderia ser realizada por um homem só, ainda que do valor de Garrett, mas por duas ou três devotadas e pacientes gerações de homens de letras, animados por uma competência, um patriotismo e um desinteresse admiráveis.

Câmara Reys.

## Instrução primária na Índia Portuguesa

### I

Tem sido, sob todos os pontos de vista, louvável o desenvolvimento da instrução primária na Índia Portuguesa. Terra em que a instrução educativa, vem do atavismo das velhas escolas de Pantajali, de Kapila, dos Vedantas, dos centros educativos de Bud-Gaiá, de Orissa, fazendo irradiar a sua influencia religioso-literária pela península indostânica, a Índia tem condições de ser, principalmente, um excelente viveiro de actividades educadas para as artes, indústrias, profissões liberais, etc.

Sem extensões de terras, onde possa exercer-se grandemente a industria agricola, sem largos campos onde as grandes máquinhas e as grandes empresas se implantem e prosperem, na Índia Portuguesa deve criar-se principalmente o potencial de trabalho, disciplinar-se a actividade, para que uma parte explore o que aí se acha, e possa outra emigrar, consciente e forte para a luta.

Já houve tempo em que da Índia partiam soldados, médicos, padres, artistas e mesteiros, a fecundar com o seu trabalho e a sua inteligência, todo o império colonial português. Aos filhos da Índia coube noutros tempos, desbravar matas, romper caminhos, e abrir à luz da civilização, povos e terras que bemdizem o nome português. Era a Índia uma sucursal de Portugal no Oriente. Ainda hoje o patriarcado das Índias, com a jurisdição pela África e no Extremo-Oriente, a Escola Médica de Goa, como viveiro de médicos para as mesmas regiões, a Relação de Goa abrangendo Timor e Macau, atestam vestígios dessa hegemonia velha e saudável, dos serviços que a Índia e os seus filhos prestaram, à civilização e a Portugal.

Na exposição que segue descrevo a instrução primária, tal qual actualmente existe na sua organização e funcionamento principal, permitindo-me fazer, apenas por alto, algumas reviviscências históricas, necessárias para o esclarecimento perfeito das considerações que dessa exposição farei derivar.

Direi depois, em capitúlas separadas, sobre a instrução secundária, especial e superior, igualmente documentada e actualizada como a presente. No fim farei considerações sobre a instrução pública em geral da Índia Portuguesa, com ligeiros confrontos com a doutrinas provincianas ultramarinas e comparada com a dalgumas colónias doutras nações, e em especial da Índia inglesa e francesa e Estados nativos vizinhos.

\*  
\* \*

O coeficiente do analfabetismo em Portugal, estava em média a 75 por cento, segundo as notas estatísticas do distintíssimo demologista o Professor Bento Carqueja. Na Índia Portuguesa em 1910, a percentagem dos que sabiam ler e escrever português era de 12,1, sendo 18,8 para o sexo masculino e 5,9 para o sexo feminino. Quanto à percentagem das escolas pelo número de habitantes, Portugal tinha até 1914, 6:198 escolas distribuidas em 1:277 mixtas, 2:281 privativas do sexo masculino e 2:040 do sexo feminino, isto é, 1,07 escolas para uma população de 1:000 habitantes. A Índia Portuguesa com os seus 548:248 habitantes, tinha em funcionamento 162 escolas officiais de ensino primário em 1914-1915, sendo privativas do sexo feminino 31, resultando uma escola para 3:400 habitantes. Ficam excluidas as escolas paroquiais.

Pormenorizando: havia escolas primárias de ensino do português, 142; de ensino marata, 9; de ensino guzerate, 11.

A idade escolar na Índia Portuguesa é, pela portaria provincial de 16 de Novembro de 1911, sem limite fixo, para a admissão às escolas móveis. Para as escolas fixas, vai no 1.º grau, até os 16 anos, e no 2.º grau até os 20 anos. Segundo o censo de 1910, havia 265:293 habitantes de 1 a 20 anos que não sabiam ler e escrever em português, mas havia também 63:870 crianças de idade de 5 anos ou menos que, em regra, não frequentam as escolas, isto é,

201:423 indivíduos em idade escolar e que não iam à escola. O número dos que se matricularam nas escolas de português, foi em 1914-1915, de 9:908, o que dá uma percentagem de frequência de 4,9 por cento.

Na Índia inglesa, a frequência em idade escolar regulava em 1915, por 33,9 por cento para rapazes, e 6,3 por cento para raparigas.

Será, pois, sobre a pavorosa cifra de 95,1 por cento de indivíduos em idade escolar, que deverá incidir a acção anti-analfabeta do Estado, na Índia Portuguesa.

Há no entanto uma face do problema já vencida, com a criação de várias escolas, feita pelo Governo republicano, sob proposta do governador Sr. Dr. F. M. Conceiro da Costa e depois sancionada pela lei de 3 de Abril de 1913 (Vide 1.<sup>o</sup> *Anuário da Escola Normal*, do autor). O que basta, no entanto, é mobilizar e aperfeiçoar, o que já se acha feito.

Em 1900, havia 100 escolas primárias, sendo 86 de português, 7 de marata e 7 do guzerate. O número de escolas paroquiais era de 94, e de capelarias-escolas 16. O número de alunos matriculados era de 4:092, e a população dos que sabiam ler e escrever português, era de 55:223 habitantes para uma população, de facto, de 531:798, o que dava a percentagem média de 10,3 por cento de alfabetos de português.

Duma estatística publicada no *Boletim Oficial da Índia* n.º 55, de 1898, representando a média da frequência de dez anos, de 1885 a 1895, consta que o número de matriculados era de 2:318 e de aprovados 790. O número de escolas primárias oficiais a essa época era de 96, sendo 4 de marata e 7 de guzerate, e as restantes de português.

Como nota histórica do progressivo incremento na instrução pública, dou em quadro n.º 1 o resumo estatístico de matriculados e aprovados na instrução primária, desde 1844-1845 até 1914-1915. É um quadro incompleto, por não ter aqui ainda os elementos necessários, que todos se encontram bastante dispersos por concelhos, e difficilmente coligíveis para tam longo período. Completá-los hei na *Memória sobre a instrução pública do Estado da Índia*, que tenho em preparação, por incumbência do governo provincial, por portaria n.º 348, de 16 de Julho de 1915.

## QUADRO N.º I

Nota dos matriculados e aprovados da instrução primária desde 1842-1843 até 1917-1918

Anos	Matriculados	Aprovados	Anos	Matriculados	Aprovados	Anos	Matriculados	Aprovados
1842-1843	—	—	1868-1869	2.230	1:691	1894-1895	—	—
1843-1844	—	—	1869-1870	—	—	1895-1896	—	—
1844-1845	(a) 181	592	1870-1871	—	—	1896-1897	—	—
1845-1846	—	—	1871-1872	—	—	1897-1898	—	—
1846-1847	1:264	241	1872-1873	—	—	1898-1899	—	—
1847-1848	1:319	415	1873-1874	—	—	1899-1900	5:649	1:062
1848-1849	1:311	372	1874-1875	—	—	1900-1901	5:125	1:155
1849-1850	1:361	701	1875-1876	—	—	1901-1902	—	—
1850-1851	1:400	920	1876-1877	2:076	1:015	1902-1903	—	—
1851-1852	(a) 1:134	920	1877-1878	—	—	1903-1904	—	—
1852-1853	1:585	1:079	1878-1879	1:799	510	1904-1905	—	—
1853-1854	1:736	1:160	1879-1880	—	537	1905-1906	—	—
1854-1855	1:568	1:053	1880-1881	—	—	1906-1907	—	—
1855-1856	1:310	1:202	1881-1882	—	—	1907-1908	—	—
1856-1857	1:642	1:167	1882-1883	—	—	1908-1909	—	—
1857-1858	—	—	1883-1884	3:220	691	1909-1910	—	—
1858-1859	—	—	1884-1885	3:346	713	1910-1911	—	(d) 1:145
1859-1860	1:737	1:276	1885-1886	(c) —	—	1911-1912	—	(d) 1:323
1860-1861	1:628	1:191	1886-1887	—	—	1912-1913	7:016	1:127
1861-1862	(b) 1:437	1:154	1887-1888	—	—	1913-1914	—	(d) 1:426
1862-1863	1:948	1:262	1888-1889	—	—	1914-1915	9:909	1:513
1863-1864	—	—	1889-1890	—	—	1915-1916	—	—
1864-1865	1:883	1:359	1890-1891	—	—	1916-1917	—	—
1865-1866	1:871	1:279	1891-1892	—	—	1917-1918	—	—
1866-1867	1:750	1:269	1892-1893	—	—	—	—	—
1867-1868	2:067	1:573	1893-1894	—	—	—	—	—

(a) Falta de Damão, Dio e Nagar-Aveli.

(b) Falta Novas Conquistas.

(c) De 1885-1886 a 1894-1895, encontra-se uma média de 2:318 matriculados e 790 aprovados.

(d) Notas obtidas duma notícia publicada nos jornais, da excelente *Memória do agrimensor Sr. Milagres Lôbo* apresentada ao 2.º Congresso provincial da Índia Portuguesa. A dos anos de 1912-1913 e 1914-1915 que se afasta daquelas notas, dou a do relatório oficial existente no Ministério.

A primeira notícia da instrução na Índia Portuguesa encontra-se na Carta de Afonso de Albuquerque, datada de 1 de Abril de 1512, em que elle refere, que abrija em Cochim uma escola para ensinar a ler e escrever, e que era frequentada por perto de cem moços que «eram muito agudos e tomavam bem o que se lhes ensinava e em bem pouco tempo».

O desenvolvimento da instrução primária, deve-se principalmente ao vice-rei D. Manuel de Portugal e Castro (1831), aos governadores Lopes de Lima (1841), Conde das Antas (1842), Barão de Vila Nova de Ourém (1852 a 1854), Caetano de Albuquerque (1882) e ultimamente aos Srs. Joaquim Machado, José Maria Horta e Costa e Dr. F. M. Couceiro da Costa. Notícia mais desenvolvida sobre a evolução da instrução primária e outra, na Índia, ver-se há na *Memória* a que acima fiz referência.

Do quadro n.º II que segue, vê-se a enorme percentagem de analfabetos de português, superior à dos distritos de Castelo Branco, Leiria, Beja, Faro, Bragança, onde a percentagem do analfabetismo



estava respectivamente em 84,42 por cento, 83,15 por cento, 83,91 por cento, 82,12 por cento e 81,67 por cento, e que são os piores de Portugal, quanto à instrução. Há contudo uma correcção a fazer para a Índia. A instrução primária na nossa Índia, não é só ministrada pela língua portuguesa, mas compreende o ensino pelo marata e pelo guzerate. Este facto deve corrigir e abaxiar o coeficiente do analfabetismo. Conquanto não seguro, dou um indicador para se apreciar a divergência de números, quanto ao letrismo de portuguezes, comparado com o de qualquer língua.

Se compararmos o analfabetismo de ler e escrever portuguezes do Estado da Índia, com os distritos de Portugal a que me referi, em relação ao número de escolas de portuguezes, encontra-se o seguinte, quanto ao censo das escolas primárias até 31 de Dezembro de 1915<sup>1</sup>:

Emquanto o Estado da Índia tinha 142 escolas de portuguezes, para os seus 548:242 habitantes, o distrito de Castelo Branco tinha 281 para 241:184 habitantes, o de Leiria 253 para 262:632 habitantes, o de Beja 150 para 192:499 habitantes, o de Faro 153 para 272:861 habitantes e o de Bragança 237 para 192:027 habitantes!

Não entro na apreciação do género das escolas, que o confronto é flagrantemente desagradável para o Estado da Índia, que tem apenas 31 privativas para o sexo feminino, para 85, 49, 42, 47 e 81 respectivamente nos distritos citados.

Não devo passar em claro sobre as conseqüências do facto da língua portuguesa não estar generalizada. A influência que esse facto exerce na vida pública da provincia é grave. Num discurso proferido pelo governador geral da Índia, Sr. J. Freitas Ribeiro, por ocasião da abertura do 2.º Congresso Provincial, em Fevereiro de 1918, encontra-se o seguinte, que vem a talho de foice:

«A Índia se vê de muito longe, no dizer do Vice-Rei Conde de S. Vicente, porque de séculos anda atrasada e se ouve muito tarde, porque o povo fala concanim. Se o povo indiano soubesse falar o portuguez e o gentio subisse as escadas do palácio do Idalcão para dar conta de suas dores ao governador, este o entendesse, quantas prepotências deixariam de consumir-se e quantos males se remediariam!»

Na Índia inglesa, os funcionários nomeados pela Coroa, são obrigados a estudar a língua da região em que vão servir. Entre nós, conquanto em Portugal se não ensine o concanim, os funcionários nomeados são dos que não sabem até as línguas que são ensinadas na Escola Colonial, porque os que as aprendem, não logram nomeação.

Emquanto em Portugal o portuguez é a língua materna, na Índia há verdadeiramente três línguas, uma para as Velhas Conquistas, o concanim, outra, para as Novas Conquistas, o marata, e ou-

<sup>1</sup>Notas do *Boletim Oficial* do Ministério da Instrução Pública e do *Censo estatístico de 1911*, quanto aos distritos do continente.

tra para os distritos de Damão e Dio, o guzerate. O português é a língua dos eruditos, e compreende-se a dificuldade pedagógica da orientação do ensino e da sua proficiência, quando determinada por indivíduos que não conheçam aquelas vernáculos, através das quais se faz naturalmente a evolução filológica do português, falado na Índia.

No quadro n.º II faço a síntese por concelhos, do trabalho feito, e resultado obtido, no sentido da instrução primária, em relação aos analfabetos e a frequência escolar relativa a um dos anos lectivos recentes, que pude obter<sup>1</sup>. É um quadro que, pelos dados que deixo registados, presta-se a várias considerações, que me abstenho de fazer aqui por falta de espaço.

QUADRO N.º II

	População <sup>1</sup>	Não sabem ler e escrever português <sup>2</sup>	Porcentagem dos analfabetos <sup>3</sup>	População de 1 a 20 anos <sup>4</sup>	Escolas primárias <sup>5</sup>	Frequência em 1914-1915 <sup>6</sup>	Frequência proporcional aos analfabetos de 1 a 20 anos <sup>7</sup>	Eleitores de ler e escrever português <sup>8</sup>	* Eleitores de ler e escrever qualquer língua
Estado da Índia . . .	548.242	481.908	87,09	265.293	162 <sup>9</sup>	9.908	4,9 %	12.731	14.735
Ilhas . . . . .	58.810	49.312	83,85	27.196	22	1.793	6,5 %	2.231	2.418
Salsete . . . . .	119.038	104.227	87,15	56.369	38	3.967	7,0	4.261	4.387
Bardez . . . . .	111.912	90.161	79,50	52.467	31	2.889	5,5	4.451	4.177
Pernem . . . . .	38.563	36.035	93,15	19.650	4	255	1,2	72	397
Sanquelim . . . . .	30.813	27.202	78,35	14.887	7	340	2,2	260	464
Satari . . . . .	17.982	17.289	96,35	9.041	8	69	0,76	61	67
Ponda . . . . .	48.337	43.180	89,30	23.140	7	328	1,4	363	757
Sanguem . . . . .	20.390	19.100	93,95	10.007	12	78	0,77	111	269
Quepém . . . . .	21.559	20.111	93,30	10.339	4	203	1,9	300	605
Canacona <sup>10</sup> . . . . .	19.431	18.017	92,65	9.473	7	208	2,1	110	530
Damão . . . . .	18.300	16.289	88,90	9.376	5	308	3,2	218	408
Nagar-Aveli . . . . .	29.020	28.474	9,82	15.639	7	150	0,95	83	161
Dio . . . . .	14.170	12.511	88,25	7.409	5	325	4,3	90	155

<sup>1</sup> Nota do censo da população, referido a 31 de Dezembro de 1910.

<sup>2</sup> Nota da estatística oficial da instrução primária existente no Ministério das Colónias referente a 1914-1915, com os aditamentos posteriores, constantes dos Boletins oficiais do Estado da Índia.

<sup>3</sup> Não se acha incluída a frequência das escolas das circunscrições por não haver aqui registo. É a média da frequência.

<sup>4</sup> Ficam incluídas as 124 escolas de português (mixtas, privativas e as 17 das circunscrições das Novas Conquistas), a Escola Nacional e as 9 de Marata incluindo a subsidiada de Mapuçã e 11 de Guzerate.

<sup>5</sup> Incluindo Anagediva.

<sup>6</sup> O número de escolas primárias, a sua frequência e a percentagem dessa frequência, são referidos a 1914-1915, e o número de população analfabeta e os menores de 20 anos, são referidos ao censo de 1910, o que contribui para se não ser preciso nas deduções.

<sup>7</sup> É o recenseamento político relativo a eleições de Deputados e Senadores no ano de 1917. Em 1916 eram 12.851, e em 1915 eram 12.412 eleitores.

<sup>8</sup> É o recenseamento político de eleitores para os corpos administrativos, nos termos da Carta orgânica decretada em 27 de Junho de 1917, ora revogada. Sob a rubrica Salsete estão incluídos os 431 eleitores, do novo concelho de Mormugão.

### Variedade da instrução primária

O ensino primário na Índia Portuguesa é ministrado: quanto à língua em escolas de português, marata e guzerate; quanto à qualidade dos institutos de ensino, em oficiais e particulares; quanto ao

<sup>1</sup> Graças à amabilidade do pessoal da 1.ª Repartição e, em especial, do Sr. Pires Avelano, e da secção das alfândegas do Ministério das Colónias.

grau em escolas elementares ou do 1.º grau, e simultâneas (1.º e 2.º grau); quanto aos sexos em escolas privativas e mixtas. Deve-se integrar nesse ensino de carácter rudimentar e geral, as primeiras classes dos colégios particulares de inglês que existem disseminados e com numerosa frequência, cuja estatística se não sabe.

As escolas de marata, que são todas mixtas e do 1.º grau, acham-se, em regra, nos dos concelhos das Novas Conquistas. As de guzerate, em Damão, Nagar-Aveli e Dio. No entanto, há só uma escola de guzerate do 1.º e 2.º grau, em Dio. Últimamente, pela portaria provincial n.º 294, de 30 de Junho de 1914, foi criada uma escola mixta de ensino elementar de português, marata e guzerate em Amely, no concelho de Praganã, a título de experiência.

Além desse ensino nas escolas oficiais, há-o nas escolas particulares, e nas escolas paroquiais a cargo dos mestres-capelas. Estas últimas são calculadas próximamente em 97, são mantidas pelas fábricas e confrarias das igrejas, são superintendidas pelo pároco e destinam-se a ensinar às crianças ler e escrever doutrina, o catecismo, ajudar a missa, tocar rabeça, órgão, cantar a missa, etc. São instituições bastante antigas, atribuindo-se a D. João III, em 1546, a sua instituição.

O Padre F. de Sousa, no seu valioso livro *Oriente Conquistado*, refere-se a uma ordem de D. João III pela qual foi mandada para a Índia, em 1548, uma missão de 9 meninos órfãos «provetos na virtude e primeiras letras, destros nas solfas e variedade de instrumentos musicais, que foram os primeiros mestres da capela do Seminário de Goa e os primeiros que imitando na Índia os nove coros dos anjos, serviram ao culto divino oficiando as missas a canto de órgão».

A elas se devem importantes serviços na instrução popular da Índia Portuguesa, até à instituição das duas primeiras escolas primárias devida ao Marquês de Pombal, pela provisão de 6 de Novembro de 1772. Até 1910 havia também 16 capelarias-escolas nas Novas Conquistas, em que o capelão dava missa, doutrinava e ensinava a ler e escrever, nos termos do decreto de 14 de Dezembro de 1880.

Como tipos de escolas e para arquivo histórico da sua evolução, merecem menção as escolas de primeiras letras criadas por D. Manuel de Portugal e Castro na sede dos quartelamentos, por sua portaria de 5 de Setembro de 1831; escolas lencastrianas em 1841 em Pangim e Margão, onde era adoptado o modo de ensino mútuo; escolas elementares de tipo simples nas Novas Conquistas (língua, gramática portuguesa e quatro operações) sem ensino religioso, criadas pelo Conde das Antas por sua portaria de 14 de Novembro de 1842; escolas promiscuas em Damão (1843 e 1857), em Dio (1854), onde além do ensino de primeiras letras, havia o ensino da língua, gramática portuguesa e latina, ortografia, aritmética e história pátria; escolas mixtas de português e marata, criadas pelo Visconde de S. Januário por portaria de 10 de Julho de 1871, em substituição progressiva das existentes ao tempo, nas Novas Conquistas; tipo idêntico foi adoptado pelo governador J. Machado para uma escola

em Valpoy (Satari), por portaria de 22 de Outubro de 1897. Todos esses tipos desapareceram, porque a experiência demonstrou serem pouco práticos e pouco proveitosos. Não obstante, foi criada em 1914 a título de experiência, como se diz na portaria, uma escola em Ameli, a que acima fiz referência. Essa escola devia ficar instalada a 15 de Julho desse mesmo ano, e não tenho conhecimento dos seus resultados até hoje, nem sei se principiou a funcionar.

Nos colégios do ensino particular de inglês, espalhados por todo o distrito de Goa, desde 1897, em número de 46 próximamente<sup>1</sup>, haverá, pela portaria provincial n.º 170, de 8 de Abril de 1913, ou classes de ensino primário de português (1.º grau), ou obrigatoriedade de admissão no colégio, com certidão do 1.º grau, para os alunos de nacionalidade portuguesa.

Como escolas de ensino primário livre, há hoje relativamente poucas, algumas com subsídios pelo-fundo escolar (*grant in aid*), nos termos da portaria provincial de 14 de Julho de 1899, como o que foi concedido à escola de ensino de marata em Mapuçá, por portaria de 19 de Outubro de 1912, com a condição de ministrar também o ensino do português.

Quanto ao ensino do sexo feminino, já vinha desde 1859 a idea de se montar, por subscrição pública, um colégio de educação, sob a direcção de professoras recrutadas na metrópole. O governador F. Pestana tivera sérias dificuldades para montar a primeira escola do sexo feminino, em 1846.

No *Boletim Oficial* n.º 27, de 1850, aparece a noticia de que o Arcebispo prestacionava cinco meninas para frequentarem a escola da capital.

Para o colégio acudiram contribuições de Macau, de Moçambique e de dentro da Índia<sup>2</sup>. Em 2 de Janeiro de 1875 mandava-se instalar uma escola primária da 2.ª classe no Recolhimento de Nossa Senhora da Serra, com um programa de conhecimentos necessários para a educação da mulher. Não vingou. Em 1878 uma comissão de cidadãos de Salsete foi representar ao Governo para a efectivação dessa educação. O jornalista Dr. José Inácio de Loiola pugnava calorosamente pela idea. A portaria n.º 86, de 6 de Fevereiro de 1882, do governador Caetano de Albuquerque, criava por fim três colégios de meninas nos três concelhos das Novas Conquistas. Mas não chegou a efectivar-se. Só em 1901, a «Associação das irmãs hospitaleiras dos pobres por amor de Deus» montava um «Colégio de Nossa Senhora da Piedade» com os seus estatutos aprovados por portaria n.º 333, de 29 de dezembro desse ano, o qual em 1911 foi substituído pela Escola Nacional do sexo feminino.

<sup>1</sup> Segundo o relatório do reitor do Liceu Nacional de Nova Goa, referido ao ano lectivo de 1910-1911, havia institutos de ensino inglês 46, sendo escolas 36 e colégios 10. Das escolas havia nas Ilhas 6, Salsete 13, Bardez 17. Dos colégios havia em Salsete 3, Bardez 7. Há, além disso, um Colégio em Pondá, onde se ensina também o inglês.

<sup>2</sup> Em 1871, o governador Visconde de S. Januário declarava ter recebido e endossado uma letra de 5:238 rupias, 3 anás e 8 pies, recebidos de Macau.

Esta Escola, embora tenha a feição de instituto privativo do sexo feminino, foi criada com o carácter de provisória pela portaria provincial de 4 de Janeiro de 1911, confirmada por decreto de 29 de Março do mesmo ano.

Tem, além de aulas anexas de francês, bordados, etc., uma classe infantil, as classes correspondentes do 1.º e do 2.º grau, com o mesmo programa vigente para outras escolas primárias. O da classe infantil tem português, contas Fröbel, labores, desenho e gymnástica.

E permitida a frequência, com ou sem semi-internato, às crianças do sexo masculino de cinco a sete anos, pela portaria provincial de 6 de Fevereiro de 1911.

### Programa de ensino

O regulamento vigente do ensino primário na Índia Portuguesa, é o decreto de 27 de Maio de 1907, com as alterações feitas pelo governo provincial, por sua portaria n.º 504, de 16 de Novembro de 1911, e outras posteriores, que a propósito terei de citar.

O programa nas escolas de português 1.º grau compreende: leitura, escrita, operações fundamentais de aritmética, noções de sistema métrico principalmente com aplicação à mensuração e pesagem, moedas, medidas e pesos indianos, elementos de desenho linear, exercícios de gymnástica elementar e jogos ao ar livre, rudimentos de agricultura do país, ligeiras noções de economia doméstica, rudimentos de canto e música. Para meninas, trabalhos de agulha e labores.

Sobre este facto de às meninas se exigir quasi todos os conhecimentos obrigatórios para rapazes e mais os próprios do sexo, há umas interessantes observações numa *Memória* apresentada à Conferência sanitária da Índia, em 1914, sobre a *Higiene do sexo feminino* pela professora oficial Maria Ermelinda dos Stuarts Gomes, que citarei na segunda parte deste capítulo.

O programa do 2.º grau compreende todas as matérias do 1.º grau, e mais: conhecimento elementar e prático da gramática portuguesa, noções rudimentares das sciências naturais applicáveis à agricultura, à hygiene e à indústria do país; exercícios de sistema métrico e prático, de operações aritméticas em números inteiros, decimais, fracções e complexos para resolução dos problemas de uso comum; elementos de corografia de Portugal e suas colónias, noções elementares de cronologia, cosmografia e geografia; história pátria colonial; noções de educação cívica; elementos de desenho linear geométrico e cópia à vista de objectos simples.

A distribuição desses conhecimentos em plano-hórario, foi regulamentada pelo inspector que foi, o general médico, Sr. José Maria da Costa Alvares, chefe do serviço de saúde aposentado.

O programa do ensino nas escolas elementares, criadas por portaria provincial n.º 172, de 8 de Abril de 1913, nas sedes das circunscrições das Novas Conquistas, e confiadas à regência dos ama-

nuenses das mesmas, compreende: ler, escrever a língua portuguesa e fazer as quatro operações fundamentais. Acha-se regulamentada pelas respectivas instruções publicadas, e foi determinado por portaria de 1 de Março de 1916, que os alunos dessas escolas, fizessem exame como de escolas oficiais do 1.º grau, na escola oficial mais próxima.

O programa das escolas de marata, compreende, pelo decreto de 18 de Novembro de 1910: 1.ª classe: leitura e escrita em caracteres balbod, silabário, contagem de algarismos, taboada de multiplicação até 20; 2.ª classe: leitura e escrita também em caracteres moddy, ditado; numeração, operações fundamentais, geografia e corografia da Índia, noções de desenho; 3.ª classe: leitura e escrita de prosa e verso, recitação de poesias e inteligência de sentido; operações de quebrados, decimais e complexos, medidas lineares, de superfície, de volume e de capacidade. Estere e sua aplicação.

O programa do ensino do guzerate compreende, pela portaria provincial n.º 552, de 3 de Novembro de 1913: no 1.º grau, leitura, escrita, aritmética, lição de cousas, gramática, geografia, desenho e gymnástica; no 2.º grau, além das matérias do 1.º mais desenvolvidas, a geometria, história pátria, agricultura, higiene, economia doméstica, rudimentos de sciências naturais e educação cívica. E ensina-se a compreender e falar praticamente o português.

Da exposição do programa dos trabalhos, sobretudo nas escolas primárias de português, se vê quam divorciado andou, quem o organizou, limitando-se a copiar o que em Portugal se legislou, embora incidentalmente se diga o habitual chavão: que deverá ser alterado na parte respectiva segundo as necessidades locais, e uma e outra vez se fale no ensino da agricultura e geografia das colónias.

Se o ensino secundário poderá ter semelhança com o ministrado em Portugal, na parte clássica, o primário deve variar fundamentalmente. Adiante farei algumas considerações sobre a educação geral que resultou, a de se reproduzir mnemónicamente cousas e factos de Portugal, sem se saber nada da região, e a influência profundamente indisciplinadora e anárquica que esse programa e a sua pior execução, determinam na evolução mental do futuro cidadão indo-português e no construtivismo da sua personalidade.

### Recrutamento do magistério

O recrutamento do professorado primário oficial português é feito por concurso documental nos termos do artigo 67.º e outros do decreto de 23 de Maio de 1907, com as alterações posteriores, entre individuos diplomados com o curso da Escola Normal de Nova Goa. O do professorado para as escolas de marata e de guzerate, é feito por concurso de provas públicas, nos termos do citado decreto e portarias provinciais n.º 89, de 29 de Fevereiro de 1916, e a de 13 de Novembro de 1913.

Os professores adjuntos são habilitados apenas com o 1.º ano do curso antigo da Escola Normal (regime de 1894) ou com dois anos do actual (regime de 1907).

Podem exercêr o ensino livre, segundo o citado decreto de 1907, individuos com o curso do Liceu, da Escola Normal, um curso superior ou o curso teológico do Seminário. Aos que já tinham o título de capacidade antes dêsse decreto, obtido nos termos da portaria provincial de 5 de Agosto de 1879 e artigo 114.º do regulamento de 5 de Agosto de 1893, foi mantido êsse direito ao ensino livre, por portaria n.º 257, de 27 de Maio de 1913.

Para o aperfeiçoamento do professorado por meio de novas noções, o inspector interino que foi, o bacharel Fausto Quadros, deixou montada uma excelente biblioteca na Inspeção da instrução primária. A relação dos livros existentes acha-se publicada no *Boletim Oficial* n.º 99 da série do ano de 1916.

### Fiscalização

A idea da fiscalização do ensino nas colónias, vem desde o decreto de 15 de Novembro de 1836, reforçada depois pelos decretos de 14 de Agosto de 1845 e pelo de 30 de Novembro de 1869, pelo qual foram criados os Conselhos inspectores, seus delegados e as juntas locais. O governador Lopes de Lima determinava, por portaria de 17 de Agosto de 1841, haver uma comissão inspectora do ensino público ou Junta da direcção em cada comarca, composta do administrador do concelho, do procurador fiscal da Câmara, de dois Deputados das comunidades, eleitos pelas câmaras gerais e de um professor.

A instrução pública na Índia Portuguesa, como em outras colónias, ficou depois sob a fiscalização superior do Conselho Inspector da Instrução Pública, a que se refere o decreto de 1869, hoje Conselho de Instrução. E a do ensino primário pertence-lhe agora pelo artigo 129.º do decreto de 23 de Maio de 1907.

Para a fiscalização directa do ensino primário na Índia, que, como se viu, é composto de ensino de português, marata, guzerate e as primeiras classes de inglês, foram pelo artigo 131.º do citado decreto, e pelo decreto de 22 de Setembro de 1914, instituídas as seguintes entidades: um inspector e dois sub-inspectores. O inspector é escolhido por concurso documental entre professores officiais da metrópole, e os sub-inspectores entre os professores officiais da colónia, mediante concurso de provas, nos termos do regulamento aprovado pela portaria provincial de 29 de Janeiro de 1915.

O lugar de inspector já foi provido, e os de sub-inspectores ainda não.

Os serviços da administração do ensino público correm todos através da Secretaria do govêrno geral, salvo os de comum e rudimentar expediente que, para o ensino primário, são feitos pela inspeção da instrução primária. Em Moçambique, por portaria do govêrno provincial, de 15 de Setembro de 1917, todos os serviços da instrução foram unificados e centralizados numa secretaria, com três secções, sob a dependência do Conselho da Instrução Pública.

Para os efeitos da administração do ensino primário, a provincia

é dividida em três circunscrições escolares, duas a cargo dos dois sub-inspectores, e uma a cargo do inspector. Há uma secretaria da inspecção, com o pessoal criado pelo decreto de 17 de Agosto de 1912 (um secretário e um serventuário), e pela citada portaria de 29 de Janeiro de 1915 há um amanuense dactilógrafo; e por terem augmentado consideravelmente os serviços da mesma secretaria, foram mandados destacar, pela portaria provincial de 18 de Junho de 1917, dois professores para esse serviço no ano lectivo de 1917-1918, vencendo, além dos seus vencimentos, uma gratificação pela verba dos ordenados dos sub-inspectores não providos. As duas sub-inspecções tem um amanuense e um serventuário.

O inspector vence 1 conto annual, dividido em 360\$ de categoria, 360\$ de exercício e 280\$ de ajudas de custo. Os sub-inspectores tem cada um 200\$ de categoria e 100\$ de ajudas de custo.

A secretaria da inspecção com as suas delegações (sub-inspecções) custa ao Estado, segundo o orçamento de 1916-1917, 2.300\$.

O Conselho da instrução, que, pelo decreto de 30 de Novembro de 1869 e outros posteriores, inclusive o de 29 de Abril de 1911, era constituído pelo governador, presidente, o chefe eclesiástico, o secretário geral, um professor da Escola Médica, o reitor do Liceu, o director da Escola Normal, o inspector da instrução primária e dois vogais nomeados pelo governador, passa agora, pelo decreto de 29 de Novembro de 1917, a ter a seguinte composição: governador, presidente; seis professores eleitos pelos estabelecimentos e institutos de ensino, e três cidadãos nomeados. Um official da Secretaria do Governo Geral faz de secretário do Conselho, sem voto. Nota curiosa. O mesmo Ministro, que decretou essa constituição do Conselho da instrução para a Índia, determinou para Cabo Verde, por decreto de 8 de Outubro de 1917, que o Conselho fôsse composto de seis membros officiais e cinco eleitos, de entre os representantes populares do Conselho do Governo e das municipalidades da provincia.

### Edifícios escolares e hygiene escolar

As instalações escolares são o que há de mais ridículo na sua grande maioria. Descrevi-as sucintamente numa *Memória* intitulada *Higiene escolar*, que apresentei à Conferência sanitária da Índia portuguesa, realizada a 1 de Dezembro de 1914, festejando-se a data do 71.º aniversário, duma das reformas importantes do ensino médico na Índia. Escrevia eu:

«A grande maioria das escolas funciona em edificios alugados para curto prazo, escolhidos entre as casas de habitação particular, ali onde as há disponíveis. Basta só este facto para se ajuizar que as instalações são impróprias, não tendo dos preccitos higiênicos e pedagógicos mais que ligeiríssimas tinturas... Conhecemos instalações de escolas onde a luz entra às vezes só por uma janela, onde a sala da aula dará, por cubagem, 5 decímetros cúbicos para cada



aluno. E não erraremos, por certo, se dissermos que a maioria dos edificios escolares está em tal miséria...

Quanto à hygiene no material de ensino, nem falar nisso é bom, porque há escolas em que a mobília se cifra em poucos bancos, corridos, alguns fixos às paredes, outros simples tábuas assentes sobre pedras sobrepostas. Há escolas em que os alunos escrevem de joelhos em terra, os bancos corridos a servirem de mesas. Em certas, sentam-se no chão. Noutras localidades as escolas funcionam em varandas das capelas, de 3 metros de largura e menos. Há casas com paredes rachadas, donde emergem ratos, outras, que há dúzias de anos não receberam uma pincelada de cal, se de cal forem. Há escolas que não têm colecções de ensino de espécie nenhuma, obrigando os alunos a prodigiosos exercícos de memória. E, quando dizemos que há escolas, não são duas nem doze, são mais de 60 por cento».

Duma *Memória* apresentada à mesma Conferência pelo professor de instrução primária Luís de Meneses, colho o seguinte esclarecimento: das 108 escolas primárias officiaes existentes no distrito de Goa, em 1914, havia 59 que não tinham edificios próprios; e, das que os tinham, 79 por cento eram condenáveis.

Em 1879, segundo o relatório do notável chefe do serviço de saúde, Dr. Fonseca Torrie, das 53 escolas primárias existentes havia 25 com casa própria.

Sobre a hygiene escolar da criança, consta duma das *Memórias* apresentadas à citada Conferência, pelo professor auxiliar da Escola Médica, Refúgio Rêgo, o seguinte, que é sugestivo: em 214 alunos das escolas primárias de Pangim encontrou 64 com cárie dentária, 29 com amigdalite crónica, 9 com sarnas, etc. E o médico especialista Bernardó de Sousa, em trabalho análogo, deixou registado, sobre o exame retinoscópico feito em 88 indivíduos de idade escolar, o seguinte: hipermetropia 27, astigmatismo hipermetrópico 30, miopia 8, astigmatismo miópico 12, astigmatismo mixto 7, anisotropia 4. Sobre a forma de acudir às manifestações mórbidas nas escolas existe uma circular do inspector, o general médico Costa Álvares, datada de 24 de Julho de 1909, pela qual recomendava os professores a requisitarem a inspecção médica do delegado de saúde ou do facultativo do partido médico, caso houvesse, no caso de doença dos seus alunos. Vê-se que a circular está esquecida.

### Fundo escolar

A construção dos edificios escolares e aquisição do material pedagógico era encargo das corporações municipaes e das juntas de paróquia, segundo o disposto no decreto provincial de 17 de Dezembro de 1894, que alterou o artigo 36.º e seus parágrafos do Regulamento da instrução primária de 5 de Agosto de 1893. Posteriormente passou a pertencer ao *Fundo escolar* criado por portaria provincial de 14 de Julho de 1899, pelo governador Joaquim Machado, depois da deliberação da Junta geral da provincia, e à sujestão do

ao tempo inspector da instrução primária, o antigo Deputado Barão de Combarjua. Pertencem-lhe além d'esses encargos, os subsídios às escolas particulares (sistema *grant in aid*)<sup>1</sup>, subsídios para despesas de mobilia e material de ensino nos estabelecimentos como liceus, Escola Normal, etc.

Foi ratificado pelo decreto de 23 de Maio de 1907, e as suas receitas e encargos constam dos artigos 171.º e 172.º E administrado pelo governador geral com o voto do conselho da instrução. A portaria provincial de 29 de Julho de 1910 determinou que as receitas desse fundo, provenientes das propinas de abertura e encerramento do liceu, escola normal, instrução primária, emolumentos das certidões, etc., que não entravam nesse fundo por causa da difficil discriminação, fôsem pagas em selos, com sobrecarga do fundo escolar. Essa receita que foi calculada ao tempo em 4:000 rupias anuais, foi determinado dever applicar-se em especial para edificios e material pedagógico. Por essa mesma portaria devia ser publicado o balancete trimestral do *Fundo*, mas não o vi, salvo no 1.º ano.

O citado regulamento de 5 de Agosto de 1893 obrigava ao pagamento duma pequena propina de 100 réis no acto da inscrição para abertura e encerramento das aulas do ensino primário do 1.º grau. Essa propina destinava-se a acudir principalmente às necessidades privativas do expediente escolar, devendo o respectivo professor dar conta e submeter a aprovação superior as despesas feitas por conta dessas importâncias.

Uma das receitas do *Fundo escolar* era o excesso das receitas sobre as despesas daquele cofre escolar. Esse regime do cofre escolar com as receitas de propinas do 1.º grau, continuou sob a vigência do decreto de 27 de Maio de 1907, até Fevereiro de 1914, em que foi publicado no *Boletim Oficial* da provincia o decreto de 2 de Dezembro de 1909, que eliminou aquelas propinas, sem contudo ter declarado obrigatória a instrução primária na Índia Portuguesa. Actualmente a propina para o 1.º grau mantém-se apenas nas escolas das linguas vernáculas e a do 2.º grau para todas as escolas. Em Ceilão faz-se o contrário: a educação é livre nas escolas vernáculas e paga nas escolas inglesas.

Por decreto de 17 de Agosto de 1912 foi concedido ao mesmo *Fundo* um subsidio anual de 6 contos.

<sup>1</sup> O sistema do *grant in aid* adoptado pelos ingleses, manifesta-se por cinco formas na Índia inglesa: 1.º, subsidios por ordenados (pagos aos directores e professores laboriosos); 2.º, pagamento pelos resultados do ensino (pelas aprovações ou passagens de classe); 3.º, mixto (do 1.º e 2.º); 4.º, que vigora em Bengala (subsidios aos professores por periodos de 5 anos, prorrogável segundo os resultados); 5.º, subsidio por capitação (subsidio aos que frequentam escolas fora, por falta delas na localidade). A idea do *grant in aid* já havia sido aventada no seio da Junta geral da provincia por Benjamin Rodrigues, em 1887.

São importantes os serviços prestados por esse *Fundo escolar* à instrução pública da colônia, e mais o podem vir a ser quando um critério um pouco mais exclusivamente técnico e de apertado administrador, predomine na gerência, visando com perseverança acudir à miséria das instalações escolares e material pedagógico, obtendo empréstimos amortizáveis, e aliviando-o de pequenos encargos que por outra forma podem ser satisfeitos.

Na Conferência sanitária e a propósito da explicação dos alvitreiros que sobre esse assunto eu apresentei, deixei esboçado o plano dessa administração.

### Parte financeira da instrução

Os primeiros professores, mandava a Provisão do Marquês de Pombal de 6 de Setembro de 1772, que fossem pagos pelo imposto do subsídio literário, criado pela Provisão de 10 de Setembro de 1772 e mandado aplicar nas colônias em 1773. Os professores eram pagos a 90\$000 réis.

A provisão de 9 de Abril de 1778, ampliando o quadro dos estudos, determinou que não fosse superior a 10 o número total dos professores, a cargo do mesmo subsídio.

O subsídio literário rendeu, em 1797, xerafins 31:175, 4 tangas e 30 réis; em 1798, xerafins 31:532, 1 tanga e 30 réis; em 1799, xerafins 31:633<sup>1</sup>.

O governador Lopes de Lima, por sua portaria de 17 de Agosto de 1841, dividindo as escolas em escolas de comarca e escolas de freguesia, deixou aquelas a cargo do subsídio literário e estas a cargo das comunidades, pagas por meio de derramas *pro rata*.

Para os professores das Novas Conquistas foi fixado o vencimento mensal de 20 xerafins, criando-se receita duma percentagem sobre o pardau de fôro, pago pelas comunidades, visto não haver subsídio literário (portaria de 14 de Novembro de 1842).

A portaria de 22 de Abril de 1846, confirmada pela portaria ministerial de 26 de Agosto desse mesmo ano, determinou que os dinheiros que as comunidades deviam pagar aos professores, dessem entrada na tesouraria da fazenda, junto com outras contribuições, e que fossem os mesmos, pagos pela fazenda. O ensino do marata nas Novas Conquistas era ministrado pelos línguas do Estado, hoje chamados intérpretes, por portaria de 23 de Dezembro de 1846, e eram pagos como os professores daqueles territórios.

A portaria de 21 de Fevereiro de 1851 estabeleceu para as Novas Conquistas e para a manutenção dos professores, 7 réis por pardau de fôro pago pelas comunidades. O Barão de Vila Nova de Ourém, por sua portaria de 24 de Julho de 1851, aboliu todas as

<sup>1</sup> O xerafim ou pardau valia proximamente 166 réis, ao câmbio de 1 rupia a 400 réis, ou libra a 6\$000 réis. Da nota de despesa consta porém que os professores eram pagos a 300\$000 réis nas ilhas e 200\$000 réis fora.

derramas e cotizações nas Novas Conquistas e determinou que o pagamento dos seus professores ficasse a cargo da fazenda, devendo os administradores derramar pelas Câmaras 12 réis sobre o pardo de fôro, em vez dos 7 estabelecidos antigamente.

No decorrer do tempo foram criadas mais escolas pelas comunidades e corporações, mas os vencimentos fixados eram pequenos.

O decreto orçamental de 21 de Novembro de 1903 dividiu os professores em três classes quanto aos vencimentos, assim agrupados: mais de quinze anos de serviço, 1.<sup>a</sup> classe, vencimentos, 120\$ de categoria e 60\$ de exercício; menos de quinze e mais de oito, 2.<sup>a</sup> classe, vencimentos, categoria 108\$, e exercício 60\$; até oito anos, 3.<sup>a</sup> classe, vencimentos, categoria 96\$, e exercício 24\$.

Os professores do 2.<sup>o</sup> grau chamados então de complementar, tinham as mesmas classes, pelos mesmos períodos de anos e os vencimentos eram: 1.<sup>a</sup> classe, categoria 168\$, exercício 60\$; 2.<sup>a</sup> classe, categoria 158\$40, exercício 28\$80; 3.<sup>a</sup> classe, categoria 144\$, exercício 24\$.

Os professores de complementar ou do 2.<sup>o</sup> grau ou da 2.<sup>a</sup> classe, representantes dos antigos professores de gramática de 1841 e dos do método lencastriano, foram nomeados para as escolas assim denominadas e criadas pela portaria de 9 de Novembro de 1854 e outras do mesmo grau de ensino.

Nessa ocasião foi suprimido o direito à jubilação e o direito à concessão do têrço por diuturnidade de serviço. Evidentemente esses vencimentos eram os dos professores que o Estado pagava. Os mantidos pelas corporações continuavam a perceber os que elas tinham fixado, conquanto em categoria fôsem perfeitamente iguais àqueles (decreto de 31 de Outubro de 1892, e outros).

A portaria provincial de 30 de Dezembro de 1911 unificou os professores quanto aos vencimentos, determinando que fôsem todos pagos pela fazenda, cumprindo às corporações entrar com o dinheiro que elas contribuíam para o Tesouro Público.

Salvo alguns professores de guzerate, todos os professores primários são hoje pagos pelo Tesouro da província.

O decreto de 23 de Maio de 1907 converteu todas as escolas primárias de português em escolas do 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> grau, passando portanto todos os professores a vencer pela tabela dos antigos professores de complementar. Os professores adjuntos ficaram na tabela dos professores do 1.<sup>o</sup> grau ou de elemental.

Segundo o orçamento de 1916-1917, as despesas da instrução primária constavam de verbas para administração do ensino, para pagamento de professores, e para a Escola Nacional. Os subsídios que o *Fundo escolar* pagava, e os que as corporações dão, não se acham aqui mencionados, porque não é fácil descobri-los.

Já disse que a secretaria da inspecção de instrução primária custava ao Estado 2.300\$.

Segundo o citado orçamento, havia 126 professores de ensino simultâneo, de português, 41 professores adjuntos, 8 professores de marata e 1 professor de guzerate em Dio (continuando os outros de guzerate a serem pagos pelas corporações).

Quanto às classes de professores para os efeitos da promoção e vencimentos, havia nesse ano professores de 1.<sup>a</sup> classe, 27, de 2.<sup>a</sup> classe, 15, de 3.<sup>a</sup> classe, 84. Os professores de marata vencem como professores de 3.<sup>a</sup> classe, nos termos do decreto de 17 de Agosto de 1912.

Dos 41 professores adjuntos, eram 6 os da 1.<sup>a</sup> classe, 2 de 2.<sup>a</sup> e 33 de 3.<sup>a</sup> classe.

Últimamente por virtude do decreto n.º 3:566, de 17 de Novembro de 1917, a promoção dos professores de português faz-se por períodos sexenais, havendo além disso uma por distinção, e os vencimentos são: na 1.<sup>a</sup> classe, categoria, 200\$, exercício, 54\$; na 2.<sup>a</sup> classe, categoria, 180\$, exercício, 33\$50; na 3.<sup>a</sup> classe, categoria, 160\$, exercício, 10\$.

Os professores oficiais de português e marata oneravam o Estado em 1916-1917, com 24.824\$90. Hoje deve estar em 31.396\$ para aquele número de professores. Há professores que figuram nas 20 escolas criadas para os concelhos das Novas Conquistas pela lei de 3 de Abril de 1913, cuja aplicação se está effectivando gradualmente, segundo as necessidades das povoações.

O encargo pelos professores adjuntos, correspondentes aos antigos professores de ensino elementar do decreto orçamental de 21 de Novembro de 1903, era no total de 5.313\$60, no respectivo orçamento.

A Escola Nacional do sexo feminino onera o Estado com 2.400\$.

(Continua).

*J. Benedito Gomes.*

## Extracto das actas das reuniões da Direcção da Liga

(De Janeiro a Dezembro de 1917)

Acta n.º 166 (13 de Abril de 1917).—Lida e aprovada a acta da sessão anterior, o Sr. Manuel Borges Grainha apresentou as primeiras provas do livro do 4.º Congresso Pedagógico, trabalho que exigiu uma grande soma de energia e boa vontade, atendendo às grandes dificuldades que teve de resolver para coligir os originaes e os pôr por ordem.

O Sr. C. A. Marques Leitão e o Sr. Sebastião Vieira e Silva propuseram que fôsse uma comissão da nossa Liga cumprimentar o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro da Instrução Pública, Dr. Barbosa de Magalhães, e rogar-lhe ao mesmo tempo que nos concedesse o mesmo subsídio orçamental que o ano passado nos concedera o Sr. Dr. Pedro Martins, quando Ministro da mesma pasta.

O Sr. Presidente referiu-se também à Escola ao ar livre do Lumiar, ficando determinado que elle, e os Srs. Manuel Borges Grainha e Sebastião Vieira e Silva, iriam um domingo visitar o

local da sobredita escola, para de perto poderem ver o que mais convinha fazer.

Acta n.º 107 (21 de Dezembro de 1917).—Lida e aprovada a acta da sessão anterior, deliberou-se que a Direcção fôsse cumprimentar o novo Ministro da Instrução Pública, Dr. Alfredo de Magalhães, ficando encarregado o Sr. Agostinho de Almeida de se entrevistar com o Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, chefe de gabinete do dito Ministro, para se combinar a hora e dia em que a Direcção podia ser recebida.

Tomou-se conhecimento de que o livro do 4.º Congresso já estava impresso e tinha começado a ser distribuído, bem como o último fascículo do *Arquivo da Liga*, que correspondia aos n.ºs 3 e 4 da 2.ª série.

O vice-presidente, Sr. M. Borges Grainha, informou que, seguindo-se o plano estabelecido nos anos anteriores, estavam já funcionando desde Novembro as mesmas escolas e cursos nocturnos que a Liga subsidiou no ano passado, cujos resultados seriam publicados no próximo número do *Arquivo da Liga*. (Vide pp. 36-73).

### BALANCETES MENSAIS DA LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

Relativo ao ano económico social de 1916-1917

Balancete em 30 de Setembro de 1916			
DEVE			HAYER
Saldo do mês anterior	1.617\$48(5)	Pago a diversos conforme o livro Caixa a	
Recebido produto de cobrança de cotas n/mês . . . . .	6\$80	fis. 67 . . . . .	35\$83
Recebido produto de venda de livros do Congresso . . . . .	2\$10	Saldo que passa ao mês seguinte . . . . .	1.590\$55(5)
	1.626\$38(5)		1.626\$38(5)

Lisboa, 30 de Setembro de 1916. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

## Balancete em 31 de Outubro de 1916

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	1.590\$55(5)	Pago a diversos n/mês conforme o livro Caixa a fls. 1 . . . . .	29\$36
Depositado na Caixa Económica Portuguesa . . . . .	2.000\$00	Saldo para o mês seguinte . . . . .	3.569\$19(5)
Recebido produto de cobrança de cotas n/mês . . . . .	8\$00		
	3.598\$55(5)		3.598\$55(5)

Lisboa, 31 de Outubro de 1916. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

## Balancete em 30 de Novembro de 1916

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.569\$19(5)	Pago a diversos neste mês conforme acusa o livro Caixa n.º 2 a fls. 1 . . . . .	83\$74
Recebido do Ministério da Instrução . . . . .	250\$00	Saldo para o mês seguinte . . . . .	3.742\$85(5)
Produto de cobrança de cotas n/mês . . . . .	7\$40		
	3.827\$59(5)		3.826\$59(5)

Lisboa, 30 de Novembro de 1916. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

## Balancete em 31 de Dezembro de 1916

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.742\$85(5)	Pago a diversos n/mês conforme o livro Caixa fls. 1 e 2 . . . . .	92\$28
Recebido produto de cobrança n/mês . . . . .	9\$10	Saldo que passa ao mês seguinte . . . . .	3.659\$67(5)
	3.751\$95(5)		3.751\$95(5)

Lisboa, 31 de Dezembro de 1916. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

## Balancete em 31 de Janeiro de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.659\$67(5)	Pago a diversos n/mês conforme o livro Caixa a fls. 2 . . . . .	104\$86
Recebido produto de cotas n/mês . . . . .	10\$80	Saldo que passa ao mês seguinte . . . . .	3.565\$61(5)
	3.670\$47(5)		3.670\$47(5)

Lisboa, 31 de Janeiro de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

## Balancete em 28 de Fevereiro de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.565\$61(5)	Pago a diversos n/mês conforme o livro Caixa a fls. 2 . . . . .	81\$27
Recebido produto de cobrança n/mês. . . . .	22\$70	Saldo que passa ao mês seguinte . . . . .	3.507\$04(5)
	<u>3.588\$31(5)</u>		<u>3.588\$31(5)</u>

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

## Balancete em 31 de Março de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.507\$04(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro Caixa a fls. 3 . . . . .	87\$54
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês . . . . .	5\$40	Saldo que passa ao mês seguinte . . . . .	3.424\$90(5)
	<u>3.512\$44(5)</u>		<u>3.512\$44(5)</u>

Lisboa, 31 de Março de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

## Balancete em 30 de Abril de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.424\$90(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro Caixa a fls. 4 . . . . .	88\$55
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês . . . . .	7\$00	Saldo que passa ao mês seguinte . . . . .	3.343\$35(5)
	<u>3.431\$90(5)</u>		<u>3.431\$90(5)</u>

Lisboa, 30 de Abril de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

## Balancete em 31 de Maio de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.343\$35(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro Caixa a fls. 4 . . . . .	87\$80
Recebido subsídio do Ministério da Instru- ção . . . . .	250\$00	Saldo que passa para o mês seguinte . . . . .	3.514\$35(5)
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês . . . . .	8\$80		
	<u>3.602\$15(5)</u>		<u>3.602\$15(5)</u>

Lisboa, 31 de Maio de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.



## Balancete em 30 de Junho de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.514\$35(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro	
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês . . . . .	6\$90	Caixa a fls. 4 . . . . .	79\$69
		Saldo que passa ao mês seguinte . . . . .	3.441\$56(5)
	3.521\$25(5)		3.521\$25(5)

Lisboa, 30 de Junho de 1917.—O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

## Balancete em 31 de Julho de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.441\$56(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro	
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês . . . . .	5\$47	Caixa a fls. 4 . . . . .	88\$51
		Saldo que passa para o mês seguinte . . . . .	3.358\$52(5)
	3.447\$03(5)		3.447\$03(5)

Lisboa, 31 de Julho de 1917.—O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

## Balancete em 31 de Agosto de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.358\$52(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro	
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês . . . . .	6\$32	Caixa a fls. 5 . . . . .	67\$22
Recebido juros do dinheiro em depósito durante o ano 1916-1917 . . . . .	110\$00	Saldo que passa ao mês seguinte . . . . .	3.407\$62(5)
	3.474\$84(5)		3.474\$84(5)

Lisboa, 31 de Agosto de 1917.—O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

Balancete demonstrativo do movimento de Caixa do ano económico social 1916-1917

DEVE		CAIXA		HAVER			
1916				1916			
Setembro	1	Saldo do ano anterior . . . . .	1.617,548(5)	Setembro	31	Pago a diversos, conforme os documentos respectivos n.ºs 583 a 589 . . . . .	35,583
Setembro	30	Dinheiro recebido de cobrança e livros do congresso . . . . .	8,590				
				Outubro	31	Idem, n.ºs 590 a 596 . . . . .	29,536
Outubro	31	Dinheiro recebido de cobrança no mês . . . . .	8,500	Novembro	30	Idem, n.ºs 597 a 609 . . . . .	83,574
Outubro	31	Subsídio concedido pelo Ministério da Instrução—Para edificação . . . . .	2.000,500	Dezembro	31	Idem, n.ºs 610 a 623 . . . . .	92,528
Novembro	30	Cobrança neste mês . . . . .	7,540	1917			
Novembro	30	Subsídio votado pelo Parlamento (1.ª prestação)—Para Ensino Escolar . . . . .	250,500	Janeiro	31	Idem, n.ºs 624 a 638 . . . . .	104,586
Dezembro	31	Cobrança neste mês . . . . .	9,510	Fevereiro	28	Idem, n.ºs 639 a 650 . . . . .	81,527
1917				Março	31	Idem, n.ºs 651 a 663 . . . . .	87,554
Janeiro	31	Cobrança neste mês . . . . .	10,580	Abril	30	Idem, n.ºs 664 a 677 . . . . .	88,555
Fevereiro	28	Cobrança neste mês . . . . .	22,570	Maio	31	Idem, n.ºs 678 a 691 . . . . .	87,580
Março	31	Cobrança neste mês . . . . .	5,540	Junho	30	Idem, n.ºs 692 a 703 . . . . .	79,569
Abril	30	Cobrança neste mês . . . . .	7,500	Julho	31	Idem, n.ºs 704 a 717 . . . . .	88,551
Maio	31	Cobrança neste mês . . . . .	8,580	Agosto	31	Idem, n.ºs 718 a 728 . . . . .	67,522
Maio	31	Subsídio votado pelo Parlamento (2.ª prestação)—Para Ensino Escolar . . . . .	250,500	Agosto	31	Dinheiro em depósito (Saldo) . . . . .	3.407,562(5)
Junho	30	Cobrança neste mês . . . . .	6,590				
Julho	31	Cobrança neste mês . . . . .	5,547				
Agosto	31	Cobrança neste mês . . . . .	6,532				
Agosto	31	Juros do dinheiro em depósito . . . . .	110,500				
		Soma . . . . .	4.334,527(5)			Soma . . . . .	4.334,527(5)

## Publicações recebidas últimamente

- Anuário da Casa Pia de Lisboa.* Ano económico de 1915-1916.
- Anuário do Liceu Central de Pedro Nunes.* Lisboa. Ano escolar de 1914-1915.
- Anuário do Liceu Nacional da Póvoa de Varzim.* Ano lectivo de 1914-1915.
- Boletim da Previdência Social.* Lisboa. Ano I. N.ºs 1 e 2 (Outubro a Dezembro de 1916 e Janeiro a Março de 1917).
- Boletim de Propaganda da Associação de Escolas Móveis e Jardins — Escolas João de Deus.* Ano VII (Janeiro a Março de 1917).
- Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles.* Lisbonne, 1916. Tomo VII, fascículo 2.º
- Concessões (As) nos Caminhos de Ferro ao Professorado Primário Português,* por Manuel Domingos Godinho. Oferta do autor.
- Écos Veterinários.* Órgão da Associação dos Estudantes de Medicina Veterinária. Lisboa. Ano V. N.º 34 (15 de Janeiro de 1917).
- Federação (A) Escolar.* Semanário consagrado aos interesses da instrução e do professorado. Pôrto. Ano V. N.ºs 251, 252, 256, 258 a 260, 262, 267 a 270 e 274 a 276.
- Fomento e Riqueza.* Publicação do Instituto do Amigo da Criança. Ano I. (Março a Junho de 1917).
- Medicina (A) Moderna.* Pôrto. Ano XXIV. Vol. VIII. N.ºs 277 a 280 e 282 (Janeiro a Abril e Julho de 1917).
- Relatório da Liga Flaviense de Instrução e Beneficência.* Chaves. Gerência no ano de 1916.
- Relatório e Contas da Associação de Escolas Móveis e Jardins — Escolas João de Deus.* De 1 de Setembro de 1915 a 31 de Agosto de 1916.
- Relatório e Contas da gerência no ano económico de 1914-1915.* (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa).
- Relatório e Contas das gerências dos anos de 1914 e 1915 da Sociedade Promotora de Escolas.* Lisboa. 1916.
- Revista de Educação.* Lisboa. Série V. N.ºs 1 e 2. Outubro de 1916.
- Sanitas* (Revista). Lisboa. Ano IV. 3.ª série. N.ºs 6 e 7 (1916-1917).
- Sombra (A) das boas árvores,* por Luís Leitão. Vol. I e II. Lisboa. 1916. Oferta do autor.

Publicações do Ministério das Finanças. — Direcção Geral de Estatística:

*Comércio e Navegação.* Ano de 1914.

*Imposto de Trânsito nos Caminhos de Ferro.* Ano económico de 1915-1916.

Canções escolares  
classificadas no IV Congresso Pedagógico  
celebrado em Abril de 1914

Com este número começam a publicar-se as que foram classificadas com *Primeira Menção Honrosa*. (Vide Série I, n.º 1, p. 22).  
*Saudação à Água*—(4.º grupo) para adolescentes de 16 a 20 anos.

*Preguiça*—(2.º grupo) para crianças de 7 a 12 anos.

*Vida Campestre*—(3.º grupo) para adolescentes de 12 a 14 anos.

---

Cursos subsidiados pela Liga

No ano de 1917 a Liga subsidiou diversos cursos para instrução popular, conforme se estabeleceu nas reuniões da Direcção, realizadas em 3 de Novembro de 1916 e 21 de Dezembro de 1917. Neste volume do *Arquivo* vêm as estatísticas, tanto dos cursos que funcionaram no ano lectivo de 1916-1917, como dos que começaram a funcionar no ano lectivo de 1917-1918. Por elas os leitores poderão ajuizar da obra instrutiva da nossa Associação.

Dois desses cursos enviaram-nos as fotografias dos seus alunos, professores e directores, que agradecemos e que reproduzimos a seguir.

Curso da Secção Federal da Construção Civil do Alto do Pina



Curso do Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique



MAPAS ESTATÍSTICOS DOS CURSOS  
QUE FUNCIONARAM NO ANO LECTIVO DE 1916-1917

## LIGA NACIONAL

Curso de

## No Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique

Número da ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Armando Gonçalves . . . . .	13	Serralheiro . . . . .	12-10-916
2	José Rebêlo . . . . .	15	Marceneiro . . . . .	1-12-916
3	António Costa . . . . .	17	Carpinteiro . . . . .	3-10-916
4	José Gouveia . . . . .	13	Carpinteiro . . . . .	3-10-916
5	Manuel Augusto . . . . .	39	Trabalhador . . . . .	8-11-916
6	Américo Ferreira . . . . .	14	Estampador . . . . .	9-10-916
7	Manuel Ferreira . . . . .	16	Estampador . . . . .	9-10-916
8	Pedro Marques . . . . .	14	Serralheiro . . . . .	1-10-916
9	Elísio dos Santos . . . . .	12	Serralheiro . . . . .	3-10-916
10	Raúl Pires . . . . .	16	Estampador . . . . .	1-10-916
11	Virgínia Gonçalves . . . . .	14	Sem officio . . . . .	1-10-916
12	Mário Ferreira . . . . .	12	Serralheiro . . . . .	1-12-916
13	Raúl Simões . . . . .	13	Estampador . . . . .	1-10-916
14	Eugénio António . . . . .	15	Pedreiro . . . . .	5-10-916
15	Joaquim António . . . . .	13	Pedreiro . . . . .	5-10-916
16	Venâncio Ferreira . . . . .	21	Fabricante de pregos . . . . .	1-10-916
17	Joaquim Marques . . . . .	16	Serralheiro . . . . .	5-11-916
18	Filipe Curato . . . . .	17	Pedreiro . . . . .	1-11-916
19	Adolfo dos Santos . . . . .	15	Pedreiro . . . . .	1-11-916
20	António Pinto . . . . .	18	Fabricante de telhas . . . . .	1-10-916
21	Isidro Firmão . . . . .	15	Serralheiro . . . . .	1-10-916
22	Adriano dos Santos . . . . .	13	Carpinteiro . . . . .	12- 2-917
23	Augusto Pedro . . . . .	12	Serralheiro . . . . .	15- 1-917
24	José Cartaxo . . . . .	12	Serralheiro . . . . .	10- 1-917
25	José Pinto . . . . .	9	Sem officio . . . . .	1- 1-917
26	Alberto Baptista . . . . .	16	Pedreiro . . . . .	15-11-916
27	Luís dos Santos . . . . .	16	Serralheiro . . . . .	16- 1-917
28	Israel dos Santos . . . . .	12	Sem officio . . . . .	16- 1-917
29	João Rodrigues . . . . .	12	Sem officio . . . . .	1-12-916
30	César Alfaia . . . . .	13	Serralheiro . . . . .	1-10-916
31	José Pereira . . . . .	17	Torneiro . . . . .	16-12-916
32	Eduardo Nicolau . . . . .	14	Serralheiro . . . . .	12-12-916
33	Joaquim Silva . . . . .	13	Serralheiro . . . . .	10-10-916
34	Deolinda Silva . . . . .	15	Fabricante de envelopes . . . . .	1-12-916
35	Armando Silva . . . . .	12	Sem officio . . . . .	1-12-916
			Média do curso . . . . .	





## LIGA NACIONAL

Curso de aper

## No Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	José Alexandre . . . . .	16	Tipógrafo . . . . .	9-10-916
2	Tomás de Oliveira . . . . .	14	Serralheiro . . . . .	9-10-916
10	Abílio Rodrigues Sobrinho . . . . .	14	Operário . . . . .	9-10-916
11	António Inácio Santos . . . . .	16	Operário . . . . .	9-10-916
12	Armando Mata . . . . .	15	Serralheiro . . . . .	9-10-916
13	Augusto da Conceição Paz . . . . .	14	Operário . . . . .	9-10-916
14	José Henriques . . . . .	14	Operário . . . . .	9-10-916
15	Miguel da Graça . . . . .	13	Operário . . . . .	9-10-916
16	Manuel Paz . . . . .	12	Operário . . . . .	9-10-916
17	Manuel Martins (a) . . . . .	42	Empregado público . . . . .	9-10-916
19	Manuel de Bastos . . . . .	35	Operário . . . . .	9-10-916
20	Manuel dos Santos . . . . .	14	Operário . . . . .	9-10-916
21	Joaquim Figueiredo Correia . . . . .	17	Operário . . . . .	9-10-916
22	António dos Santos . . . . .	18	Operário . . . . .	9-10-916
23	Elísio Nunes (a) . . . . .	14	Caixeiro . . . . .	9-10-916
24	Francisco Lopes . . . . .	14	Operário . . . . .	9-10-916
26	Cesário Marques . . . . .	13	Operário . . . . .	9-10-916
27	José Lopes . . . . .	14	Operário . . . . .	9-10-916
28	Abílio Fidalgo . . . . .	14	Operário . . . . .	9-10-916
36	José de Albuquerque . . . . .	28	Sapateiro . . . . .	9-10-916
37	António da Silva . . . . .	16	Operário . . . . .	9-10-916
38	António Rebêlo . . . . .	19	Operário . . . . .	9-10-916
39	Carlos dos Santos (a) . . . . .	15	Serralheiro . . . . .	9-10-916
41	António Freire . . . . .	14	Operário . . . . .	9-10-916
42	José Maria de Jesus Lopes (b) . . . . .	14	Serralheiro . . . . .	9-10-916
43	Maximiano Brito Mergulhão (b) . . . . .	15	Cangalheiro . . . . .	9-10-916
48	Luís Garcia Coelho (a) . . . . .	14	Caixeiro . . . . .	9-10-916
49	António Maria Franca . . . . .	14	Serralheiro . . . . .	9-10-916
51	Rafael dos Santos . . . . .	14	Operário . . . . .	9-10-916
52	Mário do Nascimento . . . . .	13	Operário . . . . .	9-10-916
53	Raúl Alfredo dos Santos . . . . .	15	Litógrafo . . . . .	9-10-916
54	João Belizário de Barros . . . . .	12	Filho família . . . . .	1-11-916
55	Gabriel de Brito . . . . .	16	Operário . . . . .	1-11-916
57	José Custódio . . . . .	13	Operário . . . . .	1-11-916
61	Luís Sacadura . . . . .	14	Operário . . . . .	1-11-917
65	Maria de Assunção . . . . .	14	Operária . . . . .	1-11-916
78	Manuel Augusto Freire (a) . . . . .	13	Caixeiro . . . . .	2-12-916
79	José dos Santos . . . . .	21	Soldado . . . . .	2-12-916
82	Joaquim Madeira . . . . .	13	Operário . . . . .	2-1-917
89	Albino de Oliveira (a) . . . . .	13	Filho família . . . . .	2-1-917
90	Raúl dos Santos . . . . .	14	Operário . . . . .	2-1-917
95	Manuel Rodrigues Tapada . . . . .	21	Soldado . . . . .	2-3-917
96	Eduardo Cristóvão . . . . .	13	Operário . . . . .	2-3-917
97	Júlio do Vale (a) . . . . .	13	Caixeiro . . . . .	2-3-917

## DE INSTRUÇÃO

feijramento

Professor, José Pinto Guedes de Paiva

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 21		Dias lectivos 16		Dias lectivos 21		Dias lectivos 17		Dias lectivos 20		Dias lectivos 16		Dias lectivos 22		Dias lectivos 21	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
8	11	7	10	2	12	13	-	20	-	-	-	-	-	-	-
1	12	0	12	2	11	3	11	11	10	2	10	5	10	15	10
8	10	12	10	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	11	3	11	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	12	3	12	6	13	8	12	19	-	-	-	-	-	-	-
6	11	4	12	9	10	2	11	9	10	4	10	2	10	9	10
2	12	5	12	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	10	12	10	8	10	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	10	7	10	7	10	5	11	20	-	4	10	7	9	10	10
21	-	1	14	13	12	3	12	9	12	13	12	17	12	4	12
3	12	13	11	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	11	6	12	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	10	5	11	6	10	5	12	20	-	-	-	-	-	-	-
9	9	5	10	8	10	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	12	(e)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
10	10	13	-	15	-	9	10	12	10	8	11	16	-	6	10
7	11	4	10	8	10	7	10	7	10	2	11	9	10	15	-
0	13	0	13	1	12	1	10	2	11	1	12	7	10	8	10
13	-	6	10	8	10	7	11	4	10	4	10	22	-	-	-
6	10	14	-	21	-	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	10	11	10	18	-	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11	10	3	10	4	10	7	10	17	-	-	-	-	-	-	-
6	12	3	12	9	12	7	11	6	12	1	12	5	12	3	10
5	11	3	10	9	11	15	10	20	-	-	-	-	-	-	-
2	13	1	12	2	12	3	12	2	12	1	12	2	12	0	12
1	11	0	12	3	11	1	11	2	12	0	11	0	12	0	12
0	14	0	14	0	13	2	13	1	13	0	14	17	-	1	14
6	9	5	10	1	10	8	10	16	-	1	10	5	10	-	-
10	10	8	-	12	-	6	-	20	-	-	-	-	-	-	-
4	11	5	12	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	12	1	10	7	10	2	10	0	12	0	11	1	10	2	10
1	12	2	11	3	12	12	-	20	-	1	10	15	-	18	-
9	10	11	10	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	11	5	10	5	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	10	9	10	11	10	12	-	15	-	-	-	-	-	-	-
0	12	0	12	4	12	8	10	5	11	0	11	1	10	2	10
-	-	4	12	5	12	6	12	7	12	2	12	3	13	0	14
-	-	6	11	10	10	1	11	0	11	0	10	8	10	4	10
-	-	-	-	2	12	1	11	4	11	5	11	9	10	13	10
-	-	-	-	1	12	1	12	1	12	0	12	0	12	0	14
-	-	-	-	1	12	2	12	1	10	2	10	11	10	12	10
-	-	-	-	-	-	-	-	1	12	2	12	21	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	0	11	2	11	3	10
-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	0	12	4	13	13	13

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
98	Antônio Vale . . . . .	12	Filho família . . . . .	2-3-917
99	Agostinho Pinto . . . . .	12	Operário . . . . .	9-4-917
101	Marcelino Loureiro (a) . . . . .	16	Tipógrafo . . . . .	9-4-917
102	João Simões . . . . .	24	Operário . . . . .	1-5-917
Média do curso . .				

(a) Ficou aprovado no exame do 2.º grau.

(b) Ficou aprovado no exame do 1.º grau.

(c) Passou para a aula diurna.



## LIGA NACIONAL

Curso de

## Na Associação Escolar de Ensino Liberal

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Duarte Silva . . . . .	17	Pedreiro . . . . .	6-11-916
2	Antônio Martins . . . . .	14	Corroeiro . . . . .	6-11-916
3	Clara de Jesus . . . . .	13	Criada . . . . .	6-11-916
4	Alberto Duarte . . . . .	-	-	6-11-916
5	Raquel do Carmo Belas . . . . .	15	Criada . . . . .	6-11-916
6	Carlos Pinto . . . . .	13	Pintor . . . . .	6-11-916
7	Carlos Costa . . . . .	-	-	6-11-916
8	João Gomes . . . . .	14	Corroeiro . . . . .	6-11-916
9	Francisco Lopes . . . . .	14	Criado . . . . .	6-11-916
10	Paulo Ramos . . . . .	14	Serralheiro . . . . .	6-11-916
11	Mizael Ferreira . . . . .	13	Serralheiro . . . . .	6-11-916
12	Augusto Martins . . . . .	-	-	6-11-916
13	Elvira França . . . . .	24	Engomadeira . . . . .	6-11-916
14	Sime Tarregaño . . . . .	17	Bordadora . . . . .	6-11-916
15	Mená Tarregaño . . . . .	13	-	6-11-916
16	João Matos . . . . .	-	-	6-11-916
17	José Silva . . . . .	21	Descarregador . . . . .	6-11-916
18	Antônio Melo . . . . .	18	Estucador . . . . .	6-11-916
19	Augusta Roque . . . . .	17	Costureira . . . . .	6-11-916
20	Constantino . . . . .	18	-	6-11-916
21	Maria José . . . . .	16	Criada . . . . .	21-11-916
22	Inácio Ferreira . . . . .	13	Leiteiro . . . . .	29-11-916
23	Lino Santos . . . . .	14	Vendedor ambulante . . . . .	29-11-916
24	Duarte Ferreira . . . . .	-	-	29-11-916
25	Albertina Conceição . . . . .	-	-	4-12-916
26	Cândida Gomes . . . . .	-	-	4-12-916
27	Ventura Silva . . . . .	-	-	4-12-916
28	Antônio Lourenço . . . . .	-	-	8-12-916
29	Alberto Neves . . . . .	-	-	8-12-916
30	Luis Gonçalves . . . . .	14	Vendedor ambulante . . . . .	13-12-916
31	Manuel Lourenço . . . . .	14	Vendedor ambulante . . . . .	13-12-916
32	Laura Silva . . . . .	16	Criada . . . . .	15-12-916
33	Manuel Vicente . . . . .	33	Jardineiro . . . . .	18-12-916
34	Manuel Ferreira . . . . .	34	Jardineiro . . . . .	18-12-916
35	Francisco . . . . .	37	Pintor . . . . .	18-12-916
36	João Grazina . . . . .	13	Groom . . . . .	10- 1-917
37	Heitor Silva . . . . .	13	Serralheiro . . . . .	10- 1-917
38	Alvaro Santos . . . . .	14	-	10- 1-917
39	Aurea Silva . . . . .	12	-	10- 1-917
40	José Martins . . . . .	16	Pedreiro . . . . .	2- 2-917
41	José Mendonça . . . . .	17	Estucador . . . . .	2- 2-917
42	José Pereira . . . . .	15	Serralheiro . . . . .	2- 2-917
43	João Gonçalves . . . . .	16	Varredor . . . . .	2- 2-917
44	Antônio Reis . . . . .	17	Varredor . . . . .	2- 2-917
45	José Barata . . . . .	15	Varredor . . . . .	2- 2-917

## DE INSTRUÇÃO

analfabetos

Professora, Sofia Livramento de Antas

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 18		Dias lectivos 19		Dias lectivos 21		Dias lectivos 16		Dias lectivos 22		Dias lectivos 20		Dias lectivos 17		Dias lectivos 19	
Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento
4	10	8	10	16	10	16	-	22	-	18	10	7	10	8	10
5	0	7	10	5	10	7	10	21	-	19	-	-	-	-	-
1	10	0	12	0	12	6	12	6	14	-	-	-	-	-	-
3	12	10	10	15	10	15	10	22	-	-	-	-	-	-	-
4	10	5	10	5	10	7	10	7	10	5	10	7	10	8	10
2	10	1	10	0	10	2	10	2	10	1	10	1	10	0	10
1	12	6	12	15	10	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	12	3	12	5	12	4	12	7	12	7	12	6	14	8	10
3	16	3	16	2	16	1	18	3	18	12	18	-	-	-	-
0	12	1	12	3	12	5	10	7	12	10	12	4	14	1	10
4	10	7	10	18	10	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1	13	6	13	12	10	13	10	22	-	-	-	-	-	-	-
6	12	15	10	21	-	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	12	15	10	21	-	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	12	15	10	21	-	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	12	14	10	7	10	3	10	18	10	6	10	10	14	16	10
2	12	6	10	14	10	8	10	-	-	-	-	-	-	-	-
4	12	18	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	12	1	12	5	10	12	10	-	-	-	-	-	-	-	-
1	10	6	10	18	10	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
0	10	4	10	9	10	6	10	1	10	-	-	-	-	-	-
0	10	3	10	18	10	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
0	10	5	10	11	10	0	12	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	3	10	1	10	0	12	1	14	1	14	0	14	16	10
-	-	4	10	6	10	5	12	2	14	8	14	3	14	5	10
-	-	5	10	15	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	6	10	5	12	2	10	18	12	-	-	-	-	-	-
-	-	1	10	1	12	3	12	21	-	-	-	-	-	-	-
-	-	6	10	6	10	5	10	18	10	-	-	-	-	-	-
-	-	6	10	8	10	2	10	3	10	-	-	-	-	-	-
-	-	2	10	9	10	9	10	3	-	-	-	-	-	-	-
-	-	0	12	3	14	5	14	3	14	2	14	1	14	5	14
-	-	0	12	-	14	3	14	5	14	1	14	0	16	6	14
-	-	0	12	5	14	9	10	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	1	10	4	10	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	1	10	3	10	9	10	1	10	15	10	13	10
-	-	-	-	0	12	0	12	0	12	5	10	-	-	-	-
-	-	-	-	0	10	5	10	19	10	16	10	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	3	12	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	1	14	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	14	7	10	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	14	1	12	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	4	12	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	1	12	14
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	1	0	14

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
46	Sebastião Silva . . . . .	24	Pedreiro . . . . .	2- 4-917
47	Henrique Silva . . . . .	23	Pedreiro . . . . .	1- 5-917
48	Antônio Paiva . . . . .	-	—	1- 5-917
49	Cecília da Conceição . . . . .	16	Encadernadora . . . . .	1- 5-917
50	Antônio Baptista . . . . .	30	Sapateiro . . . . .	1- 5-917
51	Luís Neves . . . . .	-	—	1- 5-917
52	Jacinto Silva . . . . .	-	—	1- 5-917
			Média do curso . . .	



Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 18		Dias lectivos 19		Dias lectivos 21		Dias lectivos 16		Dias lectivos 22		Dias lectivos 20		Dias lectivos 17		Dias lectivos 19	
Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	12	6	12	4	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	14	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	12	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	12	9	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	12	8	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	6	14
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	2	14

## LIGA NACIONAL

Curso de aper

## Ma Associação Escolar de Ensino Liberal

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	João Fernandes Rocha . . . . .	15	Serralheiro civil . . . . .	6-11-916
2	Cândido Carvalho Tavares . . . . .	14	Estudador . . . . .	6-11-916
3	João Marques da Silva . . . . .	13	Sapateiro . . . . .	6-11-916
4	Antônio Gonçalves (b) . . . . .	15	Impressor . . . . .	6-11-916
5	Antônio da Cunha Roque . . . . .	13	Sapateiro . . . . .	6-11-916
6	Antônio Matos de Almeida . . . . .	21	Electricista . . . . .	6-11-916
7	Guilherme Duarte Ferreira (b) . . . . .	12	—	6-11-916
8	Carlos da Silva Marques . . . . .	15	Carpinteiro mecânico . . . . .	6-11-916
9	José Tomé Roque . . . . .	26	Jardineiro . . . . .	6-11-916
10	Isidro Vieira (a) . . . . .	18	Empregado no comércio	6-11-916
11	Mário do Carmo . . . . .	14	Ourives . . . . .	8-11-916
12	Antônio de Jesus Leitão . . . . .	16	Empregado no comércio	8-11-916
13	Leonel L. de Sousa Viegas (a) . . . . .	17	Empregado no comércio	10-11-916
14	Manuel Duarte Ferreira (a) . . . . .	14	Sapateiro . . . . .	20-11-916
15	Júlio Pancadares . . . . .	13	Jardineiro . . . . .	20-11-916
16	Francisco Correia Nobre (b) . . . . .	13	Marceneiro . . . . .	22-11-916
17	Joaquim Augusto Malheiros . . . . .	14	Criado . . . . .	28-11-916
18	Pastora Gonçalves . . . . .	12	Doméstica . . . . .	6-12-916
19	Antônio Martins . . . . .	16	Empregado no comércio	2-1-917
20	José Joaquim (a) . . . . .	19	Empregado no comércio	2-1-917
21	Mário Francisco . . . . .	14	Dourador . . . . .	8-1-917
22	Marcelino Loureiro . . . . .	16	Impressor . . . . .	9-1-917
23	Manuel Falé . . . . .	32	Empregado na Direcção Geral de Trabalhos Geodésicos . . . . .	15-1-917
24	Ramiro Vieira . . . . .	13	Empregado no comércio	16-1-917
25	Júlio Adrião Gonçalves . . . . .	13	Serralheiro mecânico . . . . .	26-1-917
26	Manuel de Figueiredo . . . . .	11	Empregado de escritório	10-1-917
27	Antônio de Matos Chagas (a) . . . . .	12	—	30-1-917
28	João Antunes . . . . .	17	Empregado no comércio	13-2-917
29	Henrique Gonçalves de Moura . . . . .	11	Carpinteiro . . . . .	14-3-917
30	José Brás . . . . .	14	Empregado no comércio	11-4-917
			Média do curso . . . . .	

(a) Fizeram exame de 2.º grau, ficando aprovados.

(b) Fizeram exame de 1.º grau, ficando aprovados.

## DE INSTRUÇÃO

feiçãoamento

Professora, Albertina de Jesus Lourenço

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 18		Dias lectivos 19		Dias lectivos 21		Dias lectivos 13		Dias lectivos 22		Dias lectivos 20		Dias lectivos 17		Dias lectivos 19	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
0	8	6	9	8	10	5	11	10	11	17	12	-	-	-	-
3	8	4	9	4	10	3	11	5	11	3	11	0	12	0	12
1	8	2	9	5	9	6	9	9	10	3	10	9	10	7	10
2	9	0	10	12	11	1	12	0	13	9	14	3	15	0	16
2	9	12	9	10	9	13	-	22	-	1	9	-	-	-	-
2	9	9	10	8	11	12	12	9	13	16	-	-	-	-	-
2	8	0	9	0	10	0	11	0	12	0	13	1	14	2	16
0	10	4	11	5	11	5	12	5	12	9	14	11	15	-	-
1	8	2	9	2	9	7	9	10	9	20	-	-	-	-	-
0	10	3	11	2	11	0	11	1	12	5	13	0	14	0	16
1	9	6	10	10	11	4	10	12	10	6	11	0	11	0	12
2	8	11	9	3	9	9	9	13	9	14	9	-	-	-	-
1	10	4	11	4	11	4	12	6	13	9	14	6	15	7	17
0	10	1	11	0	11	0	12	0	13	1	14	3	15	1	17
2	9	2	10	8	10	8	11	4	13	6	13	5	13	4	13
0	9	2	10	3	11	2	12	8	13	3	14	9	15	3	16
1	9	4	10	0	10	3	11	1	12	0	12	3	12	2	12
-	-	7	10	8	11	6	11	18	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	0	10	0	11	0	12	0	13	0	13	0	13
-	-	-	-	0	11	0	12	0	14	0	15	0	17	0	18
-	-	-	-	14	8	10	9	5	9	6	9	14	9	19	-
-	-	-	-	1	9	3	10	11	12	11	14	-	-	-	-
-	-	-	-	1	10	2	11	5	12	1	13	2	14	19	-
-	-	-	-	1	9	0	10	0	11	1	12	0	12	1	13
-	-	-	-	0	8	2	8	1	9	20	-	-	-	-	-
-	-	-	-	3	8	7	8	13	9	12	9	17	-	-	-
-	-	-	-	0	9	2	10	2	12	4	14	1	15	1	17
-	-	-	-	-	-	2	10	5	12	11	14	14	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	0	9	1	9	1	9	8	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	10	0	11	6	12
13	8,9	14	9,8	18	10	21	10,6	22	11,5	19	12,2	17	13	15	14

## No Grémio Popular

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Maria da Conceição . . . . .	14	Criada . . . . .	1-11-916
2	Edmundo Pedro . . . . .	15	Trabalhador . . . . .	1-11-916
3	Antônio Baptista . . . . .	15	Vendedor ambulante . . . . .	1-11-916
4	Joaquim Rodrigues . . . . .	16	Pregueiro . . . . .	1-11-916
5	Francisco Albino . . . . .	13	Trabalhador . . . . .	1-11-916
6	Manuel Esteves . . . . .	11	Criado . . . . .	1-11-916
7	Quitéria Sant'Ana . . . . .	31	Doméstica . . . . .	1-11-916
8	Zalmira do Conceição . . . . .	14	Criada . . . . .	1-11-916
9	José Antônio Serra . . . . .	15	Vendedor ambulante . . . . .	1-11-916
10	Antônio Pedro . . . . .	15	Serralheiro . . . . .	1-11-916
11	José Luis . . . . .	18	Cortador . . . . .	1-11-916
12	João Sant'Ana . . . . .	33	Correio . . . . .	1-11-916
13	Raúl Brás . . . . .	13	Peixeiro . . . . .	1-11-916
14	Alberto Leitão . . . . .	13	Trabalhador . . . . .	7-11-916
15	José Cláudio . . . . .	13	Vendedor ambulante . . . . .	14-11-916
16	João Ferreira . . . . .	13	Vendedor ambulante . . . . .	15-11-916
17	Antônio Cláudio . . . . .	14	Vendedor ambulante . . . . .	15-11-916
18	Daniel Zeferino . . . . .	13	Carpinteiro . . . . .	17-11-916
19	Manuel da Costa . . . . .	20	Serralheiro . . . . .	4-12-916
20	Joaquim Tavares . . . . .	25	Servente . . . . .	18-12-916
21	Júlio Chaves . . . . .	15	Marceneiro . . . . .	22-12-916
22	Maria da Glória . . . . .	13	Aprendiza . . . . .	18-12-916
23	Antônio Gomes . . . . .	14	Maleiro . . . . .	2- 1-917
24	Armando da Cruz . . . . .	12	Compositor . . . . .	7- 2-917
25	Elisa de Jesus . . . . .	30	Vendedeira . . . . .	14- 3-917
26	Carlos José Júnior . . . . .	13	Vendedor ambulante . . . . .	9- 4-917
27	José Carlos . . . . .	11	Sapateiro . . . . .	12- 4-917
28	Antônio Dias . . . . .	14	Serralheiro . . . . .	18- 4-917
29	Joaquim Antônio . . . . .	15	Carpinteiro . . . . .	18- 4-917
30	Manuel Rodrigues . . . . .	12	Criado . . . . .	11- 4-917
31	Alexandre Tavares . . . . .	14	Sem profissão . . . . .	8- 5-917
32	Manuel Dias . . . . .	15	Sem profissão . . . . .	2- 5-917
Média do curso . . . . .				

## DE INSTRUÇÃO

analfabetos

Professora, Alice de Jesus Matos

Novembro — Diaslectivos 22		Dezembro — Diaslectivos 18		Janeiro — Diaslectivos 21		Fevereiro — Diaslectivos 18		Março — Diaslectivos 19		Abril — Diaslectivos 19		Maio — Diaslectivos 17		Junho — Diaslectivos 20	
Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento
-	16	-	15	3	4	1	17	1	18	19	-	-	-	20	-
-	10	6	10	8	12	8	12	6	10	5	10	17	-	20	-
1	12	6	12	12	12	10	12	19	-	19	-	17	-	4	12
1	10	2	10	4	12	2	10	5	10	-	10	2	14	20	-
1	8	3	9	4	10	5	10	9	10	10	10	11	12	9	12
-	12	-	10	1	15	-	16	1	17	2	17	11	12	20	-
4	12	12	10	12	12	18	-	15	10	19	-	14	8	20	-
1	10	5	12	4	10	9	10	19	19	19	-	17	-	20	-
3	12	5	12	5	12	10	12	19	-	19	-	17	-	20	-
2	12	6	10	21	-	18	-	19	-	19	-	17	-	20	-
2	12	15	12	21	-	18	-	19	-	19	-	17	-	20	-
4	12	9	12	9	12	18	-	2	-	19	-	17	-	2	12
-	9	2	10	3	9	1	10	5	10	1	9	14	12	9	12
-	9	4	9	5	8	14	9	3	10	2	9	3	12	3	10
-	10	2	9	1	12	5	12	19	10	1	12	1	12	20	-
-	9	3	7	5	9	14	7	3	-	19	-	17	-	1	14
-	10	1	10	2	10	5	10	17	12	-	10	-	13	20	-
-	5	1	7	5	7	5	12	-	5	19	-	17	-	-	-
-	-	4	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	2	16	-	-	-	-	5	13	-	-	-	-	20	-
-	-	0	14	12	12	18	-	6	12	12	12	17	-	18	12
-	-	0	12	9	16	7	12	19	-	17	12	17	-	19	7
-	-	-	-	2	9	18	-	3	12	-	7	5	10	14	12
-	-	-	-	-	-	-	-	6	10	5	12	3	14	4	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	-	-	12	4	14
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	10	-	14	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	7	12	8	-	20
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	7	11	10	-	20
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	7	15	8	-	20
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	7	-	17	-	20
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	12	-	20
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	12	-	20
15	10	15	11	14	11	10	11	10	11	10	11	9	12	7	11

## Escola Grémio Popular

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Joaquim Afonso . . . . .	18	Caixeiro . . . . .	1-11-916
2	Francisco Pocinho (a) . . . . .	17	Marceneiro . . . . .	1-11-916
3	Dario Matos (a) . . . . .	13	Empregado no comércio . . . . .	1-11-916
4	Antônio Rodrigues . . . . .	15	Torneiro de metais . . . . .	1-11-916
5	Antônio Nunes (a) . . . . .	13	Empregado no comércio . . . . .	1-11-916
6	Augusto dos Santos . . . . .	16	Serralheiro . . . . .	9-11-916
7	Francisco dos Santos . . . . .	14	Torneiro . . . . .	9-11-916
8	Silvina Cardoso . . . . .	22	Doméstica . . . . .	9-11-916
9	Porfírio Ribeiro . . . . .	15	Sapateiro . . . . .	15-11-916
10	Manuel de Oliveira (b) . . . . .	24	Lavrador . . . . .	7-12-916
11	Joaquim Tavares Batalha . . . . .	25	Empregado na Imprensa Nacional . . . . .	29-12-916
12	Manuel dos Santos Júnior (b) . . . . .	15	Empregado no comércio . . . . .	7- 3-917
13	Antônio Trindade . . . . .	15	Empregado no comércio . . . . .	7- 3-917
14	Albertina Saraiva . . . . .	14	Costureira de alfaiate . . . . .	15- 3-917
15	Joaquim de Sousa . . . . .	16	Barbeiro . . . . .	15- 3-917
Média do curso . . . . .				

(a) Fizeram exame de 2.º grau, ficando aprovados.

(b) Fizeram exame de 1.º grau, ficando aprovados.

## DE INSTRUÇÃO

feijramento

Professora, Elmira da Conceição Martins

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 18		Dias lectivos 22		Dias lectivos 20		Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 23		Dias lectivos 21	
Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento
4	12	1	13	10	12	4	12	4	12	7	13	23	-	21	-
2	14	1	15	2	15	1	16	-	16	2	17	-	17	1	17
1	13	1	14	-	13	1	13	-	13	1	14	-	14	-	14
2	11	3	12	5	12	3	12	1	13	7	10	23	-	21	-
-	13	-	14	-	14	2	15	5	15	-	16	1	16	-	17
-	13	2	14	5	14	6	14	7	13	8	14	17	9	13	10
3	14	-	14	9	15	2	15	6	15	9	16	23	-	21	-
1	15	5	16	22	-	-	16	3	17	8	16	18	12	21	-
3	13	3	14	5	15	2	15	3	16	5	16	6	15	12	14
-	-	10	12	11	12	1	13	3	13	6	13	5	14	6	14
-	-	-	15	-	16	2	16	6	16	8	15	20	16	21	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	3	14	-	14	2	15
-	-	-	-	-	-	-	-	3	10	7	10	5	11	13	11
-	-	-	-	-	-	-	-	2	12	-	13	2	13	6	14
-	-	-	-	-	-	-	-	3	13	3	14	5	14	3	14
8	13	9	13,9	8	3,8	10	4,2	12	13,8	11	14	9	1,37	7	14

## No Grupo Dramático Familiar «Aurora Social»

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Palmira Machado . . . . .	10	Estudante . . . . .	9-10-916
2	Adefino da Cunha . . . . .	17	Serralheiro . . . . .	9-10-916
3	Berta Marques . . . . .	12	Doméstica . . . . .	9-10-916
4	José Marques . . . . .	9	Estudante . . . . .	9-10-916
5	António Marques . . . . .	8	Estudante . . . . .	9-10-916
6	Francelina Gonçalves Calada . . . . .	16	Cigarreira . . . . .	9-10-916
7	António Mendes . . . . .	11	Estudante . . . . .	9-10-916
8	Francisco Simões . . . . .	19	Serralheiro . . . . .	9-10-916
9	José Mendes . . . . .	39	Fábrica de tabacos . . . . .	9-10-911
10	Manuel Simões . . . . .	12	Cordoeiro . . . . .	9-10-916
11	Grevi Simões . . . . .	15	Tecelão . . . . .	9-10-916
12	José Miguel Oliveira . . . . .	17	Serralheiro . . . . .	9-10-916
13	Emília Gomes . . . . .	17	Charuteira . . . . .	9-10-916
14	Alberto Gomes (b) . . . . .	12	Marceneiro . . . . .	9-10-916
15	Josefa Maria . . . . .	21	Cigarreira . . . . .	9-10-916
16	Balbina Almeida . . . . .	18	Cigarreira . . . . .	9-10-916
17	Emília dos Santos . . . . .	16	Charuteira . . . . .	9-10-916
18	Olivia Viegas (b) . . . . .	18	Charuteira . . . . .	9-10-916
19	Engrácia dos Santos . . . . .	16	Doméstica . . . . .	9-10-916
20	Alvaro Pinto Salgado . . . . .	14	Serralheiro . . . . .	9-10-916
21	Maria Nunes . . . . .	12	Costureira . . . . .	9-10-916
22	Jorge de Sousa . . . . .	11	Estudante . . . . .	9-10-916
23	Bartolomeu dos Santos Sobreiro . . . . .	14	Funileiro . . . . .	9-10-916
24	Albano dos Santos . . . . .	18	Serralheiro . . . . .	9-10-916
25	Dealinda Elisa dos Santos . . . . .	16	Charuteira . . . . .	9-10-916
26	Maria Felismina Oliveira . . . . .	32	Doméstica . . . . .	9-10-916
27	Luís João Almeida . . . . .	10	Estudante . . . . .	9-10-916
28	Violeta Augusta Ladeira . . . . .	13	Criada de servir . . . . .	6-10-916
29	Francisco Correia Aguiar . . . . .	15	Fábrica de tecidos . . . . .	9-10-916
30	Luís Anastácio . . . . .	15	Fábrica de tecidos . . . . .	9-10-916
31	Custódio Rodrigues Pratas . . . . .	14	Empregado . . . . .	9-10-916
32	Américo Mateus . . . . .	12	Empregado . . . . .	9-10-916
33	Armando Silva Sant'Ana . . . . .	12	Carpinteiro . . . . .	9-10-916
34	José da Silva Nogueira . . . . .	18	Serralheiro . . . . .	9-10-916
35	Afonso da Encarnação . . . . .	13	Marceneiro . . . . .	9-10-916
36	Faustino Correia Aguiar . . . . .	19	Marceneiro . . . . .	9-10-916
37	Augusto da Veiga . . . . .	16	Sapateiro . . . . .	9-10-916
38	José Augusto de Sousa . . . . .	13	Cordoeiro . . . . .	10-10-916
38	Abílio Luís Macedo . . . . .	16	Fundidor . . . . .	10-10-916
40	Diamantino Rodrigues . . . . .	10	Carpinteiro . . . . .	10-10-916
41	Homero Dias Vieira . . . . .	11	Sapateiro . . . . .	10-10-916
42	Cremilde Pratas . . . . .	17	Doméstica . . . . .	16-10-916
43	Angelino Pratas . . . . .	22	Sapateiro . . . . .	16-10-916
44	Manuel Almeida . . . . .	16	Serralheiro . . . . .	17-10-916
45	Norberto Pires . . . . .	18	Fundidor . . . . .	23-10-916



## DE INSTRUÇÃO

e de aperfeiçoamento

Professora, Elvira dos Reis Duarte

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 21		Dias lectivos 14		Dias lectivos 21		Dias lectivos 19		Dias lectivos 22		Dias lectivos 19		Dias lectivos 20		Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
0	6	0	7	0	8	9	6	12	5	15	4	20	-	20	-
6	14	2	10	0	12	0	12	1	12	0	12	0	13	0	14
12	12	5	13	6	12	6	10	5	10	9	10	7	10	7	10
12	2	7	3	21	-	19	-	22	-	19	-	20	-	20	-
21	-	9	8	21	-	19	-	22	-	19	-	20	-	20	-
17	10	14	-	21	-	19	-	22	-	19	-	20	-	20	-
14	8	9	9	21	-	11	10	3	8	13	9	20	-	20	-
1	14	0	14	18	12	7	13	10	12	3	14	13	14	13	12
16	10	14	-	21	-	6	10	22	-	19	-	20	-	20	-
4	9	14	-	21	-	11	9	13	9	5	10	4	10	4	14
6	7	0	8	17	7	4	9	6	8	3	10	3	10	3	13
4	15	1	13	1	12	0	10	0	10	0	10	0	10	0	13
2	8	0	9	0	10	0	12	2	14	1	14	2	14	2	15
4	13	2	13	0	14	6	13	6	13	0	14	3	15	3	15
3	6	1	6	5	6	0	7	2	6	0	7	2	8	2	5
6	5	1	6	17	5	8	4	6	4	7	4	9	8	9	5
10	10	1	12	21	-	4	9	8	10	12	10	20	-	20	-
0	13	2	13	0	13	2	14	4	13	0	16	3	16	3	15
12	6	5	10	5	10	3	11	3	10	0	10	6	10	6	11
8	9	1	8	2	9	3	10	2	10	3	10	4	10	5	10
11	5	1	10	14	8	9	7	10	6	9	7	13	7	13	9
21	-	14	-	21	-	19	-	22	-	19	-	20	-	20	-
3	10	0	12	0	13	0	13	22	-	15	13	20	-	20	-
9	6	7	7	17	8	10	10	13	10	19	-	20	-	20	-
6	5	4	8	0	8	4	9	5	7	0	8	3	10	3	10
21	-	1	8	17	9	7	11	0	13	3	13	3	13	3	12
7	2	1	2	7	2	9	4	14	3	15	4	20	-	20	-
3	12	0	13	15	12	1	13	22	-	19	-	20	-	20	-
16	7	14	-	21	-	19	-	22	-	19	-	20	-	20	-
1	7	0	8	1	9	5	8	5	10	5	10	4	10	4	10
21	-	14	-	21	-	19	-	22	-	19	-	20	-	20	-
11	11	11	8	4	7	9	8	6	7	0	9	6	8	6	10
4	13	2	10	0	11	0	12	11	8	17	6	8	7	7	12
13	10	14	-	21	-	19	-	22	-	19	-	20	-	20	-
6	7	13	7	8	9	7	6	6	8	19	-	20	-	20	-
2	7	0	8	0	9	0	10	1	12	0	12	0	12	0	13
17	2	7	5	1	6	8	5	3	7	7	8	6	8	6	5
21	-	3	2	4	3	13	2	8	2	5	3	6	3	6	2
0	13	1	12	0	10	0	10	2	10	1	10	1	10	1	12
4	8	4	9	0	10	5	10	10	7	19	-	20	-	20	-
8	3	2	5	0	7	6	8	4	9	5	10	6	10	6	13
6	12	4	13	21	-	19	-	22	-	19	-	20	-	20	-
21	-	14	-	21	-	19	-	22	-	19	-	20	-	20	-
2	13	4	13	0	14	0	15	0	17	19	-	20	-	20	-
15	12	3	13	18	13	0	15	7	14	16	14	20	-	20	-

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
46	Silvéria Viegas . . . . .	12	Doméstica . . . . .	23-10-916
47	António Marques . . . . .	20	Marceneiro . . . . .	23-10-916
48	Alice Barroso . . . . .	20	Cigarreira . . . . .	30-10-916
49	Cora da Silva Simões . . . . .	13	Doméstica . . . . .	30-10-916
50	Judite da Veiga . . . . .	13	Ajuntadeira . . . . .	4-12-916
51	António Luis Amaral . . . . .	30	Agricultor . . . . .	18-12-916
52	Mário da Veiga . . . . .	20	Pintor . . . . .	19-12-916
53	Elisa Cândida . . . . .	16	Doméstica . . . . .	21-12-916
54	Laurinda Quintas Sampaio (b)	14	Doméstica . . . . .	2-1-917
55	Joaquim Nunes . . . . .	17	Carpinteiro . . . . .	2-1-917
56	Albano Violante . . . . .	19	Serralheiro . . . . .	2-1-917
57	Francisco Abreu . . . . .	15	Marceneiro . . . . .	2-1-917
58	José da Silva . . . . .	20	Fabricante . . . . .	2-1-917
59	Palmira Santos . . . . .	11	Doméstica . . . . .	12-3-917
60	Natália da Conceição . . . . .	21	Cigarreira . . . . .	11-3-917
61	Hortência Leitão . . . . .	9	Estudante . . . . .	13-3-917
62	Jaime Amaral . . . . .	12	Serralheiro . . . . .	13-3-917
63	Vergílio Antunes . . . . .	19	Serralheiro . . . . .	20-3-917
64	Adriano Fernandes . . . . .	19	Serralheiro . . . . .	20-3-917
65	Eugénia Pereira Lourenço . . . . .	14	Criada de servir . . . . .	17-4-917
66	Jacinto Pratas . . . . .	10	Estudante . . . . .	2-7-917
67	Sebastião José Coutinho . . . . .	14	Marceneiro . . . . .	2-7-917
Média do curso . . . . .				

(b) Fizeram exame de 1.º grau, ficando aprovados.



## LIGA NACIONAL

Curso de

## Na Cantina Escolar de S. Miguel

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Maria do Céu . . . . .	15	Modista . . . . .	6-10-916
2	Maria do Carmo . . . . .	14	Doméstica . . . . .	6-10-916
3	José Antunes . . . . .	20	Trabalhador . . . . .	6-10-916
4	Manuel Mendes . . . . .	16	Trabalhador . . . . .	6-10-916
5	José Augusto Cardoso Júnior . . . . .	32	Operário . . . . .	6-10-916
6	Emília Fernandes . . . . .	36	Vendedeira . . . . .	6-10-916
7	Jaime Dias da Silva . . . . .	17	Aprendiz de sapateiro . . . . .	6-10-916
8	Gualdina Jesus . . . . .	14	Doméstica . . . . .	6-10-916
9	Alberto Nunes . . . . .	18	Aprendiz de alfaiate . . . . .	6-10-916
10	Leonilda do Carmo . . . . .	16	Costureira . . . . .	6-10-916
11	Ilda do Carmo . . . . .	11	Doméstica . . . . .	6-10-916
12	Ilda da Conceição . . . . .	13	Doméstica . . . . .	6-10-916
13	Olimpia A. Marques . . . . .	8	Doméstica . . . . .	6-10-916
14	Amélia Ferreira . . . . .	13	Vendedeira . . . . .	6-10-916
15	António Vicente Jorge . . . . .	20	Empregado Exploração . . . . .	9-11-916
16	Adelina Augusta . . . . .	22	Costureira . . . . .	9-11-916
17	José Pereira . . . . .	23	Sapateiro . . . . .	9-11-916
18	César dos Santos . . . . .	12	Aprendiz de serralheiro . . . . .	12-11-916
19	Armando Alves . . . . .	15	Empregado Exploração . . . . .	16-11-916
20	Alberto Santos Machado . . . . .	12	Operário . . . . .	20-11-916
21	Zulmira dos Santos . . . . .	16	Doméstica . . . . .	13-12-916
22	Georgina Maria Pires . . . . .	17	Vendedeira . . . . .	13-12-916
23	António Maria . . . . .	18	Serralheiro . . . . .	13-12-916
24	Raúl Dinis . . . . .	14	Aprendiz . . . . .	13-12-916
25	Emília Dias . . . . .	16	Vendedeira . . . . .	13-12-916
26	Sartório A. A. Marques . . . . .	9	Vendedor de jornais . . . . .	18-12-916
27	Américo Pinto Júlio . . . . .	10	Aprendiz de serralheiro . . . . .	18-12-916
28	Alberto Rios . . . . .	11	Aprendiz de serralheiro . . . . .	18-12-916
29	Manuel Moura . . . . .	12	Empregado de caldeira . . . . .	4-5-916
30	Preciosa Maria Alves . . . . .	13	Aprendiza . . . . .	16-5-916
31	Joaquim dos Santos . . . . .	11	Vendedor de jornais . . . . .	16-5-916
32	Júlio Pereira . . . . .	14	Empregado de caldeira . . . . .	16-5-916
33	João Teodoro . . . . .	15	Empregado de caldeira . . . . .	16-5-916
34	Berta das Dores . . . . .	17	Doméstica . . . . .	16-5-916



## LIGA NACIONAL

Curso de aper

Na Cantina Escolar da Freguesia de S. Miguel

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Aurora de Jesus Gomes (a)	11	Estudante	6-10-916
2	Joaquim Costa (b)	11	Estudante	6-10-916
3	Manuel Pedro de Oliveira	26	Mariubeiro	8-11-916
4	Antonio Pinho	16	Caixeiro	9-11-916
5	João P. Marques	14	Aprendiz de serralheiro	9-11-916
6	Paulo da Encarnação Marques (b)	16	Impressor	6-10-916
7	Maria Rita da Conceição	39	Doméstica	6-10-916
8	Antonio Augusto	14	Aprendiz encadernador	6-10-916
9	Tereza da Conceição Duarte	26	Costureira	6-10-916
10	José Gomes (b)	15	Aprendiz de torneiro	6-10-916
11	Jaime Gonçalves (b)	8	Estudante	6-10-916
12	José Vilela Roiz	22	Pedreiro	6-10-916
13	Aua Cândida Braga	24	Marginadora	6-10-916
14	Joaquim Mendes	20	Empregado no comércio	6-10-916
15	José Belarmino (a)	11	Estudante	6-10-916
16	Antonio Pinto Magalhães	17	Obras da Câmara	12-11-916
17	Augusto Marques (b)	12	Sapateiro	12-11-916
18	Antonio A. A. Marques	34	Vendedor de cautelas	12-11-916
19	José Melo	16	Tipógrafo	12-11-916
20	Manuel Mendes	27	Marinheiro	12-11-916
21	José Antunes	18	Varredor	12-11-916
22	Jaime Dias	18	Trabalhador	12-11-916
23	Emília Ferreira	16	Vendedeira	12-11-916
24	José Antunes	23	Trabalhador	12-11-916
25	Manuel Vicente Nunes	10	Filho família	12-11-916
26	Mário Gonçalves	11	Filho família	12-11-916
27	Appolinário Soares Ribeiro da Silva	10	Filho família	12-11-916
28	Emílio Marques Guimarães	11	Filho família	12-11-916
29	Augusto Marques	20	Trabalhador	12-11-916
30	Manuel Joaquim	26	Comerciante	12-11-916
31	Lúcia Laura de Brito	36	Doméstica	12-11-916
			Média do curso . . .	

(a) Fizeram exame de 2.º grau, ficando aprovados.

(b) Fizeram exame de 1.º grau, ficando aprovados.

## DE INSTRUÇÃO

feioamento

Professora, Celeste Baião da Costa Lameiro

Novembro Dias lectivos 23		Dezembro Dias lectivos 20		Janeiro Dias lectivos 22		Fevereiro Dias lectivos 18		Março Dias lectivos 22		Abril Dias lectivos 22		Maio Dias lectivos 23		Junho Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
9	12	3	-	2	6	2	8	2	16	2	16	4	2	2	7
6	10	7	6	3	10	-	4	2	20	9	5	6	8	6	2
4	-	2	9	2	9	2	6	6	12	2	-	3	2	-	-
2	6	3	-	1	10	3	11	-	4	4	6	5	4	4	6
3	7	4	6	2	15	3	13	2	9	2	8	2	8	2	3
5	4	3	10	3	4	-	2	-	5	3	7	2	10	5	9
5	9	3	14	2	9	9	-	2	8	9	2	2	4	-	2
18	2	3	9	5	4	4	6	2	7	5	-	2	5	4	8
2	-	2	-	2	8	2	9	-	-	2	4	3	16	7	6
2	9	-	-	3	6	5	7	4	9	6	2	2	-	2	5
3	6	3	6	2	9	3	8	2	16	3	-	4	9	4	9
-	-	5	9	5	3	2	14	3	15	5	3	2	5	-	-
4	2	-	-	6	4	3	19	4	12	4	8	3	7	2	6
3	6	2	9	2	8	-	14	2	17	2	13	7	2	3	7
3	10	3	6	3	7	2	6	-	14	2	17	4	2	-	5
3	8	2	7	2	14	4	-	3	12	5	2	6	8	2	4
6	9	2	-	2	16	2	5	-	17	2	4	3	7	6	3
5	14	3	9	3	2	2	8	2	6	2	-	5	2	7	9
2	-	2	5	-	-	4	12	3	4	2	8	2	9	6	2
6	12	3	7	2	5	-	13	2	9	2	16	4	6	4	5
2	14	-	-	4	4	4	6	-	10	4	12	2	8	-	2
2	16	2	6	2	9	2	5	3	14	7	2	5	12	3	8
-	-	4	5	3	6	4	9	2	16	3	9	2	4	5	7
5	9	2	16	3	10	6	2	3	5	8	4	3	9	4	6
7	16	2	9	2	4	-	8	7	4	7	2	2	6	7	2
2	18	2	4	2	9	-	5	2	9	6	4	7	4	5	-
2	-	3	6	5	2	2	9	5	8	2	5	2	6	2	9
5	4	2	8	4	7	2	16	2	16	3	-	5	3	4	12
-	-	2	14	-	2	2	13	-	-	4	9	4	-	6	15
6	8	2	7	8	5	3	14	4	9	2	8	9	6	2	13
4	5	5	-	2	9	2	11	7	6	3	14	-	-	4	2
8	13	8	14	14	10	9	13	8	13	6	8	14	13	14	13

## LIGA NACIONAL

## Curso de analfabetos

## No Centro Socialista de Lisboa

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Manuel Gamboa . . . . .	19	Carpinteiro . . . . .	1-11-916
2	José Loureiro . . . . .	18	Serralheiro . . . . .	1-11-916
3	Abel Raimundo . . . . .	14	Empregado no comércio	1-11-916
4	Renato Pedro Costa . . . . .	15	Empregado no comércio	1-11-916
5	Arnaldo Ferreira da Silva . . . . .	20	Electricista . . . . .	1-11-916
6	António Joaquim Afonso . . . . .	19	Pintor . . . . .	1-11-916
7	Francisco José Afonso . . . . .	17	Pintor . . . . .	1-11-916
8	José Antunes . . . . .	19	Aprendiz de pedreiro . . . . .	1-11-916
9	Carlos Vaz da Cunha . . . . .	14	Alfaiate . . . . .	1-11-916
10	Dionísio Pedro . . . . .	20	Pedreiro . . . . .	1-11-916
11	Ermelinda dos Santos . . . . .	21	Costureira . . . . .	1-11-916
12	Umbelina Dias . . . . .	18	Empregada na fábrica de tabacos.	1-11-916
13	Rosalina Costa . . . . .	35	Engomadeira . . . . .	1-11-916
14	Mário Cruz Costa . . . . .	17	Correeiro . . . . .	6-11-916
15	Joaquim Lucas . . . . .	16	Serralheiro . . . . .	7-11-916
16	Aníbal dos Reis . . . . .	17	Serralheiro . . . . .	7-11-916
17	João Baptista Teixeira . . . . .	17	Sapateiro . . . . .	9-11-916
18	Joana Mendes Chaves . . . . .	14	Costureira . . . . .	9-11-916
19	Tiago Rito . . . . .	16	Aprendiz de carpinteiro	13-11-916
20	Júlio Santos Costa . . . . .	15	Serralheiro . . . . .	13-11-916
21	Mário de Almeida . . . . .	15	Serralheiro . . . . .	13-11-916
22	João Martins . . . . .	25	Correeiro . . . . .	13-11-916
23	Carlos de Almeida . . . . .	16	Torneiro . . . . .	3-11-916
24	Eduarda dos Santos . . . . .	17	Costureira . . . . .	15-11-916
25	José Filipe . . . . .	15	Servente . . . . .	14-11-916
26	Manuel Muralha . . . . .	18	Pedreiro . . . . .	14-11-916
27	Augusto Vicente . . . . .	18	Torneiro . . . . .	14-11-916
28	Manuel António Pereira . . . . .	20	Pasteleiro . . . . .	22-11-916
29	António José Magalhães . . . . .	28	Pasteleiro . . . . .	22-11-916
30	Alfredo da Silva . . . . .	17	Empregado no comércio	24-11-916
31	Joaquim dos Santos . . . . .	24	Chapeleiro . . . . .	27-11-916
32	João Maria Ramos . . . . .	24	Chapeleiro . . . . .	18-12-916
33	José Gregório . . . . .	15	Carpinteiro . . . . .	19-12-916
34	Aires Abrantes . . . . .	15	Torneiro de metais . . . . .	19-12-916
35	Celeste Costa . . . . .	-	Doméstica . . . . .	26-12-916
36	Joaquim de Assunção . . . . .	14	Empregado no comércio	2- 4-917
37	José Mário Barata . . . . .	22	Empregado no comércio	3- 4-917
38	António de Almeida . . . . .	28	Empregado no comércio	13- 4-917
				Média do curso . . . .



## DE INSTRUÇÃO

e de aperfeiçoamento

Professora, Francisca Romero

Novembro — Dias lectivos 22		Dezembro — Dias lectivos 17		Janeiro — Dias lectivos 21		Fevereiro — Dias lectivos		Março — Dias lectivos		Abril — Dias lectivos		Maio — Dias lectivos 22		Junho — Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento
8	12	17	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
16	-	17	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11	12	14	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
15	12	13	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	12	7	11	8	12	5	13	6	12	9	13	3	14	2	15
-	12	5	11	10	11	6	11	12	12	15	-	16	-	20	-
1	13	17	-	21	-	5	10	3	13	2	12	4	12	3	12
5	14	4	13	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	12	14	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	13	1	11	5	12	3	10	2	12	4	11	-	13	1	12
3	12	5	12	11	12	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1	11	-	12	8	11	3	12	-	12	4	13	7	13	-	-
2	10	12	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	13	2	13	4	12	6	12	3	11	7	10	2	13	5	12
-	11	2	12	20	-	-	-	-	-	8	13	6	14	-	-
3	10	6	11	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	13	3	13	14	12	3	13	4	14	9	15	5	15	8	14
3	11	14	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	12	4	13	5	12	7	11	8	13	6	12	9	12	7	12
2	13	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1	14	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	11	1	14	3	12	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	14	-	13	1	15	-	14	9	14	-	-	-	-	-	-
9	11	9	12	17	12	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	8	14	8	13	7	12	6	14	5	13	8	14	6	14
-	-	1	14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	14	7	14	5	14	10	15	-	-	-	-	-	-	-
-	-	10	13	7	12	7	12	9	11	11	13	10	12	9	13
-	-	10	12	12	11	13	12	6	12	5	12	12	-	20	-
-	-	9	13	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	12	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	7	13	14	12	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	9	11	12	7	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	1	13	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	2	13	4	10	5	11	7	12	5	11	12	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	3	14	2	15	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	11	16	-	20	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	-	15	3	16	-
19	12	19	11	19	12	19	12	16	12	9	13,9	8	13,3	1	12,8

## LIGA NACIONAL

## Curso de analfabetos

Na Secção Federal da Construção Civil do Alto do Pina (curso diurno)

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão dos pais	Data da matrícula
1	João Alves . . . . .	9	Canteleiro . . . . .	1-11-916
2	Basilio A. da Costa . . . . .	9	Canteiro . . . . .	1-11-916
3	Alfredo M. da Costa . . . . .	10	Canteiro . . . . .	1-11-916
4	João de Matos . . . . .	8	Trabalhador . . . . .	1-11-916
5	Mabilia de Matos . . . . .	7	Trabalhador . . . . .	1-11-916
6	António J. Baptista . . . . .	8	Operário . . . . .	1-11-916
7	Artur Martins . . . . .	9	Empregado nos eléctricos.	1-11-916
8	Alberto Martins . . . . .	6	Empregado nos eléctricos.	1-11-916
9	Marcolino Cardoso . . . . .	7	Carpinteiro . . . . .	1-11-916
10	Irene da Silva . . . . .	8	—	1-11-916
11	José Dias . . . . .	9	Mecânico . . . . .	1-11-916
12	António Dias . . . . .	7	Mecânico . . . . .	1-11-916
13	Fernando Tabuado . . . . .	8	Pintor . . . . .	1-11-916
14	Alfredo Tabuado . . . . .	7	Pintor . . . . .	1-11-916
15	Carmen Tabuado . . . . .	6	Pintor . . . . .	1-11-916
16	Alfredo dos Santos . . . . .	7	Pedreiro . . . . .	1-11-916
17	Joel R. Zagalo . . . . .	5	Ferreiro . . . . .	1-11-916
18	Alfredo Ribeiro . . . . .	10	Pedreiro . . . . .	1-11-916
19	Américo da Cunha . . . . .	5	Pedreiro . . . . .	1-11-916
20	Felicíssimo Simões . . . . .	7	Encadernador . . . . .	1-11-916
21	Emílio N. Maia . . . . .	9	Pedreiro . . . . .	1-11-916
22	Raúl N. Maia . . . . .	7	Pedreiro . . . . .	1-11-916
23	Américo S. Capela . . . . .	8	Carpinteiro . . . . .	1-11-916
24	António L. Cego . . . . .	6	Peixeiro . . . . .	1-11-916
25	Aires dos Santos . . . . .	6	Caieiro . . . . .	1-11-916
26	Avelino Felício . . . . .	6	Serralheiro . . . . .	1-11-916
27	Bernardino Nunes . . . . .	6	Pedreiro . . . . .	1-11-916
28	Dinis da Silva . . . . .	6	Sapateiro . . . . .	1-11-916
29	Natália do T. Bonito . . . . .	10	—	1-11-916
30	Julieta Ferreira . . . . .	9	—	1-11-916
31	Manuel Esteves . . . . .	9	Contínuo . . . . .	1-11-916
32	Mário C. dos Santos . . . . .	6	Pintor . . . . .	1-11-916
33	Manuel Ferreira . . . . .	9	Carregador . . . . .	1-11-916
34	Acácia de Andrade . . . . .	8	—	1-11-916
35	Florência de Andrade . . . . .	7	—	1-11-916
36	Lutero A. do Amaral . . . . .	12	Contínuo . . . . .	1-11-916
37	Elsa A. do Amaral (b) . . . . .	10	Contínuo . . . . .	1-11-916
38	Lueflia do Amaral . . . . .	9	Contínuo . . . . .	1-11-916
39	Carlos da Cruz . . . . .	8	Empregado na Fábrica dos Tabacos.	1-11-916
40	Eduardo D. Rodrigues . . . . .	8	Pedreiro . . . . .	1-11-916
41	Aníbal Pedro Cardoso . . . . .	8	Pedreiro . . . . .	1-11-916
42	Maria dos Santos . . . . .	7	—	1-11-916

# DE INSTRUÇÃO e de aperfeiçoamento

Professor, Pedro António Bernardino

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 18		Dias lectivos 21		Dias lectivos 17		Dias lectivos 13		Dias lectivos 20		Dias lectivos 19		Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento
4	8	6	9	9	10	6	10	2	12	5	12	6	14	3	14
5	9	8	10	6	11	4	10	-	-	-	-	-	-	-	-
5	7	8	8	5	10	4	9	-	-	-	-	-	-	-	-
5	12	3	12	6	14	2	15	2	15	10	16	-	17	1	16
9	9	5	9	9	10	3	9	5	9	11	10	8	12	6	9
13	7	9	7	13	7	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	9	2	9	4	9	2	12	3	12	2	14	1	15	3	10
10	6	10	7	12	7	4	8	7	8	2	8	1	10	3	7
-	12	1	11	3	12	-	14	1	15	-	16	-	15	-	12
-	11	2	10	4	10	-	12	2	12	-	13	-	13	-	10
3	10	3	10	5	10	4	14	4	14	3	15	-	17	-	17
9	6	8	7	8	7	10	8	4	7	3	8	1	8	-	7
3	11	6	11	9	9	5	9	3	10	9	10	19	-	20	-
6	6	9	7	11	7	7	6	5	7	7	6	19	-	20	-
8	9	12	8	15	8	12	6	6	8	20	-	19	-	20	-
6	6	7	7	8	6	7	7	-	-	-	-	-	-	-	-
4	11	6	10	5	8	5	9	3	8	4	9	9	11	20	-
1	10	8	8	10	9	10	8	-	-	-	-	-	-	-	-
8	6	6	7	14	6	12	6	5	7	-	-	-	-	-	-
4	10	8	9	4	9	6	10	3	9	2	8	-	13	-	11
2	15	1	14	5	11	6	11	3	13	5	15	6	14	5	10
5	7	6	7	8	7	6	7	5	7	7	8	16	7	6	7
3	12	6	10	5	9	3	9	2	12	2	12	5	12	9	10
6	11	4	12	5	7	5	9	4	9	20	-	14	13	9	14
6	6	9	6	9	6	10	6	6	6	2	8	19	-	20	-
6	6	9	6	9	7	5	7	4	7	12	8	19	-	20	-
8	5	10	5	4	8	4	6	-	8	7	7	1	7	1	8
9	9	9	8	11	8	11	6	8	7	20	-	19	-	20	-
3	13	4	13	7	11	7	9	3	11	8	12	15	11	6	10
3	13	3	14	6	12	7	11	3	13	7	14	11	16	4	14
2	10	4	11	4	10	2	12	2	12	2	14	6	12	4	10
5	8	5	9	13	7	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	8	5	12	4	10	1	10	3	12	-	15	6	15	5	12
4	9	4	10	6	10	7	10	-	-	-	-	-	-	-	-
6	7	4	8	6	8	8	7	-	-	-	-	-	-	-	-
1	14	1	15	1	15	1	16	2	17	-	18	-	18	-	15
-	18	-	18	-	19	1	19	-	20	-	20	-	20	-	20
1	17	-	17	-	17	1	18	-	19	5	19	4	16	4	14
1	17	-	18	2	16	-	16	-	18	-	19	5	15	-	12
-	16	2	16	3	15	2	15	2	16	2	17	-	18	-	15
-	16	1	18	1	16	2	16	2	17	-	19	-	16	-	13
6	9	11	8	13	8	10	7	8	8	5	10	3	9	5	8

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão dos pais	Data da matrícula
43	Armando Massas . . . . .	10	—	1-11-916
44	Adelaide Massas . . . . .	7	—	1-11-916
45	José Marques . . . . .	7	Comerciante . . . . .	1-11-916
46	Aurora Ferreira . . . . .	8	—	1-11-916
47	Paulo Mota . . . . .	10	Carroceiro . . . . .	1-11-916
48	Manuel Mota . . . . .	9	Carroceiro . . . . .	1-11-916
49	José Maria da Cruz . . . . .	9	Serralheiro . . . . .	1-3-917
50	Mariana Esteves . . . . .	11	Continuo . . . . .	1-3-917
51	Eduardo dos Aujos . . . . .	10	Alfaiate . . . . .	1-4-917
Média do curso . . . .				

(b) Fez exame de 1.º grau, ficando aprovado.

Novembro — Dias lectivos 22		Deseμβro — Dias lectivos 19		Janeiro — Dias lectivos 21		Fevereiro — Dias lectivos 17		Março — Dias lectivos 23		Abril — Dias lectivos 20		Maio — Dias lectivos 19		Junho — Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento
4	16	1	15	2	15	2	15	-	17	3	18	3	13	-	13
4	12	4	13	5	13	2	16	-	17	2	18	2	18	-	15
9	6	11	7	9	9	3	10	5	9	3	10	2	15	2	12
8	9	6	9	2	10	4	13	6	16	2	14	3	12	4	9
6	10	7	11	8	10	3	12	3	14	-	15	-	16	-	11
6	9	9	8	8	9	3	11	3	11	-	12	-	12	1	9
-	-	-	-	-	-	-	-	2	14	2	16	5	14	-	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	15	2	17	9	14	16	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	16	6	16	3	12
37	10	34	10	31	10	35	10	33	10	33	13	28	13	27	11

## LIGA NACIONAL

## Curso de analfabeto

## Na Secção Federal da Construção Civil do Alto do Pina (curso nocturno)

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Manuel Joaquim . . . . .	33	Pedreiro . . . . .	1-11-91
2	José Andrade . . . . .	30	Carpinteiro . . . . .	1-11-91
3	Estêvão Vicente . . . . .	21	Pedreiro . . . . .	1-11-91
4	Raúl da Costa . . . . .	17	Canteiro . . . . .	3-11-91
5	António Nunes de Melo . . . . .	14	Pintor . . . . .	3-11-91
6	Bonifácio da Cruz . . . . .	10	Empregado de escritório	3-11-91
7	Armando da Silva . . . . .	12	Empregado na fábrica	5-11-91
8	Raúl dos Santos . . . . .	16	Funileiro . . . . .	5-11-91
9	António da Costa . . . . .	19	Pedreiro . . . . .	1-11-91
10	Joaquim Baptista . . . . .	18	Sapateiro . . . . .	1-11-91
11	José Gomes . . . . .	12	Vendedor de pão . . . . .	1-11-91
12	António Pais . . . . .	13	Vendedor ambulante . . . . .	1-11-91
13	Helder Vitorino Alves . . . . .	15	Aprendiz de carpinteiro	2-11-91
14	Manuel Baptista . . . . .	18	Sapateiro . . . . .	2-11-91
15	Jorge dos Santos . . . . .	15	Aprendiz de carpinteiro	2-11-91
16	Agostinho Felício . . . . .	35	Canteiro . . . . .	1-11-91
17	Mário Bernardino . . . . .	13	Marceneiro . . . . .	3-11-91
18	Estêvão Moreira . . . . .	15	Servente de pedreiro . . . . .	3-11-91
19	Alfredo da Silva . . . . .	13	Canteiro . . . . .	5-12-91
20	Sotero Martins (b) . . . . .	15	Torneiro mecânico . . . . .	3-11-91
21	Luís José Ferreira . . . . .	15	Torneiro mecânico . . . . .	5-11-91
22	Engrácia Maria . . . . .	12	Costureira . . . . .	5-11-91
23	Manuel Brás . . . . .	22	Pedreiro . . . . .	5-11-91
24	Irene Martins . . . . .	12	Doméstica . . . . .	5-11-91
25	José Pereira Santa Rosa . . . . .	15	Pedreiro . . . . .	5-11-91
26	Bento Eduardo Pinto . . . . .	16	Fundidor de metal . . . . .	5-11-91
27	Cristiana Cadima . . . . .	12	Empregado na fábrica	3-11-91
28	João Gomes . . . . .	18	Pedreiro . . . . .	1-11-91
29	Francisco Rocha . . . . .	17	Pedreiro . . . . .	1-11-91
30	Sara Martins . . . . .	14	Doméstica . . . . .	1-11-91
31	Venâncio Lopes . . . . .	17	Empregado de automóveis . . . . .	1-11-91
32	Júlio da Silva . . . . .	11	Sem emprêgo . . . . .	1-11-91
33	António Pereira Júnior . . . . .	18	Brochante . . . . .	3- 1-91
34	Alberto Pereira Júnior . . . . .	12	Serralheiro . . . . .	3- 1-91
35	Bento Pereira . . . . .	30	Carpinteiro . . . . .	3- 1-91
			Média do curso . . . . .	

(b) Fez exame de 1.º grau, ficando aprovado.

## DE INSTRUÇÃO

e de aperfeiçoamento

Professora, Maria Antónia Bernardino

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 23		Dias lectivos 15		Dias lectivos 21		Dias lectivos 17		Dias lectivos 13		Dias lectivos 19		Dias lectivos 19		Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento	Faltas	Aprovel- tamento
4	10	2	12	1	15	1	15	4	15	1	15	3	16	7	16
3	15	4	16	-	15	1	15	-	15	1	16	3	18	2	18
4	12	5	13	4	12	-	12	7	12	6	14	7	15	13	16
12	15	6	16	3	9	17	-	3	10	6	10	10	12	13	12
4	10	7	11	15	10	6	10	13	-	5	12	7	14	15	14
4	15	2	15	1	13	-	13	-	14	-	16	1	17	3	17
8	12	5	12	1	18	3	10	1	10	-	11	7	17	9	17
6	10	9	11	4	10	-	10	9	12	5	12	15	14	8	14
10	9	7	10	5	10	4	10	4	10	5	12	12	13	13	13
17	9	8	10	10	8	8	8	6	10	9	9	8	10	14	9
4	12	9	13	5	15	2	15	6	14	9	16	-	18	2	18
9	9	7	10	4	11	4	11	3	12	5	12	11	13	6	13
12	9	7	10	9	11	3	11	3	10	7	12	13	13	6	13
12	6	11	8	12	8	8	8	3	10	16	9	12	10	8	10
16	8	9	10	6	7	8	7	6	8	13	8	15	9	6	10
2	10	13	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	12	3	13	2	13	1	13	-	14	2	14	2	15	2	16
12	12	4	11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
18	6	10	8	9	6	4	6	3	12	2	7	11	8	16	9
4	12	-	15	2	14	-	14	4	15	3	16	2	18	3	18
18	9	6	10	9	9	7	9	7	10	3	10	13	12	12	12
13	12	10	12	4	14	3	14	3	14	2	16	2	17	5	18
18	7	15	-	10	6	9	6	3	12	17	-	14	8	10	12
7	8	-	12	2	13	1	13	3	13	3	14	3	15	4	17
12	8	8	10	3	14	1	14	7	11	1	15	1	16	5	16
10	9	6	12	3	12	6	12	4	14	6	13	12	14	11	15
7	10	5	13	8	14	2	14	4	9	4	16	3	18	2	18
7	10	8	12	14	12	17	-	13	-	19	-	10	16	12	15
12	10	-	15	12	10	17	-	13	-	19	-	9	13	10	15
8	10	-	12	1	13	4	13	-	13	3	15	1	16	3	17
11	9	7	11	14	9	15	-	13	-	19	-	10	12	14	12
9	12	2	13	2	12	-	12	3	10	-	15	3	17	2	17
-	-	-	-	2	12	-	12	-	13	3	14	6	16	3	16
-	-	-	-	1	14	-	14	-	13	2	16	5	16	2	16
-	-	-	-	2	14	1	14	-	13	2	16	3	17	2	18
19	10	19	11	24	17	25	12	23	12	20	13	23	14	20	14

## Na Secção Federal da Construção Civil de Palma e arredores (aula diurna)

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão dos pais	Data da matrícula
1	Américo da Conceição	8	Funileiro	12-6-915
2	Francisco Nunes Ribeiro	7	Comerciante	12-5-915
3	António Roquo	10	Peixeiro	12-6-915
4	Miquelina Gonçalves	7	Pedreiro	2-7-915
5	Casimiro Ribeiro	7	Leiteiro	1-3-915
6	António Oliveira	7	Forneiro	28-7-915
7	José Soares	9	Trabalhador	8-5-916
8	Luis Vasques	9	Empregado no hospital	10-5-915
9	Carlos Félix	6	Carpinteiro	17-5-915
10	Armando Vasques	5	Empregado no hospital	10-5-915
11	Laurinda da Conceição	6	Forneiro	10-5-915
12	António Rodrigues	7	Maquinista	21-5-915
13	José Moreira	8	Pedreiro	1-6-915
14	Manuel Plácido	9	Trabalhador	11-6-915
15	Ermelinda Conceição	6	Funileiro	12-6-915
16	Leopoldina Gomes	7	Trabalhador	15-10-915
17	Augusto Jeronimo	6	Carpinteiro	21-2-916
18	Manuel Ribeiro	5	Leiteiro	1-3-916
19	José Ribeiro	6	Leiteiro	18-3-916
20	Maria Ferreira	8	Oleiro	3-12-916
21	Emília de Oliveira	9	Ferro velho	3-12-915
22	João de Oliveira	6	Ferro velho	3-12-915
23	Jaime Rabaça	6	Carpinteiro	1-4-916
24	Armando Rabaça	7	Carpinteiro	1-4-916
25	Augusto Santos	9	Canteiro	8-5-916
26	Joaquim Baptista	8	Empregado	1-5-916
27	Domingos Correia	6	Canteiro	1-8-916
28	Maria Rocha	6	Peixeiro	15-8-916
29	Aleinda Ferreira	6	Trabalhador	16-8-916
30	João Baptista	7	Canteiro	8-5-916
31	Jaime da Conceição	6	Funileiro	8-5-916
32	Maria Silva	8	Pedreiro	2-1-916
33	Maria Travão	6	Trabalhador	7-11-916
34	Pilar de Almeida	6	—	21-11-916
35	Natalina Moreira	5	Pedreiro	1-6-915
36	Aurora Sequeira	7	Pedreiro	27-12-916
37	João Ferreira	9	Carroceiro	9-1-917
38	António Nunes	9	—	12-10-916
39	Carlos Oliveira	7	Pedreiro	16-1-917
40	Alfredo Moreira	7	Serralheiro	16-1-917
41	Manuel Moreira	6	Serralheiro	16-1-917
42	Avelino Ferreira	7	Pedreiro	1-8-916
43	José Vaquinhas	6	—	16-3-917
44	Francisco Gomes	6	Trabalhador	27-2-917
45	Mariana Pires	7	—	1-3-917





Número de ordem	Nome	Idade	Profissão dos pais	Data da matrícula
46	Maria Rocha . . . . .	10	Canteleiro . . . . .	30-3-917
47	Henrique Félix . . . . .	6	Trabalhador . . . . .	1-3-917
48	Rodrigo Ferreira . . . . .	6	Pedreiro . . . . .	1-6-916
49	Guilherme Vieira . . . . .	9	Pintor . . . . .	3-4-917
50	Valentim Vieira . . . . .	7	Pintor . . . . .	3-4-917
51	João Barroso Baptista . . . . .	9	Pedreiro . . . . .	1-8-916
52	Maria da Luz . . . . .	7	—	12-3-917
53	Carlos Monteiro . . . . .	7	Ferro velho . . . . .	2-4-917
54	José Gomes . . . . .	6	Trabalhador . . . . .	2-4-917
55	Rosenda Lourenço . . . . .	5	Forjador . . . . .	30-4-917
56	Manuel Plácido . . . . .	9	Trabalhador . . . . .	11-6-916
57	Sebastião Rodrigues . . . . .	5	Maquinista . . . . .	1-6-917
58	Raquel Almeida . . . . .	9	—	8-5-917
59	Júlio dos Santos . . . . .	5	Trabalhador . . . . .	4-6-917
60	Mário Lopes . . . . .	5	Estucador . . . . .	5-6-917
61	Hortense Nunes . . . . .	6	Pedreiro . . . . .	1-6-917
82	Carlos Silva . . . . .	6	Estucador . . . . .	11-6-917
63	Horácio Lopes . . . . .	6	Sapateiro . . . . .	12-4-917
64	Sebastião Pais . . . . .	7	Marchante . . . . .	1-6-917
Média do curso . . .				

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 20		Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21	
Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento
-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	-	14	21	-	21	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	11	12	13	12	18	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	11	12	14	10	18	-
-	-	-	-	-	-	-	-	3	12	2	14	6	12	3	12
-	-	-	-	-	-	-	-	2	12	2	14	3	12	3	12
-	-	-	-	-	-	-	-	11	12	11	12	13	10	8	12
-	-	-	-	-	-	-	-	9	12	-	8	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	10	-	12	-	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	10	7	10	6	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	10	-	10	3	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	10	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18	-	14	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	3	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	10	2	12	10	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14
-	-	-	-	5	12	10	12	5	12	6	12	9	11	8	11

## LIGA NACIONAL

Curso de aper

Na Secção Federal da Construção Civil de Palma e Arredores (aula nocturna)

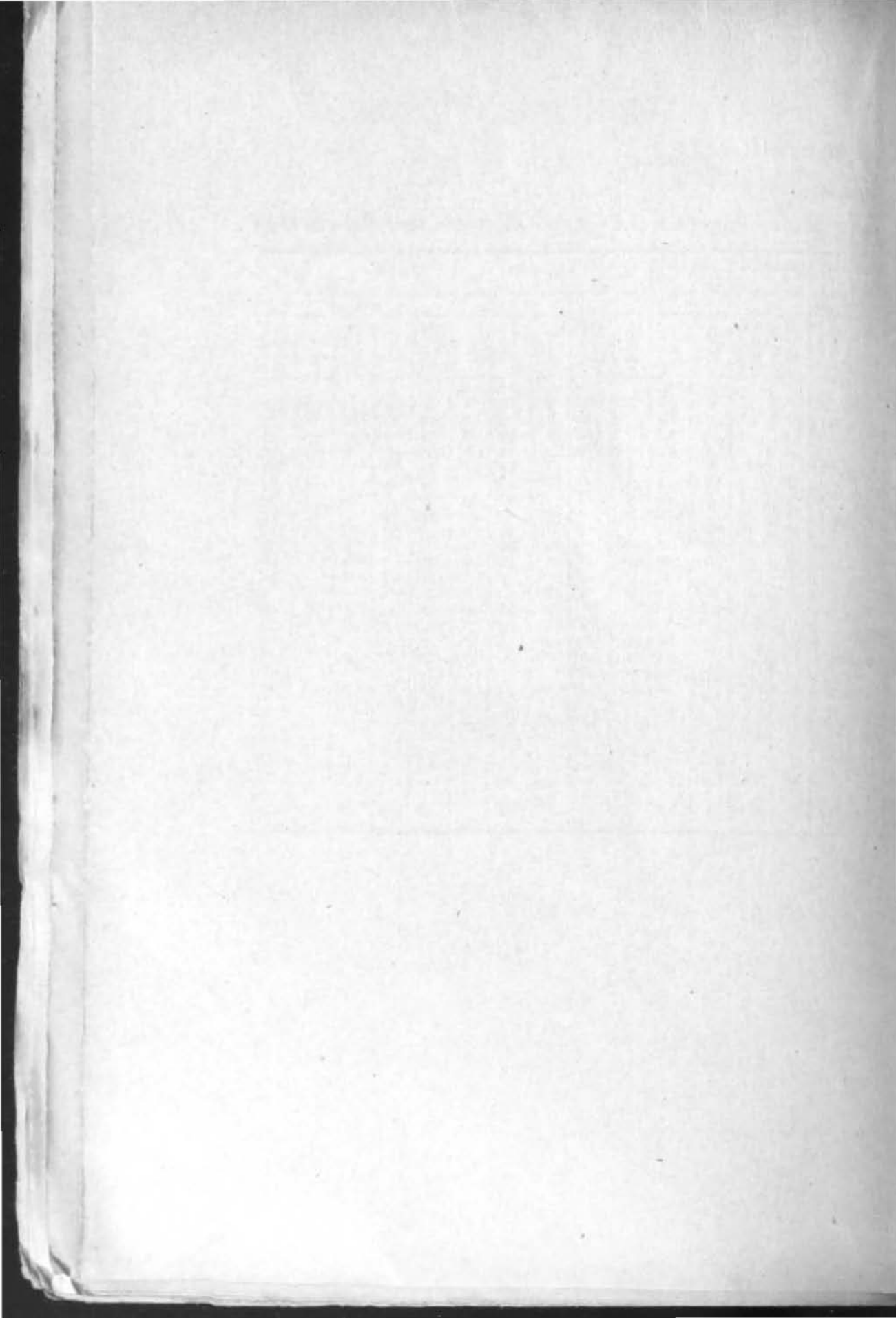
Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	João Dias . . . . .	15	Serralheiro . . . . .	19-4-915
2	João Simões . . . . .	22	Servente . . . . .	1-5-915
3	José Afonso . . . . .	25	Pedreiro . . . . .	4-5-915
4	António Martins . . . . .	23	Servente . . . . .	19-4-915
5	Mário Soares . . . . .	9	—	3-9-915
6	José Soares . . . . .	7	—	3-9-915
7	Jaime Silva Lucas . . . . .	9	Carroceiro . . . . .	14-7-915
8	José Ribeiro da Silva . . . . .	11	Canteiro . . . . .	1-2-916
9	Augusto Nunes . . . . .	11	—	21-6-916
10	José Valeia . . . . .	18	Trabalhador . . . . .	1-11-916
11	José Bentes . . . . .	16	Servente . . . . .	18-11-916
12	Armando Pais . . . . .	12	—	27-4-917
13	Fernando Pais . . . . .	11	—	27-4-917
14	Mário Silva . . . . .	10	—	11-3-917
15	Raúl Jorge . . . . .	18	Servente . . . . .	22-3-917
16	Domingos Martins . . . . .	25	Pedreiro . . . . .	19-4-915
17	Francisco José Fonseca . . . . .	12	Aprendiz . . . . .	3-10-915
18	Francisco Coelho . . . . .	16	Pedreiro . . . . .	2-4-917
19	José Henriques . . . . .	12	Servente . . . . .	2-4-917
20	António Correia . . . . .	18	Fabricante . . . . .	2-5-917
21	José de Azevedo . . . . .	19	Servente . . . . .	23-4-917
22	Raúl Joaquim Silva . . . . .	8	—	1-6-917
23	Francisco Coelho . . . . .	27	Pedreiro . . . . .	1-4-917
24	António Henriques . . . . .	30	Pedreiro . . . . .	1-4-917
Média do curso . . .				

## DE INSTRUÇÃO

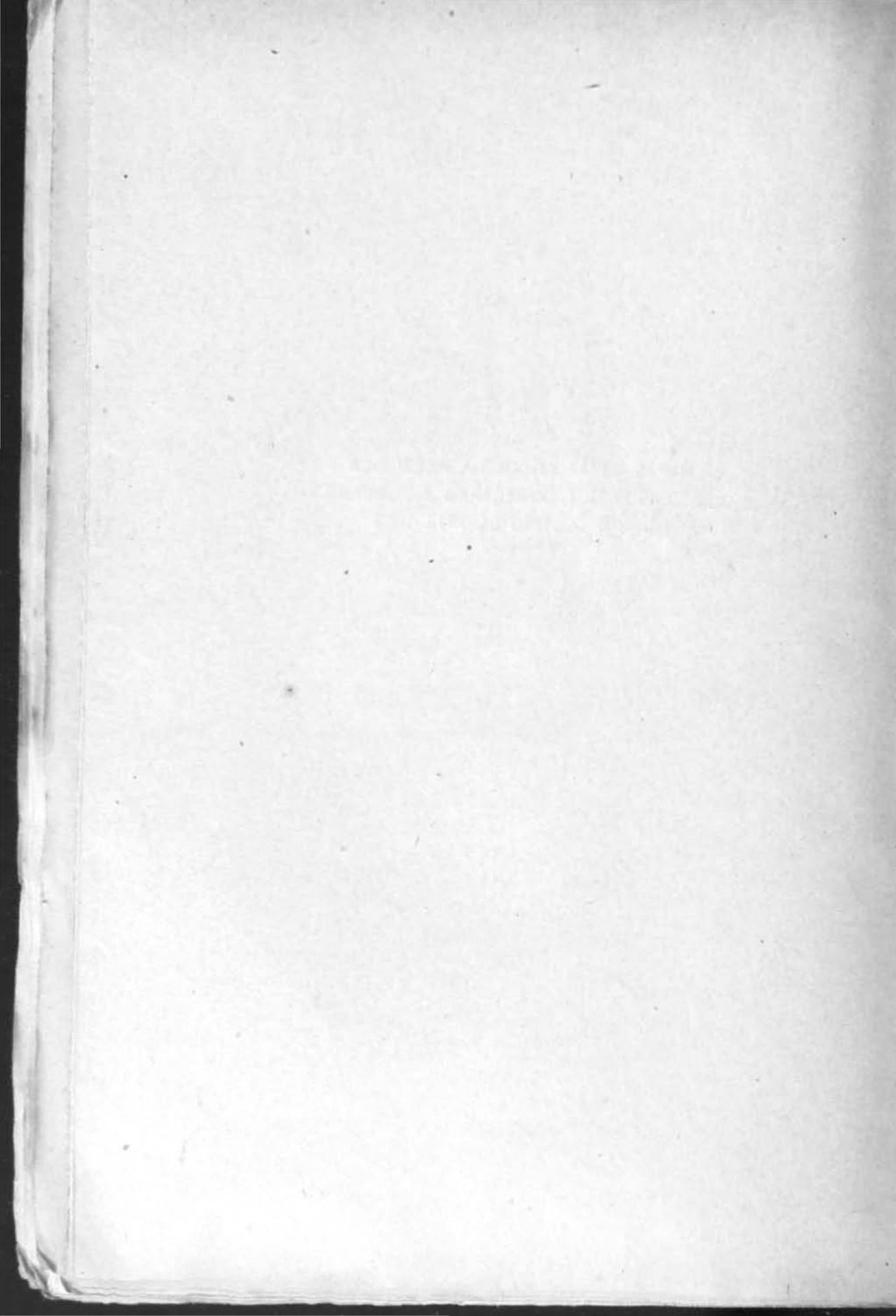
feijramento

Professor, Lima da Costa

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 22		Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21	
Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento
4	17	3	17	0	16	9	16	4	16	3	16	10	16	13	12
0	17	2	17	0	16	0	16	0	16	0	16	0	16	4	12
1	14	2	14	0	12	0	12	4	12	0	12	4	12	5	12
6	10	5	10	3	12	5	12	4	12	8	12	5	12	12	10
0	17	0	17	0	12	4	12	4	12	7	12	3	12	5	12
1	17	2	17	0	12	3	12	6	12	5	12	4	12	2	12
4	17	3	17	2	12	6	12	3	12	10	12	9	12	17	0
3	17	0	17	7	14	8	14	0	14	9	14	13	12	18	0
3	17	3	17	7	12	5	12	0	12	8	12	3	12	3	12
1	9	0	9	4	12	4	12	6	12	7	12	0	12	12	10
3	9	4	9	0	0	1	12	6	12	9	12	5	12	4	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	10	2	10	0	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	10	5	10	0	10
-	-	-	-	-	-	-	-	7	10	10	10	8	10	13	10
-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	0	12	4	12	5	12
-	-	-	-	-	-	7	-	9	12	5	12	9	12	13	12
-	-	-	-	-	-	4	-	7	10	7	10	11	10	9	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	2	-	0	-	6	14	3	12	3	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	10	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	12	-	-	14	0
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	12	0	12	13	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	12	5	12	11	10
2	14	4	14	4	13	4	12	5	12	6	12	6	11	9	11



MAPAS ESTATÍSTICOS DA MATRÍCULA  
DOS CURSOS QUE COMEÇARAM A FUNCIONAR  
NO ANO LECTIVO DE 1917-1918





## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

CENTRO ESCOLAR DE CAMPO DE OURIQUE

Curso nocturno (analfabetos)

Professora, Alice Ribeiro

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	José das Dores Beltrão . . . . .	17	Carpinteiro.
2	Beatriz Gonçalves . . . . .	26	Trabalhador.
3	António Dores Beltrão . . . . .	16	Carpinteiro.
4	Vilator Madeira Piçarra . . . . .	11	Carpinteiro.
5	Francisco Marques . . . . .	24	Trabalhador.
6	Américo Ferreira . . . . .	15	Trabalhador.
7	Agostinho Santos . . . . .	15	Trabalhador.
8	Boaventura Gomes . . . . .	12	Pedreiro.
9	Afonso Querido . . . . .	16	Pedreiro.
10	José Correia . . . . .	15	Pedreiro.
11	António Nunes . . . . .	11	Pedreiro.
12	Cândido Costa . . . . .	16	Pedreiro.
13	Deodato Marques . . . . .	10	Aprendiz.
14	Piedade Amélia Santos . . . . .	16	Trabalhadeira.
15	Afonso Carlos Cabral . . . . .	28	Proprietário.
16	Carlos Valentim . . . . .	13	Trabalhador.
17	Adelina Gonçalves Costa . . . . .	17	Trabalhadeira.
18	João Rodrigues . . . . .	13	Aprendiz.
19	Joaquim Amâncio Fernandes . . . . .	10	Aprendiz.
20	Lúisa Martins dos Santos . . . . .	24	Trabalhadeira.
21	António da Luz Costa . . . . .	18	Carpinteiro.
22	José Pinto . . . . .	14	Carpinteiro.
23	Amadeu Santos . . . . .	13	Carpinteiro.
24	José António Gouveia . . . . .	14	Carpinteiro.
25	Maria Teresa Loureiro . . . . .	17	Trabalhadeira.
26	José António Lacueya . . . . .	19	Trabalhador.
27	Américo da Silva . . . . .	13	Trabalhador.
28	Francisco Gomes de Pinho . . . . .	19	Trabalhador.
29	Celeste Rodrigues Hingá . . . . .	14	Trabalhador.
30	José Maria Marques . . . . .	13	Trabalhador.
31	Mário Ferreira . . . . .	12	Trabalhador.
32	Fernando Correia . . . . .	14	Trabalhador.
33	António Pinto . . . . .	26	Trabalhador.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

## CENTRO ESCOLAR DE CAMPO DE OURIQUE

Curso nocturno (aperfeiçoamento)

Professor, José Pinto Guedes de Paiva

Números da ordem	Nomes	Idades	Profissões
3	José Maria Lopes . . . . .	16	Canteiro.
6	Nicolau Figueiras . . . . .	17	Aprendiz de serralheiro.
7	Pedro Nunes Marques . . . . .	18	Trabalhador.
11	Carlos da Graça Ferreira . . . . .	29	Merceeiro.
12	José Lourenço Tavares . . . . .	27	Carpinteiro.
16	Manuel Caetano da Costa . . . . .	14	
17	José Caetano da Costa . . . . .	18	Trabalhador.
20	Manuel Reis Júnior . . . . .	16	
23	Albino Domingos Silva . . . . .	34	Proprietário.
24	António Fraga Vieira . . . . .	16	
32	Luis da Costa . . . . .	17	Pedreiro (aprendiz).
40	Manuel da Paz . . . . .	12	
42	Maria da Ascensão . . . . .	16	
43	José António Fernandes . . . . .	12	
45	Mário do Carmo Moreira . . . . .	17	
50	Vitor Alves Neto . . . . .	24	Trabalhador.
51	Juventino José Franco . . . . .	26	Tipógrafo.
53	Raúl Alfredo dos Santos . . . . .	16	
71	Miguel Paiva . . . . .	17	
72	Augusto Conceição Paz . . . . .	17	
74	Abílio Gonçalves Fidalgo . . . . .	14	
78	Agostinho Pinto . . . . .	15	
86	José Vieira Lino . . . . .	15	
88	Francisco Oliveira Anjo . . . . .	15	
90	José Cristóvão . . . . .	14	
91	Eduardo Cristóvão . . . . .	12	
93	João Simões . . . . .	25	
94	Filipe Curato . . . . .	19	
95	António Ribeiro . . . . .	14	
96	Antonso Maria Franco . . . . .	18	
117	Joaquim Madeira Piçarra . . . . .	13	
121	Artur dos Santos Ferreira . . . . .	14	
125	José António Santos . . . . .	13	
126	João António dos Santos . . . . .	11	
128	José Tomás . . . . .	20	Pedreiro.
130	Raúl dos Santos . . . . .	17	
131	José Mansilhas Casais . . . . .	17	
132	Roque Marques . . . . .	16	
138	Antonio Ferreira . . . . .	13	
140	Manuel Fernandes Lopes . . . . .	26	
141	Francisco Fernandes . . . . .	15	Proprietário.
143	Frederico Raúl Sant'Ana . . . . .	16	
144	Jacinto Nunes . . . . .	17	
146	Francisco H. Oliveira . . . . .	14	
147	Rosa Leonor Castela . . . . .	27	
149	Manuel Alves Neto . . . . .	20	

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

## GRÊMIO POPULAR

Curso nocturno (analfabetos)

Professora, Alice de Jesus Matos

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	José Cláudio . . . . .	12	Vendedor ambulante.
2	José da Costa . . . . .	13	Funileiro (aprendiz).
3	Lourença da Purificação . . . . .	24	Doméstica.
4	Manuel Dias . . . . .	13	Carpinteiro (aprendiz).
5	Mariano Marques . . . . .	15	Carpinteiro (aprendiz).
6	Joaquim Martins . . . . .	18	Trabalhador.
7	Antônio da Cruz . . . . .	15	Moço de fretes.
8	Zeferino dos Santos . . . . .	24	Operário.
9	Cecília Maria . . . . .	14	Costureira (aprendiza).
10	Alice da Glória . . . . .	12	Costureira (aprendiza).
11	Gertrudes Pereira . . . . .	17	Costureira.
12	João Pudim . . . . .	12	Vendedor ambulante.
13	Armando Alves . . . . .	18	Criado.
14	José Fernando Santa Rita . . . . .	12	Sem profissão.
15	Eugénio Neves . . . . .	24	Pedreiro.
16	Martinho Simão . . . . .	20	Pintor.
17	Manuel Simão . . . . .	16	Pintor.
18	José Gomes . . . . .	12	Carpinteiro (aprendiz).
19	Glória dos Santos . . . . .	14	Costureira (aprendiza).
20	Domingos dos Santos . . . . .	12	Engraxador.
21	José António Serra . . . . .	12	Vendedor ambulante.
22	Rodolfo Pereira . . . . .	12	Marçano.
23	Joaquim Lopes . . . . .	14	Marceneiro (aprendiz).
24	Eduardo Borges . . . . .	14	Barbeiro.
25	Antônio Cláudio . . . . .	15	Vendedor ambulante.
26	Júlio Chaves . . . . .	15	Marceneiro.
27	José de Sousa . . . . .	32	Carregador.
28	César da Silva . . . . .	17	Sapateiro.
29	Maria da Glória . . . . .	14	Costureira (aprendiza).
30	Antônio Vitorino . . . . .	21	Sapateiro.
31	Eugénio Augusto . . . . .	17	Operário.
32	João Vieira . . . . .	18	Serralheiro.
33	José Joaquim . . . . .	25	Marujo.
34	Domingos Pereira . . . . .	15	Pintor.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

## GRÊMIO POPULAR

Curso nocturno (aperfeiçoamento)

Professora, Maria Luisa Dias

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Diogo Faria . . . . .	14	Criado.
2	Francisco Santos . . . . .	15	Torneiro (aprendiz).
3	Manuel Domingos . . . . .	19	Empregado do comércio.
4	João Roque . . . . .	25	Marinheiro.
5	Filipe Fernandes . . . . .	14	Vendedor ambulante.
6	José Lopes . . . . .	17	Correiro.
7	Júlio Trindade . . . . .	19	Empregado do comércio.
8	Maria Albertina . . . . .	15	Costureira.
9	João Vicente . . . . .	25	Fiscal das subsistências.
10	Anibal Vieira . . . . .	12	Empregado de escritório.
11	Manuel Justo . . . . .	28	Fiscal das subsistências.
12	José Trindade . . . . .	19	Pregueiro.
13	Carlos Cunha . . . . .	13	Pregueiro.
14	Álvares Santos . . . . .	17	Empregado do comércio.
15	José Simões . . . . .	33	Empregado do comércio.
16	Sebastião Marques . . . . .	18	Empregado do comércio.
17	Manuel Borges . . . . .	28	Criado.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DE ENSINO LIVRE DO ALTO DO PINA

Curso diurno

Professor, Pedro António Bernardino

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões dos pais
1	Marcolino Cardoso . . . . .	9	Carpinteiro.
2	Luís Cardoso . . . . .	7	Carpinteiro.
3	Carmen de Azevedo . . . . .	7	Carpinteiro.
4	António Luís Cego . . . . .	7	Peixeiro.
5	Rafael José da Rocha . . . . .	8	Sapateiro.
6	Eduardo Domingos Rodrigues . . . . .	9	Pedreiro.
7	Margarida da Conceição Dias . . . . .	7	Pintor.
8	Luís Gonçalves . . . . .	7	Fundidor.
9	Adelaide Massas . . . . .	9	Serralheiro.
10	Armando Massas . . . . .	11	Serralheiro.
11	João Pedro . . . . .	7	Pedreiro.
12	Gertrudes da Silva Pedro . . . . .	10	Pedreiro.
13	Manuel Ferreira Gonçalves . . . . .	12	Carregador.
14	Júlio Lima . . . . .	11	Sapateiro.
15	Adélia Lima . . . . .	9	Sapateiro.
16	Servo da Silva Mendes . . . . .	7	
17	Deolinda Cândida de Oliveira . . . . .	9	
18	Lucília Emília do Amaral . . . . .	10	Continuo.
19	Lutero Augusto do Amaral . . . . .	12	Continuo.
20	Natália do Nascimento Bonito . . . . .	11	Jardineiro.
21	Julietta da Conceição Ferreira . . . . .	10	Jardineiro.
22	Avelino Felício . . . . .	7	Serralheiro.
23	João de Matos . . . . .	9	Trabalhador.
24	Mabília de Matos . . . . .	8	Trabalhador.
25	Armando Brito e Costa . . . . .	7	Primeiro cabo artilheiro.
26	Dinis Aurélio da Silva . . . . .	7	Marceneiro.
27	Aníbal Pedro Cardoso . . . . .	9	Pedreiro.
28	Maria dos Santos . . . . .	8	Cordoeiro.
29	Teresa de Oliveira . . . . .	10	Tecelão.
30	Irene de Oliveira . . . . .	7	Tecelão.
31	João Nunes Botica . . . . .	9	Carpinteiro.
32	Luisa Delgado Lourença . . . . .	8	Serralheiro.
33	Hortense Nunes Cleto . . . . .	11	Estucador.
34	Antónis Ferreira Cleto . . . . .	12	Estucador.
35	Irene da Silva . . . . .	9	Segundo sargento.
36	Américo Simões Capela . . . . .	9	Carpinteiro.
37	Maria Rosa Borges . . . . .	11	Pedreiro.
38	Raúl Jesus Rodrigues . . . . .	6	Moço de fretes.
39	Emília Jorge Borges . . . . .	7	Sapateiro.
40	José Dias . . . . .	9	Mecânico.
41	António Dias . . . . .	8	Mecânico.
42	Felicíssimo Simões . . . . .	8	Encadernador.
43	Maria de Jesus Rodrigues . . . . .	10	Moço de fretes.
44	Carlos da Cruz . . . . .	9	
45	Deolinda Pereira dos Santos . . . . .	11	Correioiro.

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões dos pais
46	Arlete Pereira dos Santos. . . .	8	Correeiro.
47	Eduardo Augusto da Costa . . . .	6	Alfaiate.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DE ENSINO LIVRE DO ALTO DO PINA

Curso nocturno

Professor, Pedro António Bernardino

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	José da Silva Mendes . . . . .	13	Canteiro.
2	Alfredo Baptista . . . . .	14	Aprendiz de carpinteiro.
3	Manuel Joaquim Soares . . . . .	34	Pedreiro.
4	Engrácia Maria Alves . . . . .	13	Costureira.
5	João Alves . . . . .	12	
6	Américo Alvém . . . . .	14	Canteiro.
7	José Morais Sarmiento . . . . .	16	Pintor.
8	Mário do Carmo Lajes . . . . .	14	Sapateiro.
9	Maria do Carmo Lajes . . . . .	13	Costureira.
10	Maria da Purificação Lajes . . . . .	12	Doméstica.
11	José Maria da Cruz . . . . .	12	Cordoeiro.
12	Cristiana Cadima . . . . .	13	Tecelã.
13	Antonio Paixão . . . . .	13	Servente.
14	Josefa Paixão . . . . .	14	Costureira.
15	José de Andrade . . . . .	32	Carpinteiro.
16	Bento Pereira . . . . .	32	Carpinteiro.
17	Augusto Inácio . . . . .	13	Servente.
18	Bemvinda Henrique Inácio . . . . .	16	Ajuntadeira.
19	Bonifácio da Cruz . . . . .	12	Empregado de escritório.
20	Aida Palmira Saldanha . . . . .	24	Doméstica.
21	Manuel Joaquim Fava . . . . .	12	Aprendiz de sapateiro.
22	João Botica . . . . .	14	Fasqueador.
23	Júlio Gonçalves Costa . . . . .	14	Pintor.
24	Eduardo Marques . . . . .	30	Contínuo.
25	António Lobato . . . . .	26	Pedreiro.
26	Ester da Silva Mendes . . . . .	15	Criada.
27	Maria do Carmo . . . . .	16	Doméstica.
28	Henrique dos Santos . . . . .	14	Aprendiz de carpinteiro.
29	Albanó Pereira . . . . .	15	Servente.
30	Mário Bento . . . . .	13	Servente.
31	Trindade Lopes de Carvalho . . . . .	17	Modista.
32	Firmo Lopes de Carvalho . . . . .	15	
33	José Rodrigues da Silva . . . . .	15	Servente.
34	João da Cruz . . . . .	19	Escriturário.
35	Diamantino de Sousa . . . . .	12	
36	Etelvina da Conceição Alves . . . . .	22	Cigarreira.
37	Eduardo Alves . . . . .	31	Soldador.
38	Balmira de Matos . . . . .	12	Doméstica.
39	Leopoldo de Matos . . . . .	11	
40	José Marques e Silva . . . . .	17	Sapateiro.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DO ALTO DO VAREJÃO

Curso nocturno

Professora, Elvira Adelaide Reis Duarte

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Quintina Ramos . . . . .	19	Fabricanta.
2	Alberto Gomes . . . . .	13	Marceneiro.
3	Cora da Silva Simões . . . . .	14	Estudante.
4	Olívia Viegas . . . . .	18	Fabricanta.
5	Isabel Gomes . . . . .	11	Doméstica.
6	Emília Gomes . . . . .	18	Fabricanta.
7	Isabel Barroso . . . . .	21	Fabricanta.
8	Deolinda Elisa dos Santos . . . . .	17	Fabricanta.
9	Alexandra Palmira . . . . .	11	Estudante.
10	Berta Marques . . . . .	13	Fabricanta.
11	José Marques Júnior . . . . .	10	Cordoeiro.
12	António Marques . . . . .	8	Estudante.
13	Maria da Piedade . . . . .	20	Doméstica.
14	Teresa da Conceição . . . . .	19	Fabricanta.
15	Sebastião José Coutinho . . . . .	15	Marceneiro.
16	Engrácia dos Santos . . . . .	16	Fabricanta.
17	José Augusto de Sousa . . . . .	13	Cordoeiro.
18	Jacinto Rodrigues Pratas . . . . .	12	Estudante.
19	Felismina Maria de Oliveira . . . . .	34	Doméstica.
20	Maria Justina . . . . .	13	Costureira.
21	Francisco da Cruz . . . . .	21	Trabalhador.
22	Augusto da Veiga . . . . .	17	Trabalhador.
23	José da Silva Nogueira . . . . .	19	Serralheiro.
24	Norberto Pires . . . . .	19	Trabalhador.
25	Faustino Correia Aguiar . . . . .	20	Marceneiro.
26	José de Oliveira . . . . .	17	Marceneiro.
27	José Miguel de Oliveira . . . . .	18	Serralheiro.
28	Aurora Elisa dos Santos . . . . .	19	Costureira.
29	José Alves do Couto . . . . .	15	Serralheiro.
30	Tomás dos Santos . . . . .	21	Trabalhador.
31	Alberto de Oliveira . . . . .	19	Barbeiro.
32	Alvaro Pinto Salgado . . . . .	15	Serralheiro.
33	José da Gama . . . . .	14	Estudante.
34	Manuel de Almeida . . . . .	17	Serralheiro.
35	António Fernandes . . . . .	15	Serralheiro.
36	Emília Santos . . . . .	18	Fabricanta.
37	Ana Cravo . . . . .	25	Cigarreira.
38	Celeste Cravo . . . . .	11	Estudante.
39	Lúcia Isabel dos Santos . . . . .	12	Estudante.
40	Francisco Correia Aguiar . . . . .	17	Trabalhador.
41	Afonso da Encarnação . . . . .	14	Marceneiro.
42	Josefa Maria . . . . .	22	Cigarreira.
43	Adelino Augusto da Cunha . . . . .	18	Serralheiro.
44	António Luis Amaral . . . . .	31	Trabalhador.
45	Isaul Correia Aguiar . . . . .	24	Tecelão.
46	António Marques . . . . .	22	Trabalhador.



Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
47	Natália da Conceição . . . . .	21	Cigarreira.
48	Silvéria Viegas . . . . .	13	Doméstica.
49	António Viegas . . . . .	22	Serralheiro.
50	Margarida Marques . . . . .	22	Cigarreira.
51	Manuel Maurício . . . . .	10	Estudante.
52	Luís António Oliveira . . . . .	23	Marceneiro.
53	Angelino Pratas . . . . .	24	Sapateiro.
54	Adelina Gama . . . . .	9	Estudante.
55	Quintina Ramos . . . . .	19	Fabricanta.
56	Albano dos Santos . . . . .	19	Serralheiro.
57	Raúl Ferreira . . . . .	19	Trabalhador.
58	Manuel Simões Ribeiro . . . . .	12	Cordoeiro.
59	Fernando Assunção . . . . .	15	Marceneiro.
60	Henrique dos Santos . . . . .	17	Serralheiro.
61	Vitalina da Silva Simões . . . . .	10	Estudante.
62	Isaura Cândida Cabral . . . . .	16	Doméstica.
63	Bruno Simões Ribeiro . . . . .	10	Estudante.
64	Beatriz da Conceição . . . . .	21	Cigarreira.
65	Isaura da Conceição . . . . .	16	Doméstica.
66	Albertina da Glória . . . . .	17	Cigarreira.
67	Silvina do Nascimento . . . . .	15	Doméstica.
68	Adelino dos Santos . . . . .	13	Doméstica.
69	João Martins . . . . .	12	Estudante.
70	João Setil . . . . .	14	Cordoeiro.
71	Faustino Cravo . . . . .	15	Trabalhador.
72	Guilherme da Silva . . . . .	11	Sapateiro.
73	Homero Dias Vieira . . . . .	12	Sapateiro.
74	Emília Nascimento dos Santos . . . . .	10	Estudante.
75	Blandina Araújo . . . . .	17	Doméstica.
76	Henrique Simões Ribeiro . . . . .	10	Estudante.
77	Aurora de Jesus . . . . .	11	Estudante.
78	Amadeu Alberto . . . . .	16	Serralheiro.
79	Joaquim da Silva Rodrigues . . . . .	12	Estudante.
80	Joaquim dos Reis . . . . .	13	Estudante.
81	António Vieira . . . . .	10	Estudante.
82	Manuel Augusto Baeta Ramos . . . . .	13	Estudante.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

CANTINA ESCOLAR DE S. MIGUEL

Curso noturno (analfabetos)

Professora, D. Lindanor Celeste Baião da Costa Loureiro

Números da ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Ilda da Conceição . . . . .	13	Doméstica.
2	Américo Santos . . . . .	12	Aprendiz de funileiro.
3	Emília Dias . . . . .	16	Doméstica.
4	Carlos Silva Lapa . . . . .	9	Vendedor de jornais.
5	António Francisco . . . . .	9	Canteleiro.
6	António dos Santos . . . . .	7	Aprendiz de sapateiro.
7	Maria do Carmo . . . . .	12	Aprendiza de costureira.
8	Ilda do Carmo . . . . .	10	Aprendiza de costureira.
9	Jaime Dias . . . . .	15	Aprendiz de marceneiro.
10	Carlos Silva . . . . .	8	Canteleiro.
11	Lucinda da Conceição . . . . .	13	Doméstica.
12	Adelaide da Conceição . . . . .	14	Doméstica.
13	Sertório A. Alves Marques . . . . .	10	Canteleiro.
14	Olimpia Marques . . . . .	8	Canteleira.
15	Amélia Pinto . . . . .	8	Doméstica.
16	Maria do Céu . . . . .	12	Aprendiza de costureira.
17	Carlos Anjos Cordeiro . . . . .	11	Aprendiz de chapeleiro.
18	Francisco de Almeida . . . . .	12	Aprendiz de torneiro.
19	Silvina Inês . . . . .	14	Costureira.
20	Maria Pereira . . . . .	12	Doméstica.
21	Luís Albuquerque . . . . .	10	Aprendiz de marceneiro.
22	Francisco Gonçalves Faria . . . . .	12	Aprendiz de sapateiro.
23	Ilda Faria . . . . .	9	Doméstica.
24	João Dias . . . . .	10	Aprendiz de sapateiro.
25	Lucinda de Jesus . . . . .	9	Doméstica.
26	Mauuel Ferreira . . . . .	9	Canteleiro.
27	Silvino Barbosa . . . . .	8	Vendedor de jornais.
28	Joaquim Santos . . . . .	7	Aprendiz de canasteiro.
29	Arminda Jesus . . . . .	9	Doméstica.
30	Albertina Barros . . . . .	12	Doméstica.
31	Dolores Luísa . . . . .	12	Peixeira.
32	António Simões . . . . .	13	Aprendiz de marceneiro.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

CANTINA ESCOLAR DE S. MIGUEL

Curso noturno (de aperfeiçoamento)

Professora, D. Virginia Ribeiro da Fonseca

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Sebastião A. Pereira . . . . .	33	Trabalhador.
2	Feliciano D. Carreiros . . . . .	13	Vendedor de jornais.
3	Jequílina de Jesus . . . . .	44	Doméstica.
4	Manuel Santos Sequeira . . . . .	25	Empregado no comércio.
5	Joaquim Coelho . . . . .	34	Trabalhador
6	Antonio Rodrigues . . . . .	28	Empregado no pôrto de Lisboa.
7	Emílio Marques Guimarães . . . . .	17	Aprendiz de serralheiro *.
8	José Lopes . . . . .	16	Aprendiz de torneiro *.
9	Filomena Augusta . . . . .	18	Empregada na Fábrica de Tabacos.
10	Beatriz Coelho . . . . .	19	Empregada na Fábrica de Tabacos.
11	Joaquim Costa . . . . .	18	Vendedor de jornais *.
12	Domingos Alves . . . . .	18	Trabalhador.
13	Carlos Américo Baptista . . . . .	16	Cauteleiro.
14	Joaquim Alves . . . . .	15	Aprendiz de funileiro.
15	Carlos Augusto Santos . . . . .	26	Trabalhador.
16	António Marques Marcelino . . . . .	23	Trabalhador.
17	Manuel Lopes . . . . .	16	Marçano.
18	António Gouveia Franco . . . . .	33	Empregado nas Cozinhas Económicas.
19	Jerónimo Canário . . . . .	34	Empregado nas Cozinhas Económicas.
20	Manuel da Mota . . . . .	13	Trabalhador *.
21	Albino Vieira de Araújo . . . . .	17	Aprendiz de serralheiro *.
22	António José da Costa . . . . .	40	Marinheiro.
23	Mário Gonçalves . . . . .	16	Tipógrafo *.
24	António Maria . . . . .	18	Sapateiro *.
25	Augusto Marques . . . . .	17	Aprendiz de sapateiro *.
26	Alvaro Garcia . . . . .	19	Aprendiz de sapateiro *.
27	António Rocha . . . . .	16	Torneiro.
28	Mário Trindade . . . . .	18	Vendedor de jornais.
29	João Serpa . . . . .	19	Trabalhador.
30	Manuel Mendes . . . . .	17	Trabalhador.
31	Maria José Ferreira . . . . .	21	Doméstica.

O asterisco indica os alunos que têm a classificação de óptimo e estão apartados para exames de 1.º e 2.º grau.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA-CANTINA DR. MANUEL DE ARRIAGA

Curso noturno

Professora,

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Alexandre de Campos Moita . . . . .	18	Serralheiro.
2	Luís da Costa . . . . .	18	Serralheiro.
3	José Figueiredo . . . . .	16	Empregado no comércio.
4	Teófilo Costa . . . . .	16	Merceneiro.
5	Mário Costa . . . . .	14	Carpinteiro.
6	Manuel Rodrigues . . . . .	17	Empregado no comércio.
7	Poliecarpo Nunes Henriques . . . . .	19	Latociro.
8	João Pereira . . . . .	13	Empregado no comércio.
9	Dionísio Azevedo . . . . .	14	Serralheiro.
10	Júlio Campos . . . . .	14	Carpinteiro.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ASSOCIAÇÃO ESCOLAR DE ENSINO LIBERAL

Curso de analfabetos

Professora, D. Georgina Lourenço

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Alberto Neves . . . . .	14	Empregado da Câmara.
2	José Barata . . . . .	15	Empregado da Câmara.
3	António Dias . . . . .	18	Estudador.
4	Alice Mata . . . . .	22	Costureira.
5	Manuel Noronha . . . . .	18	Servente de pedreiro.
6	Manuel Jacinto . . . . .	14	Empregado da Câmara.
7	Manuel Luís . . . . .	19	Empregado da Câmara.
8	Augusto Martins . . . . .	19	Serralheiro.
9	Alberto Duarte . . . . .	17	Sapateiro.
10	Artur Duarte . . . . .	11	Aprendiz de sapateiro.
11	Artur Barata . . . . .	12	Ferro velho.
12	Raquel do Carmo Belas . . . . .	16	Modista.
13	Cândida Gomes . . . . .	17	Operária.
14	Natália Pereira da Silva . . . . .	12	Doméstica.
15	João Dias . . . . .	13	Serralheiro.
16	David Afonso Branco . . . . .	19	Pintor.
17	Armindo Afonso Branco . . . . .	14	Canteiro.
18	Manuel Vicente . . . . .	32	Jardineiro.
19	Isidoro Dias . . . . .	17	Sapateiro.
20	Albertina da Silva . . . . .	19	Costureira.
21	Torpes Alfredo dos Santos . . . . .	15	Aprendiz de electricista.
22	João Augusto Gomes . . . . .	13	Correio.
23	Franklin de Almeida . . . . .	16	Empregado da Câmara.
24	Constantino Ferreira . . . . .	17	Pintor de carruagens.
25	João Gonçalves . . . . .	16	Serralheiro.
26	Alfredo da Silva . . . . .	12	Sapateiro.
27	Carlos Pinto . . . . .	13	Serralheiro.
28	Manuel Ferreira . . . . .	31	Jardineiro.
29	Augusto Pereira . . . . .	14	Carpinteiro.
30	Mário da Silva Mourão . . . . .	14	Carpinteiro.
31	Eduardo Esteves . . . . .	14	Ajudante de pintor.
32	Henrique Caetano . . . . .	29	Jardineiro.
33	António Gomes . . . . .	20	Pedreiro.
34	Faustino da Silva . . . . .	12	Serralheiro.
35	Pedro da Silva . . . . .	17	Pedreiro.
36	Maria Assunção Silva . . . . .	29	Cozinheira.
37	Armando Lopes Monteiro . . . . .	14	Canteiro.
38	Francisco Misael Ferreira . . . . .	15	Carpinteiro.
39	Manuel Alcântara . . . . .	12	Aprendiz de sapateiro.
40	Carlos Santos . . . . .	14	Aprendiz de serralheiro.
41	José Francisco . . . . .	13	Aprendiz de sapateiro.
42	João Ferreira . . . . .	17	Alfaiate.
43	Manuel Joaquim Gomes . . . . .	17	Operário.
44	Duarte da Silva . . . . .	19	Servente de pedreiro.
45	Maria da Silva . . . . .	13	Alfaiate.
46	Luís Pinto . . . . .	14	Empregado da drogaria.

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
47	Joaquim Faria de Assunção . . . .	11	Aprendiz de sapateiro.
48	Francisco da Silva . . . . .	14	Burnidor de fôlha.
49	Júlio da Silva Pereira . . . . .	14	Burnidor de fôlha.
50	Adelino Alves da Fonseca . . . .	23	Barbeiro.
51	José Francisco Calçada . . . . .	16	Aprendiz de carpinteiro.
52	José Guilherme da Costa . . . . .	17	Polidor.
53	Lino dos Santos . . . . .	17	Pedreiro.
54	José Gomes . . . . .	19	Cordador.
55	Antônio dos Santos . . . . .	26	Trabalhador.
56	Daniel Marques . . . . .	23	Empregado da Câmara.
57	Abílio Ferreira . . . . .	15	Funileiro.
58	Raúl Ferreira . . . . .	14	Servente de pedreiro.
59	Américo Francisco Castanheira . .	10	Aprendiz de maleiro.
60	José Francisco Castanheira . . . .	14	Aprendiz de maleiro.
61	Jerônimo Ventura . . . . .	19	Empregado da Câmara.
62	José dos Santos . . . . .	34	Servente de pedreiro.
63	Gabriel Ferreira . . . . .	17	Electricista.
64	Silva Ramos . . . . .	20	Serralheiro.
65	José dos Santos . . . . .	18	Sapateiro.
66	Inácio Silva . . . . .	25	Empregado de escritório.
67	Angelo da Silva . . . . .	22	Serralheiro.
68	Clarisse Pimentel . . . . .	17	Doméstica.
69	João Rodrigues . . . . .	13	Servente de estuador.
70	Manuel Marques . . . . .	13	Empregado no comércio.
71	Aldina Pimentel . . . . .	13	Doméstica.
72	Odócia de Jesus . . . . .	14	Doméstica.
73	Plácido dos Santos . . . . .	16	Aprendiz de sapateiro.
74	Jaine Augusto Fernandes . . . . .	32	Calceteiro.
75	Luis Ribeiro Dinis . . . . .	12	Bate-fôlha.
76	Antônio Gonçalves Louro . . . . .	18	Maquinista.
77	Júlio Pires Figueiredo . . . . .	10	Operário.
78	José Francisco . . . . .	16	Moço de recados.
79	Francisco Henriques de Oliveira . .	14	Sapateiro.
80	Joaquim dos Santos Gil . . . . .	11	Sapateiro.
81	Antonio Luis Caldeirita . . . . .	24	Soldado.
82	Manuel António . . . . .	14	Leiteiro.
83	Joaquim Nunes . . . . .	15	Aprendiz de pintor.
84	Carlos Pinto . . . . .	18	Sapateiro.
85	Manuel Gonçalves das Anjos . . . .	22	Empregado da Câmara.
86	Manuel Elói . . . . .	12	Casquinheiro.
87	Francisco da Silva Elói . . . . .	10	Sapateiro.
88	José Joaquim da Fruntura . . . . .	33	Soldado-ferrador.
89	Madalena de Jesus . . . . .	13	Dama de companhia.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ASSOCIAÇÃO ESCOLAR DE ENSINO LIBERAL

Curso de aperfeiçoamento

Professora, D. Albertina Lourenço

Números de ordem	Nomes	Idade	Profissões
1	Maria Amélia Mendes Mata . . . . .	19	Doméstica.
2	António Gonçalves . . . . .	16	Impressor.
3	Luís Geraldês Drago . . . . .	14	Serralheiro.
4	Guilherme Duarte Ferreira . . . . .	12	Correioiro.
5	Raúl Duarte Ferreira . . . . .	10	Casquinheiro.
6	Manuel Pedro Dinis . . . . .	13	Casquinheiro.
7	António Martins . . . . .	18	Empregado no comércio.
8	Joaquim Gomes de Brás . . . . .	17	Empregado no comércio.
9	Rodrigo Lanta . . . . .	18	Carpinteiro.
10	Cândido Tavares . . . . .	15	Estucador.
11	Júlio Pancadares . . . . .	13	Jardineiro.
12	Ramiro Vieira . . . . .	14	Empregado no comércio.
13	Joaquim Augusto Malheiros . . . . .	15	Aprendiz de dentista.
14	João Marques da Silva . . . . .	14	Sapateiro.
15	Francisco Roberto Salomão . . . . .	15	Serralheiro civil.
16	Eugénio Pereira . . . . .	15	Alfaiate.
17	José Figueiredo Correia . . . . .	15	Empregado no comércio.
18	Cândido de Araújo Correia . . . . .	30	Pintor.
19	Germão José de Almeida . . . . .	20	Chapeleiro.
20	António da Cunha Roque . . . . .	14	Sapateiro.
21	Francisco Gomes . . . . .	15	Empregado no matadouro.
22	Zózimo Dias Garção . . . . .	13	Criado.
23	Armando Dias Garção . . . . .	15	Serralheiro.
24	Artur Barata . . . . .	12	Empregado no comércio.
25	José Alves da Fonseca . . . . .	15	Barbeiro.
26	Manuel Fernandes Carlos . . . . .	11	Construção civil.
27	Francisco da Silva . . . . .	12	Construção civil.
28	Fabício da Cunha Roque . . . . .	28	Sapateiro.
29	Cristina da Conceição . . . . .	19	Empregado no comércio.
30	António Passos . . . . .	19	Empregado no comércio.
31	Pedro da Silva . . . . .	17	Serralheiro.
32	Maria Pia Mendes Silva . . . . .	10	Doméstica.
33	Francisco Neves . . . . .	13	Encadernador.
34	Américo Gonçalves . . . . .	12	Casquinheiro.
35	João Tóbio Tablas . . . . .	19	Polidor de pianos.
36	Francisco Mateus . . . . .	29	Empregado no comércio.
37	Francisco Antunes Marcos . . . . .	35	Empregado público.
38	Elias Vicente . . . . .	18	Carpinteiro.
39	Francisco Esteves . . . . .	15	Empregado no comércio.
40	Alberto Gaspar . . . . .	12	Caixeiro.
41	Manuel Mateus . . . . .	24	Carteiro.
42	Jaime das Mercês . . . . .	12	Empregada de escritório.
43	Abílio Monteiro . . . . .	16	Pedreiro.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DE PALMA DE CIMA

Curso diurno

Professora, D. Maria do Carmo Grova

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões dos pais
1	Américo da Conceição . . . . .	8	Funileiro.
2	Francisco Nunes Ribeiro . . . . .	7	Comerciante.
3	António Roque . . . . .	10	Peixeiro.
4	Miguelina Gonçalves . . . . .	7	Pedreiro.
5	Casimiro Ribeiro . . . . .	7	Leiteiro.
6	Antonio Oliveira . . . . .	7	Forneiro.
7	José Soares . . . . .	9	Trabalhador.
8	Luís Vasques . . . . .	9	Empregado no hospita!
9	Carlos Félix . . . . .	6	Carpinteiro.
10	Armando Vasques . . . . .	5	Empregado no hospital.
11	Laurinda da Conceição . . . . .	6	Forneiro.
12	António Rodrigues . . . . .	7	Maquinista.
13	José Moreira . . . . .	8	Pedreiro.
14	Manuel Plácido . . . . .	9	Trabalhador.
15	Ermelinda da Conceição . . . . .	6	Funileiro.
16	Leopoldina Gomes . . . . .	7	Trabalhador.
17	Augusto Jerónimo . . . . .	6	Carpinteiro.
18	Manuel Ribeiro . . . . .	5	Leiteiro.
19	José Ribeiro . . . . .	6	Leiteiro.
20	Maria Ferreira . . . . .	8	Oleiro.
21	Emília de Oliveira . . . . .	9	Ferro velho.
22	João de Oliveira . . . . .	6	Ferro velho.
23	Jaimo Rabaça . . . . .	6	Carpinteiro.
24	Armando Rabaça . . . . .	7	Carpinteiro.
25	Augusto Santos . . . . .	9	Canteiro.
26	Joaquim Baptista . . . . .	8	Empregado.
27	Domingos Correia . . . . .	6	Canteiro.
28	Maria Rocha . . . . .	6	Peixeiro.
29	Alcinda Ferreira . . . . .	6	Trabalhador.
30	João Baptista . . . . .	7	Canteiro.
31	Jaimo da Conceição . . . . .	6	Funileiro.
32	Maria Silva . . . . .	8	Pedreiro.
33	Maria Trovão . . . . .	6	Trabalhador.
34	Pilar de Almeida . . . . .	6	—
35	Natalina Moreira . . . . .	5	Pedreiro.
36	Aurora Sequeira . . . . .	7	Pedreiro.
37	João Ferreira . . . . .	9	Carroceiro.
38	António Nunes . . . . .	7	—
39	Carlos Oliveira . . . . .	9	Pedreiro.
40	Alfredo Moreira . . . . .	7	Serralheiro.
41	Manuel Moreira . . . . .	6	Serralheiro.
42	Avellino Ferreira . . . . .	7	Pedreiro.
43	José Vaquinhas . . . . .	6	—
44	Francisco Gomes . . . . .	6	Trabalhador.
45	Mariana Pires . . . . .	7	—
46	Maria Rocha . . . . .	10	Cauteleiro.



Número de ordem	Nomes	Idades	Profissões dos pais
47	Henrique Félix . . . . .	6	Trabalhador.
48	Rodrigo Ferreira . . . . .	6	Pedreiro.
49	Guilherme Vieira . . . . .	9	Pintor.
50	Valentim Vieira . . . . .	7	Pintor.
51	João Barroso Baptista . . . . .	9	Pedreiro.
52	Maria da Luz . . . . .	7	—
53	Carlos Monteiro . . . . .	7	Ferro velho.
54	José Gomes . . . . .	6	Trabalhador.
55	Rosendo Lourenço . . . . .	5	Forjador.
56	Manuel Plácido . . . . .	9	Trabalhador.
57	Sebastião Rodrigues . . . . .	5	Maquinista.
58	Raquel Almeida . . . . .	9	—
59	Júlio Santos . . . . .	5	Trabalhador.
60	Mário Lopes . . . . .	5	Estucador.
61	Hortense Nunes . . . . .	6	Pedreiro.
62	Carlos Silva . . . . .	6	Estucador.
63	Horácio Lopes . . . . .	6	Sapateiro.
64	Sebastião Paco . . . . .	7	Marchante.

## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DE PALMA DE CIMA

Curso nocturno

Professor, Pedro da Costa

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	João Dias . . . . .	15	Serralheiro.
2	João Simões . . . . .	22	Servente.
3	José Afonso . . . . .	25	Pedreiro.
4	António Martins . . . . .	23	Servente.
5	Mário Soares . . . . .	9	—
6	José Soares . . . . .	7	—
7	Jaime Silva Lucas . . . . .	9	Carroceiro.
8	José Ribeiro da Silva . . . . .	11	Canteiro.
9	Augusto Nunes . . . . .	11	—
10	José Valcía . . . . .	18	Trabalhador.
11	José Bentes . . . . .	16	Servente.
12	Armando Pais . . . . .	12	—
13	Fernando Pais . . . . .	14	—
14	Mário Silva . . . . .	10	—
15	Raúl Jorge . . . . .	18	Servente.
16	Domingos Martins . . . . .	25	Pedreiro.
17	Francisco J. Fonseca . . . . .	12	Ouriças.
18	Francisco Coelho . . . . .	26	Pedreiro.
19	José Henriques . . . . .	12	Servente.
20	António Correia . . . . .	28	Trabalhador.
21	José de Azevedo . . . . .	19	Trabalhador.
22	Raúl Joaquim da Silva . . . . .	8	—
23	Francisco Coelho . . . . .	27	Pedreiro.
24	António Henriques . . . . .	30	Pedreiro.

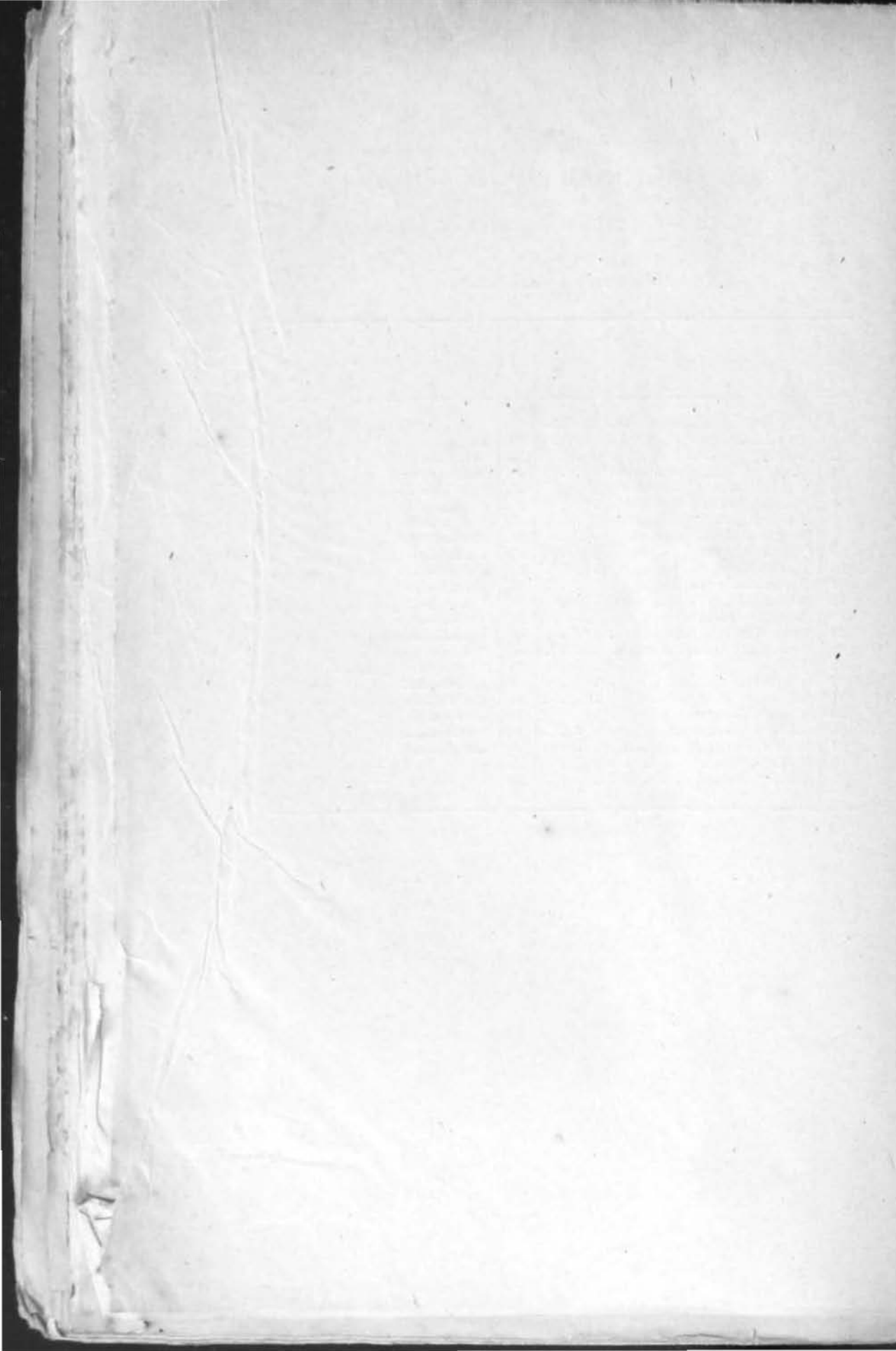
## LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DO CENTRO SOCIALISTA DE LISBOA

Curso nocturno

Professora, Francisca Romero

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Tiago Bernardino . . . . .	17	Aprendiz de carpinteiro.
2	Dionísio Pedro. . . . .	21	Pedreiro.
3	José Filipe . . . . .	16	Marçano.
4	Américo Pelásio . . . . .	14	Marceneiro.
5	Apolinário Gonçalves. . . . .	14	Aprendiz de bonés.
6	Mamuel António Pereira . . . . .	20	Pasteleiro.
7	César Pedro Mendonça . . . . .	14	Aprendiz de carpinteiro.
8	Augusta Maria Moreira. . . . .	22	Costureira.
9	Maria Octávia . . . . .	23	Costureira.
16	Carlos Ramos . . . . .	15	Carpinteiro.
17	Joaquim Pereira Lopes. . . . .	31	Serralheiro.
18	Antonio Dias de Carvalho . . . . .	17	Vendedor.
19	António Maria. . . . .	18	Trabalhador.
20	José Maria de Almeida. . . . .	44	Trabalhador.
21	João José Gomes Moreira. . . . .	13	Polidor.
22	Antonio Guilherme. . . . .	18	Vendedor ambulante.
23	Deodata da Graça . . . . .	34	Enfermeira.
24	Júlia dos Reis Correia . . . . .	21	Doméstica.
25	César Fonseca. . . . .	18	Guarda.
26	Júlio Veríssimo . . . . .	18	Serralheiro.
27	Adelino Martins Teixeira. . . . .	27	Litógrafo.
28	João Teixeira . . . . .	12	—
29	Alberto Teixeira. . . . .	19	—



# LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

Extracto dos seus estatutos  
aprovados pelos sócios fundadores

## Constituição, fins e organização

Artigo 1.º É criada com sede em Lisboa uma associação de carácter civil, intitulada—*Liga Nacional de Instrução*.

Art. 2.º Os fins desta associação são os seguintes:

1.º Promover o melhoramento da instrução nacional em todos os seus ramos, principalmente no primário e popular;

2.º Fazer o cadastro do analfabetismo em Portugal por freguesias, concelhos e distritos, servindo-se para esse fim de núcleos paroquiais, concelhos e distritais;

3.º Promover, segundo as necessidades locais, subsídios de roupa e alimento às crianças pobres para que possam frequentar a escola com proveito;

4.º Providenciar de maneira que se obtenha bom professorado primário masculino e feminino para as escolas fundadas ou auxiliadas pela Liga e em geral para todas as escolas primárias, melhorando, e tornando-a como deve ser, a sua situação material e social;

5.º Criar escolas primárias modelos para os dois sexos;

6.º Estabelecer colégios modelos da instrução secundária masculina e feminina;

7.º Criar estabelecimentos de artes e officios de ensino gratuito, para alunos de ambos os sexos, segundo o sistema da *Humanitária* de Milão e da *Ons Huis* (Nossa Casa) de Amsterdam;

8.º Promover a transformação radical da actual escola primária, já pelo melhoramento das condições higiénicas e pela modificação da sua instalação material, já pela implantação de novos e mais racionais métodos de ensino, já pela remodelação dos programas;

9.º Promover o desenvolvimento da educação física nas escolas por meio de trabalhos manuais, cantos corais, gymnástica, jogos, etc.;

10.º Promover a criação, junto das escolas, de cantinas escolares, caixas escolares e caixas económicas;

11.º Fornecer aos núcleos locais o material pedagógico de que elles careçam;

12.º Promover a fundação de escolas móveis de instrução primária, de ensino agrícola e de educação geral e doméstica;

13.º Promover o desenvolvimento das chamadas universidades populares, procurando formar o respectivo núcleo de conferentes;

14.º Promover a fundação e o desenvolvimento de bibliotecas populares e a composição de livros originaes ou de traduções a ellas destinadas;

15.º Promover a criação de laboratórios de química, de gabinetes de física, de museus de história natural, de mostruários e museus industriais, agrícolas e coloniais, adequados à instrução popular;

16.º Promover a reunião de congressos pedagogicos, onde possam ser discutidas todas as questões que interessam à educação e instrução da criança e do povo;

17.º Representar perante os poderes públicos sobre todos os pontos que a Liga entenda serem úteis ao progresso da instrução em Portugal;

18.º Organizar publicações, conferências e festas de propaganda;

19.º Propagar a *Festa da Arvore* em todo o país como elemento de alto valor educativo e económico.

Art. 3.º A *Liga Nacional de Instrução* compõe-se de todos os indivíduos de ambos os sexos que, independentemente das suas ideas políticas ou religiosas e sem delas abdicar, desejem concorrer para a realização dos fins da Liga.

Art. 4.º A Liga terá a forma federativa, compondo-se de todas as associações de instrução já existentes que queiram aderir a este plano e de quaisquer outras que venham a constituir-se, ou por iniciativa local ou fundadas pela Liga nas diversas localidades.

Art. 5.º Estas associações serão núcleos autónomos locais, ligados ao núcleo de Lisboa, centro directório da Liga, para d'êle receberem a orientação e para fins de mútuo auxilio pedagógico e pecuniário.

§ 1.º Cada núcleo local terá a sua direcção composta pelo menos de um presidente, um secretário e um tesoureiro, escolhidos de entre os seus sócios por eleição, cujos resultados serão comunicados à Direcção Central da Liga.

§ 2.º Cada núcleo remeterá anualmente à Direcção Central da Liga um relatório dos seus trabalhos.

Art. 6.º Os núcleos locais têm o direito de se fazer representar por um delegado nos congressos anuais da Liga, nas reuniões especiais que a mesma Liga convocar para fins que interessem os progressos da sua instituição e nas sessões em que se proceda à eleição da direcção do núcleo central de Lisboa, que será a direcção superior da Liga.

Art. 7.º A Liga poderá adoptar um emblema figurativo que sirva para a representar e para distinguir os seus sócios, assim como uma bandeira que lhe seja própria.

Art. 8.º A Liga poderá conferir diplomas de honra aos indivíduos e às corporações que prestarem importantes serviços à causa da instrução.

## Primeira direcção da Liga

(Da primeira acta da assemblea geral de 22 de Maio de 1908)

A idea da fundação da Liga de Instrução foi aventada por Trindade Coelho na Associação dos Jornalistas, em 20 de Maio de 1906.

Os trabalhos públicos para a constituição da Liga e apresentação das suas bases começaram em 25 de Janeiro de 1907.

A Liga foi definitivamente criada em 10 de Março de 1907, mas só em 2 de Maio se procedeu à eleição da comissão executiva, que ficou composta de *Consiglieri Pedroso, Trindade Coelho, Borges Grainha e Vieira e Silva*.

Desligada a Liga de Instrução da Associação dos Jornalistas, elegeu em assemblea geral de 22 de Maio de 1908 a sua primeira direcção, que ficou assim constituída:

Presidente — Z. Consiglieri Pedroso.

Vice-Presidente — C. A. Marques Leitão.

Secretário Geral — M. Borges Grainha.

Secretários:

Dr. Trindade Coelho.

Eduardo Lima Basto.

Dr. Dória Nazaré.

Tesoureiro — Sebastião Vieira e Silva.

Vogais:

D. Emilia Patacho.

Dr. Sebastião da Costa Sa-  
cadura.

Padre António de Oliveira.

Joaquim José de Barros.

Joaquim Costa.

Luís da Mata.

Dr. Adolfo Lima.

Júlio Cardona.

## Comissão revisora de contas

Efectivos:

Presidente — A. Pereira de Mi-  
randa.

Vogais:

Luís Filipe da Mata.

José Pinheiro de Melo.

Substitutos:

João Romão de Matos.

José Cupertino Ribeiro Jú-  
nior.

Manuel V. Ribeiro Júnior.

**Comissões pedagógicas eleitas na assemblea geral  
realizada em 22 de Maio de 1908**

*Escolas maternas:*

Presidente—António Alfredo Alves.

Vogais:

Alfredo Soares.  
F. P. Pinto Ferreira.  
Tiago Nazaré.  
D. Sara Moutinho.

*Ensino profissional:*

Presidente—António Arroio.

Vogais:

Tomás Bordalo Pinheiro.  
Ivo de Carvalho.  
Maximiano Apolinário.  
Raúl Lino.

*Ensino agrícola:*

Presidente—D. Luís de Castro.

Vogais:

M. Sousa da Câmara.  
C. E. Melo Geraldês.  
J. M. Alves Torgo.  
Mário de Azevedo Gomes.

*Ensino colonial e marítimo:*

Presidente—Augusto de Castilho.

Vogais:

Ernesto de Vasconcelos.  
A. Pereira de Matos.  
José Joaquim de Almeida.  
J. Cunha Teles de Vasconcelos.

*Ensino comercial:*

Presidente—Patrício dos Prazeres.

Vogais:

João Carlos de Oliveira Leone.  
Antonio Bastos.  
J. G. Velinho Correia.  
José Faustino Rodrigues.

*Música e canto coral:*

Presidente—Teófilo Russell.

Vogais:

Tomás Borba.  
António Eduardo Ferreira.  
José Henrique dos Santos.  
Venceslau Pinto.

*Higiene:*

Presidente—Jaime Mauperrin Santos.

Vogais:

Samuel Maia.

Santos Jacob.  
Cassiano Neves.  
D. Adelaide Cabete.

*Educação física:*

Presidente—José Estêvão Moraes Sarmiento.

Vogais:

Pedro José Ferreira.  
Anibal Pinheiro.  
Alvaro Lacerda.  
Carlos Calisto.

*Educação cívica:*

Presidente—J. Matos Braamcamp.

Vogais:

César Pôrto.  
Alberto Ferreira Vidal.  
Jerónimo Miranda do Vale.  
António Ferrão.

*Educação feminina:*

Presidente—D. Ana de Castro Osório.

Vogais:

D. Beatriz Angelo.  
D. Amália Luazes.  
Dr. Correia Dias.  
Tomás Cabreira.

*Instrução primária:*

Presidente—Dr. Caracero de Moura.

Vogais:

Caetano Pinto.  
António Francisco dos Santos.  
Pedro José Teixeira.  
Simões Raposo.

*Instrução secundária:*

Presidente—José de Sousa Tavares.

Vogais:

Aratijo Lima.  
Adolfo Sena.  
Dr. Aurélio da Costa Ferreira.  
Agostinho Fortes.

*Instrução superior:*

Presidente—Dr. Teófilo Braga.

Vogais:

Dr. Rui Teles Palhinha.  
Verissimo de Almeida.  
António Maria Avelar.  
Dr. Bettencourt Ferreira.

### **Arquivo da Liga Nacional de Instrução :**

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida para a sede provisória da Liga — Sociedade de Geografia — Rua de Eugénio Santos — Lisboa.

O *Arquivo da Liga* será enviado gratuitamente aos sócios da Liga, associações congêneres, bibliotecas e outros estabelecimentos oficiais.

Avulso, \$20.

Série de 4 números, \$80.

#### **Comissão de redacção do «Arquivo» :**

C. A. Marques Leitão.  
Dr. Aníbal de Magalhães.  
Prof. M. Borges Grainha.

#### **Anúncios nas capas do «Arquivo» :**

Por contrato especial a Liga recebe anúncios relativos a assuntos pedagógicos, para serem publicados nas capas do seu *Arquivo*.

#### **Publicações :**

Toda a publicação enviada à Liga será mencionada neste *Arquivo* — tendo especial referência as de carácter pedagógico.

Permuta-se com todas as publicações que se ocupem dos interesses da instrução e educação.

---

### **Direcção da Liga Nacional de Instrução de Maio de 1916 a Maio de 1919**

Presidente — C. A. Marques Leitão.  
Vice-presidente — M. Borges Grainha.  
Secretário geral — Dr. Aníbal de Magalhães.  
Secretário — Agostinho de Almeida.  
Tesoureiro — Sebastião Vieira e Silva.

#### **Vogais :**

Dr. Santos Lucas.  
António Francisco dos Santos.  
António Ferrão.  
Dr. Adelino Furtado.  
António Bastos.  
Armando Correia Duarte Melo.  
Luís da Câmara Reis.  
José Alves de Oliveira.  
Joaquim José de Barros.

#### **Comissão revisora de contas**

Presidente — José Maria Freire.

#### **Vogais :**

António Pedro da Silva.  
Francisco Rodrigues Borges.

#### **Substitutos :**

José Alexandre Irwin.  
Boaventura José de Sousa.  
Fernando Cardoso Albuquerque.



## Bilhetes postais ilustrados da Liga de Instrução

1.<sup>a</sup> série—O ensino ménagère em Portugal

10 Postais reproduzindo fotografias enviadas pela Liga ao Congresso Ménagère de Gand em 1913, que apresentam aspectos das instalações e alguns trabalhos superiormente dirigidos, do Asilo de D. Pedro V (7 bilhetes) e Instituto Feminino de Odiveelas (3 bilhetes).

Todos os que se interessam por estes assuntos devem adquirir esta colecção, não só para auxiliar a propaganda de tam benéficas instituições, como para adquirirem a convicção de que em Portugal alguma coisa já se vai fazendo de útil no sentido da educação prática da mulher.

Cada colecção \$15—Um bilhete \$02

---

*Livraria FRANÇA & ARMÊNIO*

EDITORES

---

2 e 4, Arco de Almedina—Rua de Ferreira Borges, 77, 81

COIMBRA

---

*Esta casa recebe, apenas publicados, os livros mais importantes nacionais e estrangeiros, sobre todos os assuntos scientificos e litterarios.*

*Grande depósito de livros de Direito e Medicina, IMPRESSOS E MATERIAL ESCOLAR PARA USO DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS E NORMAIS fabricado em Coimbra, o mais perfeito que até hoje tem apparecido no mercado.*

---

ESPECIALIDADE EM ENCADERNAÇÕES

---

SATISFAZEM-SE PRONTAMENTE TODAS AS ENCOMENDAS

# Livraria FERREIRA

LISBOA—Rua Áurea, 132 a 138—LISBOA

Venda das publicações oficiais, depositários das obras de João de Deus e do Dicionário Prático Ilustrado (Séguier).

Livros nacionaes e estrangeiros, scientificos, literários e de estudo; mapas, esferas, artigos de desenho e todo o material escolar, etc.

PEÇAM-SE CATÁLOGOS

## Paulo Guedes & Saraiva

Rua Áurea, 80—LISBOA

### QUADROS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

COORDENADOS POR CHAGAS FRANCO E JOÃO SOARES

ILUSTRAÇÕES DE ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

*A colecção abrangendo 8 ciclos . . . . .* 8\$00  
*Cada ciclo . . . . .* 1\$20

Para a provincia acresce o porte e embalagem

#### PREÇO ESPECIAL POR ASSINATURA

*Colecção inteira paga no acto da subscrição e entregue à medida que se fôr publicando cada ciclo . . . . .* 7\$00  
*Colecção inteira paga à entrega do primeiro ciclo . . .* 7\$50  
*Cada ciclo pago à entrega . . . . .* 1\$10

Para o continente franco de porte e embalagem